

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica
Mestrado em Comunicação e Semiótica

**Ataques de riso politicamente incorretos
na mídia impressa brasileira**

Marcelo Jucá
São Paulo/2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Mestrado em Comunicação e Semiótica

**Ataques de riso politicamente incorretos
na mídia impressa brasileira**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica.

Orientador: Prof. Doutor Oscar Angel Cesarotto

Marcelo Jucá
São Paulo/2012

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

Depois de ler agradecimentos de outras dissertações, na busca de compreender a convenção social que dita os eixos politicamente corretos acadêmicos das próximas linhas, deparei-me, não tão por acaso, com as chistosas palavras do Prof. Dr. Clovis Pereira dos Santos em seu mestrado. Inspirado, pois então, parece-me natural começar por ele, figura que em aulas da especialização semiótica psicanalítica apresentou-me o tesouro dos significantes por Outros pontos de vista. Foi ele quem também me orientou nos primeiros tropeços do risível na monografia e incentivou-me a continuar questionando sem nunca me levar a sério demais. Preciosa dica.

A Oscar Cesarotto, pelos nós fortificados com paciência e precisão e os desatados pelas palavras dialogadas e supostamente compreendidas. Na intersecção dos registros, Oscarito tornou-se amigo além de um professor-orientador admirado. A partir desses escritos, serão discutidas novas teorias da conspiração midiática à base de risos, snacks e palha.

À Leda Tenório da Motta, pela atenção e carinho dedicado desde os primeiros encontros. O tema comum da violência do riso garantiu-nos comentários sobre a linhagem universitária e críticas às massas. Das trocas mais interessantes, surgiram os surpreendentes encontros com Olgária Matos.

A Elias Saliba, pelo entusiasmo, respeito e as sábias palavras proferidas na Qualificação, mesmo eu apresentando um esboço do esboço.

Do mesmo modo, menção ao jornalista Jorge Tarquini e a linguista Jacqueline Peixoto Barbosa, pela preocupação com o percurso, o desejo de escutar e a disponibilidade em sempre ajudar.

Aos meus pais, Maria Aparecida e Milton, por acreditarem nas minhas escolhas, mesmo não as entendendo. A convivência com a dupla fez-me crer nas loucuras da psicanálise. Os recém-integrados membros da família Marli, Oto, Bioca e Nino também merecem salvas (e análise).

À Maria Clara, minha louca particular, a quem devo todo o esforço deste projeto. Foi palavreando que me tranquilizou, corrigiu e conduziu-me para o sucesso total (expressão de sua autoria). Com todo o amor possível, agradeço pelos momentos juntos e à distância. Os risos incontroláveis, e geralmente politicamente incorretos, são o segredo de nossa cumplicidade.

In memoriam: Spy, pelas mordidas, urinadas e amor. E mesmo não os conhecendo pessoalmente, na feitura deste trabalho, Millôr Fernandes e Ivan Lessa, mestros das palavras e do humor, ensinaram-me um pouco sobre a vida (e morte).

A todos, meus sorrisos.

Resumo

O riso encontra no âmbito social o modo mais pleno de se manifestar. Deflagrado pela linguagem, elogia, denuncia e evidencia a multiplicidade de desejos que perpassam os signos sintomáticos da cultura, nos regimes por eles constituídos. O prazer conquistado da ironia ou da gargalhada agrada um ego ou a massa, e demanda constantes repetições para saciar a libido. Este trabalho baseia-se nas conseqüências, no campo da comunicação, da assertiva *Ridendo castigat mores* (Com o riso se castigam os costumes). Os ditos espirituosos, especialmente os veiculados *ex-professo* pela mídia, produzem não apenas efeitos engraçados de sentido, como podem nomear verdades proibidas. O objetivo da pesquisa, ancorada por estudos sobre o humorismo e a teoria dos chistes de Freud, abrange os dizeres “politicamente incorretos” que não somente geram prazer nos leitores, como também questionam os poderes constituídos. No caso da imprensa brasileira, são estudadas três publicações representativas de épocas distintas: o jornal *A Manhã*, do Barão de Itararé; o *Pasquim* e a revista *piauí*, analisadas pelo prisma da semiótica de extração psicanalítica, a fim de exemplificar o riso como satisfação e como elemento de crítica social. O primeiro e o segundo capítulo contemplam a essência do risível e sua qualidade propriamente humana de gerar prazer. O terceiro e o quarto tratam das questões históricas da comunicação de massa e a imprensa brasileira, e o quinto, por fim, desenvolve a leitura da práxis cotidiana que coloca o riso em posição privilegiada para desnudar o mal-estar na civilização.

Palavras-chave: Riso, Politicamente Incorreto, Imprensa Brasileira, Psicanálise da Cultura, Semiótica Psicanalítica

Abstract

Laughter finds in the social the fullest way to manifest itself. Constituted by language, it compliments, denounces and puts forth the multitude of wishes which pass through the symptomatic signs of culture. The pleasure obtained from irony or laughter pleases the ego or the mass, and demands constant repetitions to fulfill the libido. This work is based in the consequences, on the communication field, of the assertive *ridendo castigat mores* assertion (with laughter the habits are punished). The wit, especially the published *ex-professo* by the media, obtain not only funny sense as like can name the forbidden true. The main objective of this work, based on the humour studies and the Joke theory of Freud, include the “politically incorrect” that obtain pleasure in the readress as well inquire the social power. In this case of the Brazilian media, three important publications, of different times, are studied: the journal *A Manhã*, of Barão de Itararé; the *Pasquim* and the *piauí* magazine, analyzed by psychoanalytical semiotics, as example the pleasure obtained from laughter and the social critic act. The first and second chapters contemplate the essence of laughter and its inherently humane quality of creating pleasure. The third and fourth ones treat historical matters of mass communication and the Brazilian press, and the fifth and final penetrates in the Freudian structure by means of the daily praxis and puts the laughter on a polymorphous position to unveil the malaise in the civilization.

Keywords: Laughter, Politically Incorrect, Brazilian Press, Psychoanalysis of the Culture, Psychoanalytical Semiotics.

Sumário

Introdução - *Do gozo ao riso e vice-versa***Erro! Indicador não definido.**

Capítulo 1 - *Do riso: a incansável busca do prazer pelo politicamente incorreto* **Erro! Indicador não definido.**

Capítulo 2 - *Da arte do riso* **Erro! Indicador não definido.**

Capítulo 3 - *Da comunicação: personagem viva***Erro! Indicador não definido.**

Capítulo 4 - *De Itararé ao Piauí: Ordem em progresso*..... **Erro! Indicador não definido.**

Capítulo 5 - *Análise das mídias*..... **Erro! Indicador não definido.**

Considerações finais - *R.I.P. - Risos Incorretos Possíveis* **Erro! Indicador não definido.**

Bibliografia **Erro! Indicador não definido.**

Introdução - Do gozo ao riso e vice-versa

Todo sujeito já, de uma forma ou de outra, foi ao menos uma vez agraciado (e torturado) pelo prazer do riso. Primeiramente, pela pulsão de sorrir de algo ou alguém, e em segundo lugar pela via de ser vítima dos risos dos outros (e, por favor, vamos evitar a discussão do *buylling*).

Os primeiros sorrisos aparecem na infância, quando bebês carecas começam a perceber a presença de um outro sempre ao seu lado, este, naturalmente acaba por ser o pai e a mãe, sejam eles biológicos ou não.

Destes primeiros tempos, não demorará muito para que alguém faça caretas e brincadeiras diversas para se comunicar com um pequeno ser ou, em outra situação, tocá-lo e excitá-lo com cócegas na barriguinha, pezinho e qualquer outra parte de seu corpo (esses pequenos polimorfos perversos, observaria Freud) .

O sucesso é vistoso, com a criança a se sacolejar sem compreensão de seus movimentos desordenados e instantaneamente felizes, enquanto esta dispara uma sonora gargalhada contagiante que, por sua vez, espelha a próxima expressão dos pais contentes e parcialmente satisfeitos.

Enquanto *babys*, romper alguns contratos sociais preestabelecidos é até um sinal de graça, como se aliviar do número um ou número dois em público, entre outras artimanhas para despertar a felicidade ao redor, sem necessariamente compreender o que está acontecendo.

Para o pequeno, são os primeiros prazeres a esperar por mais, sempre mais. Passados os primeiros tempos de sua existência, a maturação do cérebro e o entender laciano que sua vivência dá-se não apenas da dualidade mãe-filho, mas que estes são dois separados, e mais além, três e assim por diante, o universo do social acabe por inundar a mente infantil e a castração promovida por meio da linguagem, principalmente das palavras, exige que novos artifícios sejam estruturados para a criança se (re)colocar no contexto e ganhar a atenção da mãe e de todos os outros que passarão a fazer parte de seu entorno.

Já crianças, as regras predispostas para a harmonia do convívio entre os sujeitos são ensinadas diariamente a fim de evitar constrangimentos por parte dos pais ou responsáveis. Muitos dos limites que a sociedade impõe castram o desejo do brincar infantil, e com isso entende-se correr, gritar, pular e liberar a imaginação.

A linguagem das palavras conquistada como fonte de prazer passa também a ser denunciada e castigada pelos adultos devido à sua produção de sentido, sentido este que não pode ser tolerado ou pensado por menores de 18 anos. O desafio do sujeito é encontrar o meio termo. E no final das contas, não será a idade quem julgará o politicamente correto e incorreto de trocadilhos e brincadeiras. Será o próprio social recalcado, narcísico e intolerante. Cada qual em um cenário repleto de diversos personagens ditará regras contra o riso escapado. Contudo, o inconsciente sempre encontrará meio de se pronunciar. E o gozo, não tardará a vir.

Curioso, no entanto, constatar e trazer de volta a figura dos pais. Antes do sorriso, houve a dor, a ansiedade e o gozo da relação sexual, para depois do parto explodir mais uma vez o riso, e assim prosseguir a ciranda de pequenos prazeres.

Entre o gozo e o riso, encontra-se como denominador comum a satisfação, pois fica vago explicar-se pelo jogo de palavras, porém necessárias, descobrir quem vem primeiro, o gozo ou o riso, o riso ou o gozo.

Para o jornalista que escreve estas linhas, o interesse pelo estudo do riso surgiu naturalmente como é de se imaginar, pois como se sabe, os trabalhos acadêmicos, em suma, são registros para nós mesmos, por mais que possam auxiliar outros em algum momento. Portanto, desta viagem particular, descobri sozinho o imenso valor dos sorrisos, um significante essencial na produção e busca de sentido. E isso não é pouco e bastou para me provocar a entendê-lo.

A opção de sê-lo nas mídias impressas brasileiras é simples. Sou um enlouquecido redator da mídia impressa brasileira, apaixonado por história (apesar da memória não demonstrar o mesmo afeto) e que acompanha as manifestações signicas diariamente. Por mais que outros campos culturais

tenham chamado a atenção, a construção diária de jornais e revistas mostrou-se mais fascinante para análise por toda sua influência e poder.

O terceiro sentido deste trabalho, precedido pelo riso e pela mídia impressa brasileira, é o encontro do politicamente incorreto. Tal representação demorou-se um pouco para se apresentar a este redator, contudo, nada como as psicopatologias cotidianas para mostrar o que eu estava procurando. A expressão escondida revelou-se e, por fim, com seus nós, ajuda a sustentar o encontro dos três registros. É simplesmente fascinante descobrir que a denominação dos politicamente incorretos tão em uso atualmente no Brasil, possui uma longa história que envolve diferentes tipos de risos e manifestações escritas nas mídias.

Ou seja, o riso politicamente incorreto nas publicações impressas brasileiras é o objeto de estudo deste projeto. O presente trabalho, portanto, visa ao estudo da verdade dita por meio de diferentes textos com o objetivo de causar o riso. A partir da teoria psicanalítica freudiana, de teorias, comunicativas, históricas, semióticas e filosóficas, serão definidas a essência do riso e sua geração de prazer, será traçada uma linha histórica da comunicação de massa e, especialmente, da imprensa brasileira, com foco na presença constante do politicamente incorreto.

Para tal estudo e observação, a análise de textos retirados de três importantes veículos de comunicação de massa de humor brasileiros, famosos em diferentes momentos do século XX: *A Manhã*, de Barão de Itararé, *Pasquim* e *piauí*.

Para tanto, o primeiro capítulo – “Do riso: a incansável busca do prazer pelo politicamente incorreto” - apresenta brevemente a história do riso para, em seguida, contar o surgimento e a trajetória do termo “politicamente incorreto”. Ao final, são apresentados os desdobramentos desse conceito aqui no Brasil, onde tal ideia seguiu rumos diferentes do restante do mundo.

No capítulo seguinte, “Da arte do riso”, são exploradas as qualidades humanas do riso, especialmente em gerar prazer embasado na metopsicologia freudiana. Por meio da teoria psicanalítica do autor, são abordadas questões relativas ao prazer a partir do humor, do cômico e do chiste do riso.

O terceiro capítulo – “Da comunicação: personagem viva” – introduz nessa pesquisa o estudo da comunicação de massa, a partir da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Por meio de tal concepção, busca-se compreender o surgimento da comunicação de massa e o fetiche causado na população por tal.

Simultaneamente nesse capítulo, desdobra-se a compreensão da comunicação de massa pelo estudo da psicologia de massa, discutida tendo como ponto de partida a visão e o conceito freudiano.

Sendo assim, esse capítulo apresenta conceitos psicanalíticos importantes para a compreensão do mal estar na cultura.

Em seguida, o quarto capítulo - “De Itararé ao Piauí: ordem em progresso” – se aprofunda na imprensa brasileira, apresentando um breve histórico a respeito dessa, com destaque para a presença do conceito do “politicamente incorreto” ao longo de toda a sua trajetória.

Nesse mesmo capítulo, são apresentadas as histórias e as trajetórias dos três veículos de comunicação brasileiros escolhidos para análise: A Manhã de Barão de Itararé, Pasquim e *piauí*.

O último capítulo “Análise das mídias” penetra na estrutura da teoria freudiana por meio da práxis cotidiana, colocando o riso em posição polimorfa para desnudar o mal-estar na civilização.

Para tanto, a teoria apresentada é utilizada como base para breve análise de textos publicados nas três mídias escolhidas, de forma a buscar a comprovação da produção de efeito de sentido produzido pelo “politicamente incorreto” ao causar riso.

Por fim, as “Considerações Finais” apresentam os resultados dessa análise e as observações do efeito produzido, do riso atingido, do humor concretizado pelos textos nos três veículos de comunicação, atingindo a prática das teorias freudianas apresentadas.

Capítulo 1 - *Do riso: a incansável busca do prazer pelo politicamente incorreto*

Assim caminha a humanidade: *sorrindo*. Do quê? De tudo um pouco, mas principalmente do que é politicamente incorreto¹. *Ridendo castig mores*², confirma o sábio ditado latino. Afinal, esse é o mote que dispara o riso, a gargalhada ou a singela e significativa ironia de Monalisa³. Para Freud, o riso é uma fonte e forma de prazer. Da extensa literatura a seu respeito, poucos trataram o tema a partir dessa noção. Em seu livro *Os chistes e as suas relações com o inconsciente* (1905), o autor mostra como ao longo da história, ele foi personagem importante para entreter o povo e criticar intolerâncias do governo, sociedade ou religiões. Tudo isso pela via do prazer alcançado pela linguagem. Podemos entender assim, portanto: o riso é sempre politicamente incorreto, apesar de, nem sempre, o politicamente incorreto gerar o riso. Expliquemos.

Na teoria da psicanálise, destaca Freud em *Além do princípio de prazer* (1920), o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e toma uma direção e tal, “*que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer*”.⁴ O prazer, afirma Freud, por muitas vezes encontra na via do riso um meio de se manifestar, seja para um humor supostamente “inocente” (pois, como veremos, o riso sempre denuncia algo, mesmo que de importância menor) ou crítico contra os costumes.

¹ O autor deste trabalho está ciente de que a expressão ‘politicamente incorreto’ é datada para expressar um sintoma cultural universal. O termo começou a ser utilizado, como outro sentido do que associamos, nos Estados Unidos e Europa, mas, como veremos em seguida, o politicamente incorreto, principalmente pelo risível, é uma constatação antiga e que coincide com o surgimento dos primeiros intelectuais.

² (Com o riso, castigam-se os costumes), sem autor.

³ O quadro de Leonardo da Vinci, também conhecido como *A Gioconda*, é um dos mais representativos signos culturais do riso por sua particularidade característica de instigar o observador sobre o motivo de seu misterioso sorriso. Atualmente, a pintura encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

⁴ (FREUD, 1920, p.17).

Entre os autores que estudaram a qualidade e significação do riso nas culturas, a importância social é aparente, e por mais que não o tenham percebido pela via da produção de sentido, nota-se que o riso é, via de regra, transgressor, um elemento de enfrentamento e críticas na ação do outro, ou seja, politicamente incorreto.

Das formas de graça, o riso pode ser instantâneo ou fazer eco. Nessa ideia, toda sua produção oral e escrita é baseada em registros de violência sutil e que denunciam, em sua maioria, elementos de autoridade, medo e injustiça social. Ou seja, o proibido. *“O prazer se origina na suspensão de inibições”*⁵, defende o psicanalista.

Freud afirma ainda que tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não despendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso.

Bergson, no livro *O riso* (1900) - reunião de três artigos publicados na *Revista de Paris* em 1889 - o entende como uma ação social na qual o próprio riso corrige o demasiado humano. Ri-se de um animal quando este apresenta alguma atitude humana, do mesmo modo que diverte-se com uma vestimenta pelo formato e cores que ela adquiriu após passar pelas mãos humanas. Não se ri de paisagens e jardins floridos ou de um pneu se este não traz nenhuma lembrança a características do homem.

*Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se, sobretudo, determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a ideia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve corresponder a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social.*⁶

Ri-se do que é ‘diferente’, do que desata o ‘propriamente humano’ e transgride a mecânica diária. Bergson, para contextualizar a informação,

⁵ (FREUD, 1905, p. 102).

⁶ (BERGSON, 2007, p.06).

usou do exemplo de uma pessoa que tropeça e cai: *“um homem, correndo pela rua, tropeça e cai: os transeuntes riem. Não ririam dele, acredito, se fosse possível supor que de repente lhe deu uma veneta de sentar-se no chão. Riem porque ele se sentou no chão involuntariamente”*⁷.

Para o filósofo, a mudança brusca de atitude é o fator que desencadeia o riso. A falta de ‘jeito’ para se adaptar a um imprevisto torna a situação cômica para os olhos de quem acompanha de fora.

Ambas as teorias, de Freud e de Bergson, por mais que não se assemelhem por inteiro, concluem que a produção de sentido, do risível, é puramente intelectual e articulada por meio da linguagem, e não das cócegas corporais em cada sujeito. *“O riso não tem maior inimigo que a emoção”*, sugere o filósofo. *“Numa sociedade de puras inteligências provavelmente não mais se choraria, mas talvez ainda se risse.”*⁸

Em *Ousar rir* (2003), Daniel Kupermann destaca que na piada há uma ‘transgressão autorizada’, na qual se suspende uma cota da repressão e permite uma parcela de satisfação pulsional, também nomeada ‘prazer’, dando continuidade ao laço social.

*Assim, o festival, ou ao mundo do sagrado ao qual originalmente pertence o riso é, ao mesmo tempo, transgressão das regras que regem o funcionamento social – o mundo utilitário do trabalho – e rememoração do vínculo afetivo que sustenta o laço cultural. Daí a necessidade, indicada por Freud, de ser repetido de tempos em tempos.*⁹

De maneira semelhante, Jane de Almeida¹⁰ observa que nas obras humorísticas *“denuncia-se o poder, os costumes sociais, a moral, a estética; enfim, o humor permite que se fale de quase tudo na posição de onipotente de denunciar o que se sabe sobre o Outro”*.

Em *Uma história cultural do humor*, obra na qual trabalha como

⁷ (Idem, p.07).

⁸ (Idem, p.03).

⁹ (KUPERMANN, Daniel, *Ousar rir*, 2003, p. 22).

¹⁰ (ALMEIDA, 1998, p.11).

organizador e ensaísta, Bremmer (2000) destaca que “o riso pode ser ameaçador e, realmente, os etologistas afirmavam que o riso começava numa exibição agressiva dos dentes. Por outro lado, o humor e o riso correspondente também pode ser muito libertadores”.

Todos nós sabemos como uma pitada inesperada de humor é capaz de desfazer um clima tenso num instante. Em um contexto mais amplo, o carnaval e as festividades análogas podem corromper temporariamente as regras sociais rígidas a que todos nós obedecemos, embora frequentemente, com humor de baixo nível, em vez de alto¹¹.

Tais constatações, aliadas a outras que serão apresentadas, conseguem até encontrar formulações associativas na teoria *Da fisiologia do riso* (1860), pensada por Spencer e seguida anos depois por Darwin (1872), que aponta os estados de tensão dos nervos como meio de descarga para essa energia presa.

Da interdisciplinaridade do riso, Verena Alberti (1999) destaca que o riso partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc, o espaço do induzível, do impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites. “*Em alguns casos, mais do que partilhar desse espaço, o riso torna-se o carro-chefe de um movimento de redenção do pensamento, como se a filosofia não pudesse mais se estabelecer fora dele*”¹². O riso, além de dar prazer, faz pensar, e por isso o seu perigo.

Para Olgária Matos (2011), a lucidez é o caminho da liberdade. É o caminho da transformação. É a liberdade que vai gerar sentido à vida, a partir consciência dessa falta; o que, conseguimos relacionar à lucidez do riso, da piada pensada e do humor calculado para atingir, incomodar e humilhar supostos alvos merecedores. Enfim, com o riso conquista-se a liberdade?

Do politicamente incorreto

¹¹ (BREMNER, 2000, p. 15).

¹² (ALBERTI, 1999, p.11).

Vale, antes de prosseguirmos, uma explicação do significado de sentidos da expressão **politicamente incorreto**¹³. Como destacam Possenti e Baronas¹⁴, analisar dados do **politicamente correto** é, em mais de um sentido, analisar o funcionamento ideológico da linguagem. E, apesar da expressão não se aplicar somente ao campo da linguagem, ela é a candidata mais qualificada para o sentido pleno do termo.

O embate tem início nos tempos modernos, quando determinados grupos (minorias) começam a se incomodar com expressões que, ao entender deles, denegria (ainda) mais esses grupos. No caso, podemos citar negros, homossexuais e feministas, por exemplo. Acontece que, para um falso bem moral, algumas partes da sociedade (como alguns veículos jornalísticos), concordaram evitar o uso de determinadas linguagens para evitar maiores confusões. Isto é o que podemos entender como atitude **politicamente correta**. Quem não concorda, e ainda, faz piada com as minorias, é **politicamente incorreto**.

Ou seja, nos começos dos tempos, a sociedade era **politicamente incorreta**, pela forma discriminatória de tratar os menos afortunados. Posteriormente, nos tempos modernos, com a luta pela igualdade, as minorias ganharam voz e defendem o abolição de termos preconceituosos exigindo um dicionário **politicamente correto**. Porém, o humano é sentimento, recalque e diferente. Os preconceituosos, que sempre vão existir, continuam a expressar seus desejos retrógrados com as mesmas palavras ditas, o que os torna, então, **politicamente incorretos**.

Esse, no caso, seria o cenário geral. Todas as sociedades, ao longo dos tempos, adotaram palavras para nomear ou referir-se a outros. E é claro que, em tempos tão distantes, o vocábulo poderia ser pejorativo, como *mulato*, *judiar* ou *denegrir*. Acontece que, com o suposto evoluir dos homens, o sentido primeiro passa a ser desconhecido ou irrelevante, sendo estas palavras utilizadas, sim, para zombar e atacar, mas qualquer pessoa, e não

¹³ O autor deste trabalho optou por usar, neste passagem, o negrito nas expressões politicamente correto e incorreto dada a repetida aparição dos termos. Para não confundir o leitor, a marca facilita na retomada de uma frase que possa ser confusa.

¹⁴ (POSSENTI, Sírio e BARONAS, Roberto L., A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira, 2006, p.47).

somente negros ou judeus. É o que escreveu o jornalista Jânio de Freitas a esse respeito:

Atribuir a todo uso da palavra "mulato" um sentido ofensivo ou discriminatório, como tantos estão fazendo, é negar a natureza dinâmica da linguagem, com sua permanente modificação de formas e sentidos. Mesmo que a procedência etimológica de "mulato" tenha a incomprovada relação com "mula", seu sentido não guarda sequer vestígio desta suposta origem.¹⁵

Com a luta pela igualdade, diretos e respeito de todas as raças, sexos e escolhas, a luta pelo *correto* sai apenas do campo da palavra e atinge qualquer tipo de estereótipo, castrando a comunicação.

De acordo com C. Lefort¹⁶, o movimento **politicamente correto** é um fenômeno americano, anglo-saxônico, que é insuportável, mas que ‘respeita’ certa tradição nos Estados Unidos de precisar de uma regra para existir. Em contraponto, Janine Ribeiro¹⁷ concorda que o fenômeno pode ser americano, mas contesta que, se o movimento é fraco no Brasil, as minorias, as interessadas em ‘consertar’ o passado, é que estão falhando.

A nova diretriz do **politicamente correto**, contudo, no Brasil, por mais que preocupe-se, em certa medida, em não criar confusão, virou motivo de piada na boca dos humoristas, um tipo cada vez mais popular por estas terras. Na atualidade, descobriu-se que, assim como a publicidade, o riso dá dinheiro. E muito. Portanto, como já estamos discutindo desde o começo do trabalho, o riso pelo politicamente incorreto é certo e prazeroso. Com isso, a noção de **politicamente incorreto** sofre um recorte e ganha mais uma ‘categoria’, que é a que impera no consciente imaginário da sociedade, onde o **politicamente incorreto** é quase em sua totalidade tolerável, até mesmo pelos ‘alvos’ das piadas.

¹⁵ (FREITAS, Jânio. Folha de S.Paulo. 08/02/94, apud POSSENTI e BARONAS, 2006).

¹⁶ (LEFORT, Folha de S.Paulo, 20/03/94, apud POSSENTI e BARONAS, p.52).

¹⁷ (RIBEIRO, Janine, 1992, apud POSSENTI e BARONAS, p.52).

Por mais que a expressão seja herdeira do intercuro dos anos 70 e 80, ela popularizou-se de vez, com a soma de outros fatores, com a publicação do livro *História politicamente incorreta do Brasil* (2010, LeYa)¹⁸ de Leandro Narloch, que de acordo com os jornais *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo* e revista *Veja*, ficou por muitos meses na lista de mais vendidos das principais livrarias do país. Adiciona-se o fato de uma nova geração de comediantes brasileiros conquistar espaço televisivo, e, conseqüentemente, apresentações e shows no molde das comédias *stand-up*, gênero muito popular nos Estados Unidos, que tem Jerry Seinfeld¹⁹ como ícone dos anos 90. A discussão chegou até a imprensa, que debate os limites do conteúdo que pode gerar riso ou revoltas. No caso, anedotas estereotipadas sobre religião, raça e sexualidade geram muita polêmica, ainda.

No Brasil atual, já com este recorte do **politicamente incorreto** ser interpretado como *cool*, descolado, malandro, por mais que haja o debate sobre quais os limites, entende-se sumariamente que seus interlocutores estão atacando e fazendo piada com corrupção, sexualidade e celebridades. No caso da sexualidade, porém, não são estes, a princípio, que fazem as piadas que são contra o casamento gay, por exemplo.

O **politicamente incorreto** é, singularmente, a revolta contra o lugar comum, a reversão a ideias ditas e jamais reconsideradas. Apesar de equilibrar-se em uma linha tênue, é justa ainda a afirmativa citada na abertura deste capítulo: *o riso é sempre politicamente incorreto, apesar de, nem sempre, o politicamente incorreto gerar o riso*. Veremos, adiante, exemplos que poderão elucidar melhor a sentença, e mostrando como o prazer do riso se encontra com a linguagem *antimoral*.

O curioso de tudo isso, é que antes de se chegar ao que estamos comentando agora, o **politicamente incorreto** também teve, nos tempos idos, o seu papel de 'mocinho', não atacando e denegrindo as minorias como

¹⁸ A obra é um bom exemplo da ideia tênue de que nem todo politicamente incorreto gera riso, pois o conteúdo do autor desmitifica 'heróis' brasileiros, muito mais com a intenção de provar uma 'nova' história distorcida por pesquisadores e imprensa do que, de fato, fazer piadas. Apesar de, em muitas passagens, o autor usar da linguagem humorística para denunciar episódios.

¹⁹ Humorista norte-americano que popularizou-se além terra com o seriado *Seinfeld*, considerado ainda hoje pela crítica especializada como um dos mais inteligentes de todos os tempos.

vimos, mas as grandes forças repressoras que prejudicavam o povo. Sempre com um dose de cômico e humor, como constataremos a seguir.

Antes mesmo de gerar polêmica pelo comportamento da imprensa ou em programas midiático humorísticos, as principais fontes de transgressão atualmente, ditos espirituosos, críticos e repletos de opinião já passaram por outros campos *sígnicos* da linguagem, a saber, principalmente nos livros e timidamente na imprensa antiga, esta ainda distante de alcançar a repercussão moderna. E isso não é coisa de algumas décadas, provém de séculos, em tempos nos quais o Brasil ensaiava aprender a língua portuguesa com seus colonizadores e países como Áustria, Alemanha e França, principalmente, eram prestigiados centros intelectuais em plena efervescência cultural.

O filósofo Michel de Montaigne, por exemplo, em sua obra *Os ensaios* (1580), discorre sua letra precisa e afiada para mostrar sua aversão aos fanatismos, guerras religiosas e crueldade humana²⁰ tão comum à época em que viveu. Como é possível de se deduzir (e logo em seguida, conferir), o contexto é essencial para o a proclamação do riso. Mas mesmo que em um período tão distante como o do pensador francês, é notável como podemos detectar em seus textos ironias que resistiram ao tempo. O que, por um ponto de vista, é péssimo, já que certos ‘modos de pensamento’ parecem não ter evoluído. Mas mesmo quando as ironias foram evitadas, o simples fato de escrever sobre fatos evitados, como o medo, a consciência e a crueldade, a partir do seu ponto de vista, já demonstra um caminho para a liberdade.

Logo nas primeiras linhas do ensaio *Sobre a solidão*, Montaigne, abre o texto sem parcimônias alfinetando um modo conservador (na época então) de se pensar. Diz ele:

Deixemos de lado essa comparação entre a vida solitária e a ativa; e quanto ao belo adágio sob o qual se encontram a ambição e a cupidez, que “não nascemos para nosso interesse particular, mas para o público”, invoquemos ousadamente os

²⁰ (MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios*, 2010).

*que estão na dança; e que, com a mão na consciência, eles digam se, ao contrário, não procuram as situações, os cargos e esse alvoroço mundano, antes, para tirar do público seu proveito particular. Os meios errados pelos quais avançamos em nosso século bem mostram que seus objetivos não valem muito. E respondemos à ambição que é ela mesma que nos dá o gosto pela solidão.*²¹

No limite do sagrado e do profano, no ensaio *Sobre as orações*, o filósofo provoca o senso de justiça divina, entre vícios, frutos e pecados. *“Essa contradição e essa volubilidade tão súbitas, tão violentas, que fingem diante de nós me cheiram a milagre”*²² Um último exemplo provocador aqui citado, e uma leitura minimamente engraçada, pois família e casamentos sempre rendem piadas, é o ensaio *Sobre três boas esposas*, escrito na pressão dos dissabores do próprio casamento. *“Em nosso século, mais comumente elas preferem mostrar seus bons ofícios e a veemência de seu amor quando os maridos já estão mortos.”*²³

Outro fantástico francês, Voltaire, foi mais longe em seu politicamente incorreto. *Cândido* (1759) é uma obra-prima da crítica aos costumes da sociedade. Religiosos, ricos, pobres, sábios, mulheres, brutos (algo não muito diferente de hoje), ninguém escapa. Uma sátira francesa e um romance ácido, no qual os capítulos são contos fabulosos, as letras degeneram o moralismo repousado. O prefácio da edição de 1998²⁴, comenta a trajetória do filósofo, e destaca que ele ao entrar na luta e na clandestinidade, usou da escrita do contos como modo de ação, gênero este que se consagrou amplamente às formas diversas de uma literatura militante e questionadora, a qual abrange também o panfleto e dicionários críticos.

²¹ (Idem, p.162).

²² (Idem, p.182).

²³ (idem, p.293).

²⁴ (VOLTAIRE, *Cândido*, 1998, Martins Fontes).

O ensaio sobre os costumes e ilusões²⁵ que Voltaire provoca conta com passagens geniais de denúncia, sarcasmo e revolta, contudo, de forma impressionante, em uma linguagem leve, risível e prazerosa, a começar pelos títulos dos capítulos, quase máximas que resumem os contos e instigam o leitor. A começar pelo primeiro, “*Como Cândido foi criado num belo castelo e como dele foi expulso*”, provoca o leitor ao resumir que ali naquele espaço, alguém afortunado cairá em desgraça. E como é bom para nós humanos, ora pois, confirmar o sofrimento alheio.

O mesmo tipo de humor politicamente incorreto é usado em uma passagem para desmoralizar os ‘franciscanos devassos’, jesuítas e outros intitulados. No contexto, o personagem Cândido fugia-se e mendigava por uma vila, todo estrupiado, e ao ver um semelhante seu em pior estado, invoca o preceito “*tudo está o melhor possível*”²⁶, e descobre naquela figura o seu antigo mentor, o filósofo Pangloss, este também expulso do belo castelo por razões mesmas que o herói da história. Diz o filósofo atirado ao chão em resposta às palavras do jovem aprendiz:

*Conheceste Paquette, aquela criada bonita de nossa augusta baronesa; experimentei em seus braços as delícias do paraíso, que produziram estes tormentos do inferno de que me vês devorado; ela estava contaminada e talvez tenha morrido disso. Paquette ganhara esse presente de um franciscano muito sábio que havia remontado à fonte, pois o apanhara de uma velha condessa que o recebera de um capitão da cavalaria, que o devia a uma marquesa, que o tomara de um pajem, que o recebera de um jesuíta, que ainda noviço, recolhera-o em linha reta de um dos companheiros de Cristovão Colombo.*²⁷

²⁵ Entre tantos alvos com o livro, um específico de Voltaire era o filósofo Leibniz, de quem discordava em quase totalidade de seus princípios científicos. Por conta das divergências, em muitas passagens da obra encontra uma forma de satirizar o sistema leibniziano de se pensar.

²⁶ Do original “*whatever is, is right*”, a frase e seu otimismo bondoso são de Pope, mais uma desavença de Voltaire criticado ao longo de toda obra.

²⁷ (Idem, p.16).

Os capítulos seguintes costuram ainda mais a feracidade cômica e nem um pouco constrangida por satirizar o que bem entendesse satirizável, como na cena em que após um terremoto, ferido e entre os estilhaços Cândido pedia a Pangloss *um pouco de vinho e azeite*, pois estava morrendo, numa alusão à parábola do Bom Samaritano (São Lucas, X, 34).

É por certo que os franceses, dado os registros históricos, têm um talento natural para desafiar e denunciar os costumes burgueses sem se esquecer de criticar os menos afortunados quando estes o fazem por merecer também. Além dos comentados, Balzac, Proust e o Marques de Sade, para só ficar em três que provocaram a *liberdade, igualdade e a fraternidade*²⁸, riram e faziam rir com os ataques a seus contemporâneos. Balzac é conhecido por sua excelência retratação fiel dos infieis parisienses. Marques de Sade provocou as libidos e os libertinos. Quanto a Proust, o humor não parece a primeira vista ser seu forte. Mas como desataca a crítica literária Leda Tenório da Motta²⁹ “*de fato, o gênio proustiano é, em larga medida, um gênio cômico. Até porque Proust é um bom manejador daquilo que chamamos o ‘humor judaico’.*” Motta relembra que Cocteau também notou essa faceta ao anotar que “*os gênios não temem rir.*”³⁰

Um último exemplo europeu para registro, mas esse austríaco, é o escritor, jornalista e pensador Karl Kraus, famoso por elucidar suas opiniões fortes e corajosas em aforismos provocantes (principalmente contra os jornalistas), e que por apunhalar a visão limitada e falsa do real, faz aparecer o riso aos que entendem e compartilham.

Por conta da oportunidade e espaço, não é possível, ou sensato, continuar a resgatar transgressores da moral que ainda hoje se fazem admirar. Dos poucos exemplos paginados, dá-se para ter uma ideia geral de como o **politicamente incorreto** habitou a cultura e o pensamento do homem desde os tempos antigos. Façamos, portanto, um salto monumental

²⁸ Declaração dos direitos universais conquistada na Revolução Francesa, iniciada em 1789 e que data também o começo da Idade Contemporânea.

²⁹ (MOTA, 2007, p.18).

³⁰ Jean Cocteau, *Hommage à Proust*, *Nouvelle Revue Française*, edição especial de janeiro de 1923, p.252.

no tempo para alcançar o **politicamente incorreto** como o conhecemos hoje, para dar continuidade ao presente trabalho.

O sociólogo e jornalista Marcelo Coelho (responsável também pelo personagem Voltaire de Souza, colunista do *Agora*, jornal popular do Grupo *Folha*), no texto *Politicamente fascista*³¹, resume a compreensão dos limites e vitórias do **politicamente incorreto** no imaginário brasileiro. O autor começa o texto atacando o humorista Danilo Gentili, responsável por uma piada entendida como de mau gosto sobre as vítimas do nazismo em referência ao polêmico veto de moradores do bairro paulistano de Higienópolis (bairro de concentração judeu) em abrir ali uma linha de metrô. Disse ele *"a última vez que eles chegaram perto de um vagão foram parar em Auschwitz"*. Ele se desculpou, mas Coelho protesta afirmando que pedir desculpas é fácil, o problema é aguentar suas futuras cretinices, ao comentar ainda seu show stand-up, *Politicamente incorreto*³², onde o público 'força' para rir e se divertir:

A questão é que o rótulo vende. Ser "politicamente incorreto", no Brasil de hoje, é motivo de orgulho. Todo pateta com pretensões à originalidade e à ironia toma a iniciativa de se dizer "incorreto" --e com isso se vê autorizado a abrir seu destampatório contra as mulheres, os gays, os negros, os índios e quem mais ele conseguir. Não nego que o "politicamente correto", em suas versões mais extremadas, seja uma interdição ao pensamento, uma polícia ideológica. Mas o "politicamente incorreto", em sua suposta heresia, na maior parte das vezes não passa de banalidade e estupidez. Reproduz preconceitos antiquíssimos como se fossem novidades cintilantes. "Mulheres são burras!" "Ser contra a guerra é viadagem!" "Polícia tem de dar porrada!" "Bolsa Família serve para engordar vagabundo!" "Nordestino é atrasado!" "Criança só endireita no couro!" Diz ou escreve tudo isso, e não disfarça um sorrisinho: "Viram como sou

³¹ (COELHO, Marcelo, *Folha de S.Paulo/Ilustrada*, 18/05/2011).

³² (GENTILI, Danilo, *Politicamente incorreto*, 2011).

inteligente?". "Como sou verdadeiro?" "Como sou corajoso?" "Como sou trágico?" "Como sou politicamente incorreto?" O problema é que "politicamente incorreto", na verdade, é um rótulo enganoso. Quem diz essas coisas não é, para falar com todas as letras, "politicamente incorreto". Quem diz essas coisas é politicamente fascista. Só que a palavra "fascista", hoje em dia, virou um termo... politicamente incorreto. Chegamos a um paradoxo, a uma contradição. O rótulo "politicamente incorreto" acaba sendo uma forma eufemística, bem-educada e aceitável (isto é, "politicamente correta") de se dizer reacionário, direitista, fascistoide. A babaquice, claro, não é monopólio da direita nem da esquerda. Foi a partir de uma perspectiva "de esquerda" que Danilo Gentili resolveu criticar "os velhos de Higienópolis" que não querem metrô perto de casa. Uma ou outra manifestação de preconceito contra "gente diferenciada", destacada no jornal, alimentou a fantasia mais cara à elite brasileira: a de que "elite" são os outros, não nós mesmos. Para limpar a própria imagem, nada melhor do que culpar nossos vizinhos. Os vizinhos judeus, por exemplo. É este um dos mecanismos, e não o vagão de um metrô, que ajudam a levar até Auschwitz.³³

Outro Marcelo, o Rubens Paiva, na mesma época escreveu em sua coluna no *Estado*³⁴ o texto *A moda do reaçã*. Com ideia semelhante ao de Coelho, Paiva detona o humorismo pop que simplesmente por atacar, se autointitula **politicamente incorreto**.

*A onda agora é ser bem **REAÇA**. Se é humorista, e uma piada ultrapassa o limite do bom gosto, diz ser adepto do **politicamente incorreto**. Que babaca agora é fazer censura contra intolerância. Podemos zoar com judeu, gay, falar palavrão. É isso, ~~que se foda~~, viva a liberdade! Se alguém*

³³ (COELHO, Marcelo, Folha de S.Paulo/Ilustrada, 18/05/2011).

³⁴ (PAIVA, Marcelo Rubens, Estado, 23/05/2011).

*defende a Marcha da Maconha, faz apologia, é vagabundo.
Se defende a descriminalização do aborto, é contra a vida.
Se aplaude a iniciativa da aprovação da união homossexual,
quer enviar o Brasil todo- país que se orgulha de ser be
macho, bem família! Se defende a punição de torturadores, é
porque pactua com terroristas que só queriam implodir o estado
de direito e instituir a ditadura do proletariado. Deu, né?*³⁵

Paiva ainda cita outras declarações surgidas na internet de extremo mau gosto, como ataques aos órfãos³⁶, nordestinos³⁷ e autistas³⁸, sem contar a pérola do cantor Ed Motta, comentando que gosta de ir ao Sul do Brasil ou para São Paulo, onde tem gente bonita, pois não aguenta os feios e burros dos outros estados. Ele, o senhor beleza.

Outro respeitado jornalista, Zuenir Ventura, também entrou no debate e elogiou em sua coluna d' *O Globo*³⁹ as opiniões que havia lido, e por fim questiona retoricamente: *Será que não se pode fazer piada com temas polêmicos?*, acreditando ser possível, sim.

*O problema é que quando ofende, em vez de fazer rir, o politicamente incorreto é tão sem graça quanto o seu contrário. As desculpas atenuam a agressão, mas não escondem a discriminação que se disfarça atrás do falso humor. Nesses atos falhos, o autor deixa escapar inconscientemente a manifestação do que está reprimido: o preconceito.*⁴⁰

O jornalista André Barcinski, crítico e blogueiro da *Folha*, mantém uma posição um pouco diferente do que visto até agora. Na verdade, o que parece ser a mais sensata. Diz ele achar natural que em tempos de internet, com o

³⁵ (Idem, 23/05/2011).

³⁶ Rafinha Bastos, no dia das mães: "Aê órfãos! Dia triste hoje, hein?".

³⁷ Amanda Régis, torcedora do Flamengo, time eliminado da Copa do Brasil pelo Ceará: "Esses nordestinos pardos, bugres, índios acham que têm moral, cambada de feios. Não é à toa que não gosto desse tipo de raça."

³⁸ Programa da MTV, a Casa dos Autistas, quadro humorístico, que chocou pelo mau gosto.

³⁹ (VENTURA, Zuenir, Riso e preconceito, *O Globo*, 25/05/2011.)

⁴⁰ (Idem, 2011).

pensamento a velocidade de um clique, pessoas pop tendem a enfrentar o céu e o inferno na mesma margem de tempo. Tudo isso, faz ele refletir que o maior questionamento do **politicamente incorreto**, na verdade, deveria ser a partir de outro ponto de vista:

Eu acho que o problema é outro: por que nos interessamos tanto pelas opiniões de celebridades? Se um senador vier a público e fizer uma piada sobre Auschwitz, eu fico chocado. Mas um humorista? Será que a opinião de Danilo Gentili merece tanta repercussão assim? Eu não me choco com nada que esses caras falam. Se não gosto de um humorista, simplesmente não assisto a seu programa. Vi o “CQC” umas duas vezes, o suficiente para não achar graça nenhuma (...)

No fundo, no fundo, o problema não é o teor das piadas, mas sua qualidade. A piada é boa? Funciona? Porque é possível fazer boas piadas com temas polêmicos. Redd Foxx tem um texto clássico sobre anões (procure no Youtube, vale a pena); George Carlin, Lenny Bruce, Woody Allen e tantos outros fizeram graça com temas potencialmente explosivos como morte, religião, sexualidade, etc.⁴¹

As colunas são suficientes para ilustrar o debate intelectual existente. Após tantas polêmicas, os Marcelos definem-se, com orgulho, como **politicamente corretos**. Esclarecendo, porém, tais afirmações, eles se nomeiam corretos nos contextos que comentaram, em que qualquer piada transgressora é intitulada de politicamente incorreta. Zuenir parece ficar em cima do muro, e Barcinski toma a tentativa dos humoristas como mau sucedida, preferindo dar atenção a polêmicas mais reais, como denúncias de política. Afinal, humorista é uma profissão, e como qualquer outra, tem seus deslizes. Não que eles devam falar o que quiser a hora que quiser, mas

⁴¹ (BARCINSKI, André, Folha.com, Blogs, 19/05/2011).

encrencar com tudo pode parecer implicação desnecessária. Não dando atenção aos ditos, naturalmente o material terá de ser reciclado.

O problema é esse. Quando o ataque não tem fundamento, agride simplesmente, ele é estúpido, de mau gosto, preconceituoso. Quando, no entanto, pensado para desafiar costumes, com sua razão e emoção de existir, de contestar, denunciar, o ataque gera satisfação, debate intelectual, e por muitas vezes o riso.

Portanto, é com esse **politicamente incorreto** que o trabalho vai seguir. Pela compreensão de desqualificar atitudes que inicialmente não condizem com a justiça e denuncia opressões, injustiças e ataques para contra o próprio povo.

O debate poderia até passar pela investigação hermenêutica, afinal, parece haver o conflito entre a compreensão dos textos e seus receptores, afinal são tantos os significados. Mas, talvez seja exagero (pelo menos, no percurso deste trabalho), pois identificam-se parâmetros em contextos sociais históricos para entender as mensagens desta e não daquela maneira, o que nos possibilita avançar na análise da linguagem risível em questão.

Do riso

Freud aponta em *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905), que o riso é o produto final, podendo ele ser disparado de diferentes formas. Do denominador comum, a piada, o gracejo, o humor, o cômico, além do próprio chiste, são os mecanismos utilizados para efeito de prazer.

Das teorias vistas a respeito do risível e suas modalidades, o levantamento histórico aponta que a produção de sentido linguístico - como sugere Bergson - desafia a emoção e, de uma forma ou de outra, articula-se para algum tipo de alívio mental e satisfação narcísica.

A linguagem só obtém efeitos risíveis porque é uma obra humana, modelada com máxima exatidão, possível pelas formas do espírito humano. Sentimos nela algo que vive de nossa vida; e se essa vida da linguagem fosse completa e perfeita, se nada houvesse nela de rígido, se a linguagem,

*enfim, fosse um organismo totalmente unificado, incapaz de se cindir em organismos independentes, escaparia à comicidade, como, aliás, também escaparia a alma à vida que fosse harmoniosamente fundida, unida, semelhante a um espelho d'água bem tranquilo.*⁴²

Em *História do riso e do escárnio*, o historiador francês Georges Minois, diz que “o riso é um caso muito sério para ser deixado para os cômicos. É por isso que, desde Aristóteles, hordas de filósofos, de historiadores, de psicólogos, de sociólogos e de médicos, que não são nada bobos, encarregam-se do assunto”.⁴³

Da retomada histórica, Minois aponta a Grécia como palco de tudo que diz respeito às primeiras organizações racionais do homem em sociedade. Ali nasceram as primeiras grandes ideias e os primeiros questionamentos acerca da vida.

Não por acaso, é nesse mesmo espaço de tempo que o riso ganha a observação e menção em escritos de primeira ordem. Minois observa em seu livro que desde os míticos versos de Homero, o riso já se faz presente na *Ilíada* e na *Odisséia*.

Ou seja, a brincadeira que promove é mostrar que, antes mesmo de nós humanos gargalharmos, os deuses também se divertiam. Aliás, assim como apresentamos a possível origem da vida em paralelo com a origem do riso, o autor dá um passo atrás e resgata algumas variações de mitos que, resumidamente, apontam que o universo nasce com um *big bang* um pouco menos científico:

Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo... Quando ele gargalhou, fez-se a luz... Ele gargalhou pela segunda vez: tudo era água. Na terceira gargalhada, apareceu Hermes; na quarta, a geração; na quinta, o destino; na sexta, o tempo. Depois, pouco antes do sétimo riso, Deus

⁴² (Idem, 2007, p. 97).

⁴³ (MINOIS, 2003, p.15).

*inspira profundamente, mas ele ri tanto que chora, e de suas lágrimas nasce a alma.*⁴⁴

A investigação entre os deuses gregos como Zeus e Dionísio (figuras das mais jocosas, pode-se entender) prossegue até Aristóteles, que traz trechos sobre a essência do riso em *Poética*.

Segundo Minois, há um mito que foi excluído pelos clássicos, pela preocupação em preservar a dignidade das “humanidades”: o mito de Deméter e de Baubo.

Há diversas versões para tal episódio. Na história deste mito, Baubo, deusa da alegria, recebe a visita de Deméter, deusa dos campos onde cresce o cereal, que se encontra profundamente triste, “tendo perdido o riso”, por ter a filha Perséfone sequestrada por Hades.

Para animá-la um pouco e tirá-la desse estado, Baubo, *“a velha amaseca, lhe sugeria em jeito de graça, que bebesse um pouco de água de cevada; gemia, como se estivesse prestes a parir e, inesperadamente, tirou de debaixo da saia o filho de Deméter, Íaco, que saltou para os braços da mãe e a beijou”*⁴⁵.

Na versão narrada por Minois, retirada do livro de Dominique Arnould (1990), *“ela levantou sua roupa e mostrou todo o corpo, de forma indecente. Havia a criança Íaco que ria sob as saias de Baubo. Ele agitava a mão. Então, a deusa sorriu, de coração, e aceitou a taça”*.⁴⁶

A seguinte versão resgatada por Minois é a descrita por Georges Devereux⁴⁷, em que *“Baubo pintou em seu ventre a metade superior de Íaco, como se ele saísse de seu sexo, titilando sua vulva com uma das mãos”*. Já na narrativa de Paul Perdrizet, Baubo simplesmente desenhou Íaco e, *“assim acomodada, executou a dança do ventre: a cada contorção, a figura pintada parecia rir.”*⁴⁸

O que o historiador promove com o resgate desse mito, é mostrar a relação prazerosa do riso, associada à sexualidade:

⁴⁴ (Idem, p.15).

⁴⁵ (GRAVES, 1990, p. 88).

⁴⁶ (ARNOULD, 1990, apud MINOIS, 2003, p.15).

⁴⁷ (DEVEREAUX, 1983, apud MINOIS, 2003, p.24).

⁴⁸ (PERDRIZET apud MINOIS, 2003, p.24).

*Como sempre, o cômico reside tanto, ou mais, nas interpretações quanto no episódio original. Mas esse mito –em sua versão órfica ou em sua versão homérica- associa o riso, sob a forma de zombaria, à sexualidade, à fecundidade e ao renascimento. Deméter reinava por seu sorriso, ele próprio provocado por um riso que sai da matriz corporal, do sexo feminino. Pensa-se aqui no famoso quadro de Coubert, a Origem do mundo: o ventre feminino é a origem da humanidade inteira, verdade obscena e insuportável para alguns, mas suprema derrisão para o orgulho humano.*⁴⁹

Além dos deuses se divertirem, os próprios pensadores gregos traçaram tratados para compreender essa curiosa manifestação vista, na época, principalmente no teatro popular, como as representações de Aristófanes.

O riso de Aristófanes, afirma Minois⁵⁰, manteve-se fiel ao vínculo com o instinto de agressão, obsceno e devastador. *“Nele, residem aspectos muito mais sérios. Uma derrisão tão generalizada tem sempre laivos niilistas; e no domínio político, em particular, ela não ocorre sem amargura e pessimismo”*. Aristófanes é, antes de tudo, um pensador político, que queria provocar reflexão nos meandros do poder. Na mesma toada, para Arnould, a propósito dos relatos homéricos, “o riso é, em primeiro lugar, uma maneira de afirmar o triunfo sobre o inimigo do qual se escarnece”.⁵¹

Quando os homens “assumiram” para si o direito e o prazer de rir, quando ele foi “humanizado”, Sócrates o endossou em sua ironia durante conversas na busca da verdade. Platão, por sua vez, aparentemente não detinha o mesmo senso cômico, pelo menos não na hora de se discutir o saber, encarando a risada como uma paixão que perturba a alma, podendo estar ligada tanto ao prazer quanto à dor. Do trio de ouro, Aristóteles seguia

⁴⁹ (MINOIS, 2003, p.24).

⁵⁰ (Idem, p.38).

⁵¹ (ARNOULD, apud MINOIS, 2003, p.44).

uma linha próxima a de seu antecessor, sendo ele quem formulou o conhecido aforismo “nenhum animal ri, exceto o homem”.⁵²

Aristóteles não deixou para a posteridade um tratado sobre o tema, apenas passagens em sua obra, apesar da influência significativa de suas limitadas palavras. Alberti (1999) informa que “como o livro II da Poética – aquele que, segundo o próprio Aristóteles, tratava da comédia – se perdeu, faltam-nos ideias de Aristóteles sobre o enigma do cômico, ausência ainda mais significativa por sabermos que ele se ocupou do assunto”.⁵³

Ironicamente, a tragédia (tema chave do pensador grego) de ter uma obra possivelmente interessante perdida, rende discussões acadêmicas sobre o que poderia ter sido ali concluído, além de ter virado tema do livro de Umberto Eco, *O nome da rosa*⁵⁴, adaptado posteriormente para os cinemas.

Um estudo mais moderno, *Uma história cultural do humor* (2000) - série que reúne ensaios de autores europeus apontando momentos chave onde a produção humorística foi essencial para o desenvolvimento e avanço da sociedade, desde a Grécia Antiga até uma reflexão antropológica sobre o tema - aponta três observações que avaliam a evolução do humor na história e sociedade:

Primeiro, é admirável como o discurso dominante muda nos diferentes períodos. Enquanto os filósofos e retóricos da Antiguidade são os principais autores de importantes manuais e debates, na Idade Média os monges e outros Teólogos estabelecem a lei (...) Em segundo lugar, há um constante rodízio entre os produtores de humor. Grécia e Roma mostram que o humor moderado se tornou o domínio da elite social, ao passo que os bufões e os mímicos aos poucos perderam a aprovação oficial (...) Nosso terceiro e último ponto é a evolução do humor em si. Até que ponto o humor mudou através dos séculos? Nossos antepassados riram das piadas como nós, ou seu senso de humor era radicalmente diferente do nosso?

⁵² (ARISTÓTELES, *Parte dos animais*, III).

⁵³ ALBERTI, 1999, p.45).

⁵⁴ (ECO, Umberto, *O nome da rosa*, 1980).

*Aqueles que leram alguns dos textos humorísticos do passado podem ter achado que algumas piadas não são de todo ruins, outras, visivelmente sem graça, e várias até mesmo incompreensíveis. Em outras palavras, estes textos se mostram, ao mesmo tempo, familiares e estranhos a nós.*⁵⁵

Curioso notar que dessas constatações, vai-se ao encontro sobre o que foi defendido por Bakhtin (1993) em seu estudo sobre a carnavalização do riso, quando destaca que apenas as classes baixas e populares desfrutavam do prazer do riso, ignorando o fato de a mesma produção de sentido ser alcançada por intelectuais que desfrutaram sem parcimônia o gênero para banir ideias religiosas ou governamentais que não lhe convinham. No famoso ensaio de Bakhtin (1993), o autor resgata a carnavalização popular da Idade Média e do Renascimento, a qual ele trata como uma cultura de carnaval ou do riso.

*A história literária e a estética costumam partir das manifestações reduzidas e empobrecidas do riso na literatura dos três últimos séculos; esforçam-se por encerrar o riso do Renascimento nas suas estreitas concepções, enquanto elas são insuficientes e, muito, mesmo para compreender Molière. Rabelais é o herdeiro, o coroamento de vários milênios de riso popular. A sua obra é a chave insubstituível que dá acesso à inteligência da cultura popular nas suas manifestações mais poderosas, profundas e originais.*⁵⁶

Na obra, o autor enfatiza que os sentimentos e desejos populares estão livres de qualquer contrato social, afinal, era época de festa e comemoração, e com as fantasias em jogo, tudo é possível.

⁵⁵ (Bremmer e Roodenburg, 2000, p.21).

⁵⁶ (BAKHTIN, 1993, p.418).

*Essa pluralidade das línguas, a faculdade de olhar a própria língua do exterior, isto é, com os olhos das outras línguas, torna a consciência excepcionalmente livre em relação à língua, que se torna extremamente plástica, mesmo na sua estrutura formal e gramatical. No plano artístico e ideológico, o importante é, principalmente, a excepcional liberdade das imagens e das suas associações, em relação a todas as regras verbais, a toda hierarquia linguística em vigor.*⁵⁷

Por outro lado, Vladimir Propp, segue uma linha de pensamento próxima à de Bergson, e evita categorizar o que seriam piadas de baixo calão ou ironias bem elaboradas e se foca em dividir e distribuir o riso em subdivisões, como o riso cínico, moderado, de zombaria, entre outros. De acordo com Almeida (1998), Propp acredita, tal como Bergson, que o riso é sempre suscitado pela desarmonia, e o que é belo e harmonioso não pode, de jeito algum, despertar o riso:

*Os pequenos defeitos espirituais suscitam o riso, tal como dos defeitos exteriores. (...) Vendo a desarmonia e a deformidade exterior, o homem percebe-as de forma completamente involuntária como índices de defeitos mais profundos e importantes. Após uma reflexão posterior e fria isto pode ser reconsiderado, mas o homem que ri não reflete.*⁵⁸

O pensador Georges Bataille, entre tantas transgressões que estudou, dedica-se à experiência do riso, em passagens por suas obras, como um indício filosófico de saber, de essência e de autoconhecimento. “*Eu não sou, na verdade, senão o riso que me toma*”.

Ao longo de sua obra - *A experiência interior* (1943), *O culpado* (1944), entre outras - é possível encontrar referências ao riso, mas destaca-se

⁵⁷ (Idem, p.416).

⁵⁸ (PROPP, apud ALMEIDA, 1997).

especialmente em sua conferência de 1953, *Não-saber, o riso e lágrimas*, sua estreita ligação com o tema e sua importância para a filosofia e a vida.

*Creio na possibilidade de partir, em primeiro lugar, da experiência do riso, e de não mais largá-la quando se passa dessa experiência particular à experiência vizinha do sagrado ou do poético. Se vocês quiserem, isso é o mesmo que achar, no dado que é o riso, o dado central, o dado primeiro, e talvez o dado último da filosofia.*⁵⁹

O ato tão simples e cotidiano de rir envolve, contudo, diferentes percepções e sentimentos. Como pontua Bremmer⁶⁰ *“embora o humor deva provocar o riso, nem todo riso é fruto do humor”*.

Da situação, uma série de possibilidades são possíveis, como alguém que viu a cena rir do ocorrido, pelo modo desastroso e atrapalhado do personagem, e gerar humilhação, ofensa e raiva por quem escorregou. Por outro lado, este pode também ser espirituoso e rir de si mesmo, caso esteja em um bom dia.

Até Nietzsche deu sua contribuição no tema. Mesmo que timidamente, encontra-se uma ironia feroz e violenta em seus principais livros, além de evidenciar, em certos momentos, um mínimo diálogo imaginado com Bataille, a respeito da experiência do riso como uma verdade filosófica.

*Rir sobre si mesmo, como se deveria rir para sair de toda a verdade, para isso os melhores não tiveram até agora suficiente sentido de verdade e os mais capazes, muito pouco de gênio!*⁶¹

No mesmo livro⁶², Nietzsche volta-se para um texto de Espinosa, onde se opõem *intelleger* (compreender) e *ridere* (rir), *lugere* (deplorar) e *detestari* (detestar). Como explica Matos (2005), segundo Espinosa, para compreender

⁵⁹ (BATAILLE, 1953 apud ALMEIDA, 1997).

⁶⁰ (2003, p.15).

⁶¹ (NIETZSCHE, 1882, apud ALBERTI, 1999).

⁶² Nietzsche, Assim falou Zaratustra.

as coisas em sua natureza, essência e verdade é preciso abster-se de rir delas, deplorá-las ou detestá-las. Apenas quando essas paixões são apaziguadas é que, finalmente, pode-se conhecer.

“Para Nietzsche, não somente isso não é verdade, como se passa exatamente o contrário”, escreve Matos. *Intellegere* é o resultado de um certo jogo de compreensão entre o rir, o deplorar e o detestar. Essas três paixões possuem em comum o fato de serem uma maneira não de aproximação do objeto, não de identificação, mas de conservar o objeto a distância, diferenciando-se dele ou colocando-se em ruptura em face dele, protegendo-se pelo riso, desvalorizando-o pela deploração, afastando-o e, eventualmente, destruindo-o pelo ódio. São esses os impulsos que se encontram na raiz do conhecimento.

Apesar de tudo, o que importa e cabe aqui representar, é que mesmo na união e alegria, o riso, desde sempre, também está estritamente ligado à sentimentos quase opostos, que remetem a repressão, denúncia e morte, situações essenciais e que serão melhor contextualizadas mais à frente. Ao que cabe, ainda, é desde já deixar em evidência como em questões de instantes (e o que é a vida senão instantes?) o riso feliz e humorístico pode transformar-se em uma ameaça e ingloria ao outro. Do riso nascemos com o riso morremos.

A cunho de curiosidade, a fisiologia do riso, pelo lado anatômico da subjetivação, também ganhou a atenção de alguns curiosos, como Darwin e Heber Spencer, que mediram o excitação e relaxamento de músculos, respiração e descargas de energia. O riso provoca o gozo do bem-estar, ativando positivamente funções de diferentes partes do corpo humano, tal como coração, pulmões, músculos abdominais, vasos sanguíneos e sistema imunológico.

Antes deles, o médico totem Hipócrates havia levantado questões sobre o risível na série de cartas reunidas em *Sobre o riso e a loucura* (460-377 a.C)⁶³. Considerado o maior médico de seu tempo, Hipócrates fora chamado para viajar até Abdera a fim de diagnosticar a suposta loucura de Demócrito, um dos homens mais sábios daqueles tempos, e que ria dia e

⁶³ Hipócrates, *Sobre o riso e a locura*. São Paulo: Ed. Hedra, 2011).

noite, de todos os assuntos, sem nunca se cansar ou explicar seu ato. Ou seja, o que o texto levanta é “ele ri porque é louco, e logo, doente” ou “ele ri porque é o único que entende o mundo e os homens, e não vê esperanças”. O embate entre as teorias no qual se apóiam os personagens sobrepõem-se em diferenças. Para Rogério de Campos, responsável pela introdução da obra, Hipócrates sempre foi conhecido pela sua teoria dos humores, bem como pela sua crítica à superstição que ligava epilepsia e possessão divina. Demócrito foi conhecido pelo atomismo, segundo o qual o universo teria sido criado de modo espontâneo pelo turbilhão primordial.

O diagnóstico a qual chega o médico em sua carta 17, é que, enfim, Demócrito não estava à beira da loucura, simplesmente desprezava tudo. No dialogo que se segue entre os personagens, com Hipócrates buscando secretamente descobrir se o colega estava louco, este, ao falar de seu trabalho, afirmou que estava estudando a loucura, e que de suas reflexões entendeu que a bile é a responsável por espalhá-la entre os homens:

O homem é levado por essas afecções cotidianas e ri de tudo isso, como se fosse uma coisa só, depois ele concentra-se e entrega-se novamente à quietude. Em seguida eu disse: ‘De quê ris, Demócrito? Das coisas boas ou das más?’ E ele, por outro lado, ria ainda mas forte, enquanto os abderitas o observavam, uns reprovando sua atitude com a cabeça e com a expressão, outros arrancando os cabelos. Como disseram, o riso dele era muito extravagante, muito distante do usual. E eu repliquei: ‘Ó Demócrito, o melhor dos sábios, desejo entender a causa da sua afecção, e por que eu pareci risível a ti, ou por a;GO que eu disse, de modo a interromper a causa dessa atitude, para afastar-te desses risos inoportunos.’ ‘Por Héracles’, ele disse, ‘se és capaz de me demover, curarás um terapeuta, como nunca ocorreu antes, ó Hipócrates.’ ‘E como não me refutarias’, disse eu, ‘ó amigo? Ou não julgas extravagante que um homem ria da doença, do delírio, da loucura, da melancolia, da morte e de coisas ainda piores? Ou

*ainda que ele ria dos casamentos, das solenidades, dos recém-nascido, dos mistérios, dos comandos, das honrarias e outros bens em geral? Como não se distinguisse o bem e o mau, tu ris do que se deve lamentar, bem como daquilo que se deve agradecer.*⁶⁴

O diálogo encerra-se com Demócrito desafiando o médico, ao dizer que este imaginava que a causa de seu riso precisava ter uma causa boa e outra ruim, enquanto na verdade ele ria de uma coisa só relativa à humanidade, a falta de razão que preenche o homem, a falta de discernimento, a vacuidade que há nas suas ações corretas, nos seus desejos pueris, na inutilidade de seus sofrimentos infindáveis, percorrendo os limites da terra em busca desmedida. Entre um pouco de maldade e visão cética, sem medo de julgar comportamentos exagerados e artísticos do homem, o riso de Demócrito (não) era louco, e ficava, pois sim, no limite entre os registros.

Para aproveitar a resumidíssima cena médica, em paralelo vale citar o trabalho clínico com pacientes do popular do médico norte-americano Patch Adams⁶⁵, autor de livros sobre sua metodologia humorística e que teve a vida biografada no filme homônimo, e da trupe brasileira *Doutores da Alegria*, liderados por Wellington Nogueira⁶⁶.

O que fica dos interessantes estudos é que da linguagem encontra-se o corpo. E isso basta para seguirmos adiante. Freud via a razão do riso como mais caso de psicopatologia da vida cotidiana.

O psicanalista não foi, como vimos, o primeiro e último estudioso do riso, do chiste e do humor, mas foi ele quem inicialmente desenvolveu uma metapsicologia para explicar e elucidar seu funcionamento na mente e o meio

⁶⁴ (Idem, p.57).

⁶⁵ Médico norte-americano notório por sua metodologia, de levar o riso aos enfermos (e a doutores mau-humorados) e buscar instaurar um contexto psicológico mais alegre e otimista. Ficou mundialmente conhecido após ter sua vida biografada no filme *Patch Adams*, de 1998, com Robin Williams em seu papel. Para saber mais, ver seu site pessoal patchadams.org.

⁶⁶ Para saber mais, ler *O discurso dos doutores da alegria: análise semiótica das estratégias comunicativas junto ao público infantil*, de Luciana Gontijo (2006).

que o leva a atingir as estruturas físicas (sejam as gargalhadas ou mesmo bexigas apertadas vazando) simplesmente por meio das palavras.

Sua obra *Os chistes e suas relações com o inconsciente* (1905) não consta para o grande público como uma de suas principais aventuras literárias. Renato Mezan⁶⁷ relembra de assinalar que outro fator que “diminuiu” a publicação é o fato de que no mesmo ano de 1905, Freud lançava *Três ensaios sobre a sexualidade* (este sim causou rebuliço imediato), além da análise do *Caso Dora*, fundamental para a compreensão do papel do psicanalista e da manifestação dos sintomas histéricos. Frente a isso, era premeditado que um ensaio a respeito de piadas não fosse levado muito a sério.

Foi Jacques Lacan, como afirma Joel Birman, o principal nome do conhecido “retorno a Freud”, quem resgatou a publicação do limbo e deu a ela o merecido destaque psicanalítico na compreensão da cultura para explicar as manifestações do inconsciente. “Devemos a Lacan, sem dúvida, a restauração da importância dessa problemática no pensamento psicanalítico, no seu já célebre retorno a Freud.”⁶⁸ Birman explica essa importância dada a atividade criativa, a gratuidade absoluta da linguagem, pela qual a dominação sobre o real se exprime no desafio do não-sentido.

Kupermann assinala que tantos os chistes quanto o humor aparecem quase que marginalizados na obra toda de Freud devido à ausência de uma teorização consistente a respeito da sublimação (tema tratado no segundo capítulo), sendo que, a metapsicologia do humor representa muita importância “para o entendimento do estatuto do infantil na constituição do sujeito”.⁶⁹

De qualquer forma, o estudioso um pouco atento, seja ou não um admirador de gracinhas, consegue reconhecer que a estrutura apresentada por Freud vai ao encontro teórico com *A interpretação dos sonhos* (1900) e com a *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). E, como não, tem uma relação direta com as neuroses do sujeito.

⁶⁷ (MEZAN, *A ilha dos tesouros*, em *Seria trágico se não fosse cômico*, org. Kupermann e Slavutzky, 2005).

⁶⁸ (BIRMAN, *Frente e verso*, em *Seria trágico se não fosse cômico*, org. Kupermann e Slavutzky, 2005.)

⁶⁹ (KUPERMANN, *Ousar rir*, 2003, p.66).

*Nos sonhos e neuroses, o que é assim excluído bate aos portões em busca de admissão, guardados, não obstante pelas resistências, e em nossa saúde desperta fazemos uso de artifícios especiais para permitir que o que está reprimido contorne as resistências e recebamos temporariamente em nosso ego, para aumento de nosso prazer. Os chistes e o humor e, até certo ponto, o cômico em geral, podem ser encarados sob esta luz.*⁷⁰

Mezan⁷¹ define o momento psicanalítico da publicação do livro da seguinte maneira:

A façanha de Freud é das maiores, e o que se completava com os textos de 1905 (entre os quais o livro de Witz) era simplesmente o primeiro sistema de psicologia a extrapolar o quadro da descrição literária e a permitir o tratamento das perturbações neuróticas. Pois, desde os trágicos e poetas da Grécia antiga, as paixões humanas tinham sido examinadas a fundo, em suas causas e relações recíprocas, pelos autores de ficção. (...) Freud, porém, vai além: ao conceber a psique como campo de forças (metapsicologia), ao descrever a gênese dessas forças (teoria das pulsões) e as suas resultantes (quadros clínicos), tornou possível a intervenção com conhecimento de causa no universo mental/emocional (a técnica analítica).

A partir dessa publicação, é possível compreender o riso como gerador de prazer, tomando uma nova concepção desse estado.

Para estudar e analisar diferentes textos e publicações tendo como conceito o riso, o chiste, o fazer rir, como é a proposta do presente trabalho,

⁷⁰ (FREUD, 1921, p.141).

⁷¹ MEZAN, *A ilha dos tesouros*, em *Seria trágico se não fosse cômico*, org. Kupermann e Slavutzky, 2005, p.133).

parece fundamental a compreensão e a utilização das definições de Freud a respeito do tema. O autor, como já destacado ao longo desse capítulo, pontua e define o riso de forma clara, permitindo que a partir de suas teorias e de seus apontamentos, se analise o risível em diferentes meios e usos.

No entanto, a obra freudiana a respeito desse e de outros temas requer explicações e apontamentos, especialmente no que concerne à edição brasileira.

Da imago do *witz*

O título *Der Witz*, em sua forma original, causou um certo problema, para não dizer desconforto, aos tradutores da língua inglesa, a cargo de James Strachey, e que influenciou do mesmo modo a Edição Standart Brasileira⁷² publicada pela editora carioca Imago.

Strachey comenta em sua nota de abertura as dificuldades sobre os termos exatos, e o risco de que os contextos pudessem ser mal interpretados e não transmitir a ideia correta e proposta pelo seu autor a princípio.

Em tom quase que de desespero, finaliza com a chistosa frase⁷³ *“espera-se ardentemente que essas dificuldades, afinal, todas elas superficiais, não detenham os leitores no início”*.

Invocar *“todas elas superficiais”* é muito perigoso, e errado, para ser claro, dentro da proposta daquele trabalho, a de traduzir as explicações e diferenças formas do cômico e do humorístico. Ao que em outros trabalhos, desde que esclarecido, as denominações exatas realmente perdem importância dado o objetivo final de cada um, como é o caso deste estudo, de avançar um pouco mais e encontrar na mistura de todas as palavras o riso como denominador comum.

‘O chiste’, termo por fim escolhido para intitular a tradução, não faz parte do vocabulário cotidiano da sociedade brasileira. Jane de Almeida avalia da seguinte forma, logo na abertura de seu livro:

⁷² (Ed. Imago, 2006, tradução de Margarida Salomão.)

⁷³ (FREUD, 1905, Ed. 2006, prefácio do editor, p.15).

*Chiste – esta não é uma palavra de uso corrente no Brasil. Talvez poucas pessoas saibam do que se trata. Elas dirão que se trata de uma piada e não estarão erradas. Mas, estudando as piadas no que se refere ao código, como elas se estruturam verbal e oralmente, seria um equívoco dizer o contrário: que toda piada é um chiste.*⁷⁴

De acordo com Almeida, a palavra “chiste” deriva do castelhano, com o significado de “dito gracioso”. Do alemão, *Witz*, quer dizer piada e espírito ao mesmo tempo. No inglês, *wit* traduz a ideia de graça e humor. Em francês, *mot d’esprit*, resgata o tom espirituoso de sua essência.

Mezan⁷⁵ é mais um dos ferozes críticos à falha tradução da edição Standard, especialmente no que se trata da opção por utilizar “chiste” como palavra-chave de toda a obra *Witz*.

*Obviamente calcado no espanhol chiste, ela ignora que no Brasil ninguém conta “chistes”, e sim piadas. O problema é que, para nós, a palavra “piada” evoca imediatamente uma anedota ou história engraçada, enquanto Freud faz um esforço considerável para distinguir o Witz daquilo que é cômico.*⁷⁶

Seja como for, das definições que ficam, é possível, apesar de tudo, compreender os mecanismos metapsicológicos estruturados por Freud e seguir a partir dessas referências na compreensão das diferentes produções de sentido linguístico na lógica do inconsciente, o que, como anteriormente destacado, é requisito básico na análise e no estudo das provocações de riso politicamente incorreto nas diferentes mídias a serem analisadas.

⁷⁴ (ALMEIDA, 1998, p. 17).

⁷⁵ (MEZAN, *A ilha dos tesouros*, em *Seria trágico se não fosse cômico*, org. Kupermann e Slavutzky, 2005).

⁷⁶ (Idem, 2006, p.139).

Capítulo 2 - Da arte do riso

O riso é uma arte. A sentença de duplo sentido aponta tanto para a *arte* de sapecagem, malandragem e outro sinônimo que caiba, quanto para *arte* em seu sentido artístico, sublime, inspirador.

Em *Os chistes e as suas relações com o inconsciente* (1905), Freud analisa como os jogos de palavras operam no campo da liberação de libido recalcada e diferencia como as diferentes técnicas são responsáveis por atingir o prazer para evitar o desprazer. A vertente do riso, de seu processo criativo até a explosão (metafórica) de palmas da plateia. Essa habilidade do jogo de palavras, além do prazer da façanha, ocorre desde a infância, período no qual a criança começa a adquirir vocabulário e desfruta enorme satisfação brincando com ele.

(a criança) Reúne as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima. Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restam permitidas as combinações significantes das palavras. Quando mais velho, tenta ainda emergir ao desrespeito das restrições que aprendera sobre o uso de palavras. Estas são desfiguradas por pequenos acréscimos particulares que lhes faz, suas formas sendo alteradas por certas manipulações; é possível mesmo a construção de uma linguagem secreta, para uso entre companheiros de brincadeira.⁷⁷

O interesse de Freud pelos jogos de palavras, explica Mezan⁷⁸, decorre do peso que tem a linguagem no tratamento analítico: é por meio dela, que tanto expressa quanto oculta ou deforma o pensamento, que se pode ter acesso ao inconsciente.

⁷⁷ (FREUD, 1905, p.122).

⁷⁸ (MEZAN, *A ilha dos tesouros*, em *Seria trágico se não fosse cômico*, org. Kupermann e Slavutzky, 2005).

*O jogo – guardemos esse nome – aparece nas crianças que estão aprendendo a utilizar as palavras e reuni-las. Tal jogo obedece provavelmente a um dos instintos que compelem as crianças a exercitar suas capacidades (Gross, 1889). Ao fazê-lo, deparam com efeitos gratificantes, que procedem de uma repetição do que é similar, de uma redescoberta do que é familiar, da similaridade do som etc. e que podem ser explicados como insuspeitadas economias na despesa psíquica.*⁷⁹

Kupermann (2003) completa o raciocínio, ao afirmar que a noção de jogo é a fonte primária do mecanismo de produção de prazer e da psicogênese dos chistes, que obriga Freud a repensar os princípios que regem o funcionamento mental e o estatuto do infantil na psicanálise.

Tanto, que Freud escreve *“podemos assumir na criança uma ignorância que não existe; as crianças frequentemente se representam como ingênuas de modo a poder desfrutar uma liberdade que de outra forma não lhes seria permitida”*.⁸⁰

Um outro exemplo usado por Kupermann (2003) para se explicar o prazer do riso, é ao mencionar o prazer dos jogos e brincadeiras para as crianças, que elas, por meio destas, “brincam” de ser adulto, uma realização desejante de fazer o que as figuras de referência o fazem na vida real, e criam um mundo imaginário, paralelo ao real, constituindo, assim, sua própria realidade, sendo esta da forma que mais lhe agrada. Com essa teoria, Freud formula a frase *“a antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real”*. Mas e na vida adulta? Renunciamos ao prazer das brincadeiras? Para Freud, não.

Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na

⁷⁹ (FREUD, 1905, p.125).

⁸⁰ (Idem, p. 174).

*verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios.*⁸¹

Quando adultos, devemos seguir mais à risca as leis da sociedade, ou seja, dedicarmos mais as coisas sérias, como trabalhar e constituir uma família. O prazer, nesse sentido, é jogado para o lado, dando apenas voz ao princípio capitalista da realidade de conquistar metas pré-estabelecidas gerando o mal-estar da civilização e sujeitos cada vez mais neuróticos.

*Quando a criança cresce e para de brincar, após esforçar-se por algumas décadas para encarar as realidades da vida com a devida seriedade, pode colocar-se certo dia numa situação mental em que mais uma vez desaparece essa oposição entre o brincar e a realidade. Como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância; equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor.*⁸²

Kupermann⁸³ conclui então, revisando os escritos de Freud, que o risível (e o humor, no caso, com maior ênfase) para o adulto é uma fonte da brincadeira infantil, uma atualização do brincar, e não seu substituto.

O chiste, o cômico e o humor -principalmente-, são os meios pelos quais o inconsciente psicanalítico se manifesta, a exemplo dos sonhos, atos falhos e sintomas (o assunto mais detalhado será analisado a seguir). Nos três casos alcança-se o prazer, a diferença é como se chega até lá.

⁸¹ (FREUD, 1908, p.151)

⁸² (FREUD, 1908, p. 150).

⁸³ (KUPERMANN, 2003, p.93).

Freud, ao final de seu livro⁸⁴, oficializa a questão: “O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento”.

Nos chistes, o prazer provém de algum tipo de recalque, pois a piada é uma manifestação do que é proibido, do que deve se denunciar. É o modo pelo qual o politicamente incorreto consegue se expressar vindo diretamente do inconsciente freudiano.

No cômico, associa-se a ideia da imagem social também defendida por Bergson. Como um dos principais exemplos do cômico, Freud⁸⁵ usa do momento em que crianças em fase de alfabetização, tamanho o esforço desprendido para transformar transportar as palavras da mente para o papel, esticam a língua para fora da boca como que para acompanhar o movimento da caneta. Vale notar que, diferentemente dos chistes, nem toda a cena cômica ocorre por um “planejamento” (mesmo que inconsciente). Simplesmente um contexto fora de si pode provocar o riso: “Um chiste se faz, o cômico se constata”⁸⁶.

A ação do humor traduz um afeto desprazeroso a partir da própria experiência do humorista. É o que sustenta o famoso jargão “rir de si mesmo”.

Apesar das definições, nota-se, contudo, que em muitas variantes as definições podem ficar muito próximas e até se confundir. Alguns chistes passam a impressão de simples humor, mas dependendo do ponto de vista, é um acontecimento cômico por fim.

Expressões de duplo sentido, falas *nonsense*, condensação de duas ou mais palavras, ironias, sarcasmos, alusões e metáforas (os tais jogos de palavras) são alguns dos métodos reconhecidos pelo psicanalista para driblar o pensamento consciente e que distinguem as formulações que geram o riso.

⁸⁴ (FREUD, 1905, p.218).

⁸⁵ (Idem, p.179).

⁸⁶ (Idem, p.171).

Técnicas, variações e jogos de palavra – chiste, cômico e humor

Por meio de uma série de chistes “coleccionados” por Freud e exibidos ao longo do livro de 1905, começa-se a compreender o múltiplo uso de técnicas e prazeres que condizem com as diferenciações a seguir comentadas.

Para se ter ideia, são tantas, em tão pouco espaço de pensamento, as possibilidades que Freud encontrou para entender a formação de técnicas do chiste risível pelos jogos que, ainda na página 48, foi necessário uma pausa do autor para sumariá-las em três grupos e que o acompanhou até sua conclusão, sendo:

I Condensação:

- (a) com formação de palavra composta;
- (b) com modificação.

II Múltiplo uso do mesmo material:

- (c) como um todo e suas partes;
- (d) em ordem diferente;
- (e) com leve modificação
- (f) com sentido pleno e sentido esvaziado.

III Duplo sentido:

- (g) significado como um nome e como uma coisa;
- (h) significados metafóricos e literal;
- (i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras);
- (j) Double entendre;
- (k) Duplo sentido com uma alusão.

O primeiro exemplo citado sobre a técnica dos chistes é o uso da palavra “familiarmente”, utilizada por Heine em um chiste para expressar como um agente de loteria recebe um rico Barão com tanto entusiasmo,

gentileza e agrado, acolhendo-o como um membro da “família” (*familär*) devido à sua “fortuna” (*milionär*): “*R. tratou-me como um seu igual – bastante familiarmente*”.⁸⁷

Na língua em que o chiste ocorre, os sufixos das palavras utilizadas são comuns, e na cena descrita por Freud, há um exemplo da técnica de “condensação”, que diz respeito ao uso e prazer no jogo de palavras para dizer de forma transgressora o que era proibido.

Outro exemplo de chiste, mas dessa vez com a técnica do “*múltiplo uso da mesma palavra*”. Durante o governo de Napoleão, o ditador dançava com uma dama italiana em um salão onde ocorria uma festa, no que dispara para sua acompanhante: “*Tutti gli Italiani danzano si male*”, ao que ela prontamente responde: “*Non tutti, ma buona parte*”. No caso, “*Buona parte*” tem o duplo sentido de se referir a uma parte considerável de italianos que dançam mal, mas como, principalmente, em atacar o próprio ditador que fez inicialmente a crítica, que tem o sobrenome “Buonaparte”.⁸⁸

Da seleção de chistes de judeus que Freud colecionava, a eficiência do seguinte é vista também no duplo sentido da mesma palavra, com alusão a fatos “nonsense” e absurdos que complementam a técnica: “*Dois judeus se encontram nas vizinhanças de um balneário. ‘Você tomou um banho?’, pergunta um deles. ‘O quê?’, retruca o outro, ‘há um faltando?’*”.⁸⁹

A técnica pode passar despercebida, mas é o verbo “tomou” quem faz a intenção do chiste. No sentido da pergunta do primeiro personagem, pensa-se na forma informal e popular de “tomar um banho”, enquanto o segundo, dentro do contexto “econômico” do povo judeu, entende o “tomar” no sentido de “pegar” ou “roubar”. A ideia do absurdo passa pela suposição de que alguém teria retirado, contra as regras, algum banho do local.

O “absurdo” ganha força com o uso da estupidez e de propósitos impróprios:

Um homem obrigado a seguir viagem confiou sua filha a um amigo, solicitando-lhe que velasse pela virtude dela durante sua

⁸⁷ (FREUD, 1905, p.27).

⁸⁸ (Idem, p.44).

⁸⁹ (Idem, p.55).

*ausência. Meses mais tarde ele retornou e encontrou-a grávida. Como se esperava, ele reprovou amargamente seu amigo que lhe parecia incapaz de explicar tal desgraça. ‘Bem’, perguntou finalmente o pai, ‘onde ela dormia?’ – ‘No quarto, com meu filho.’ – ‘Mas como você pode deixar que ela dormisse no mesmo quarto que seu filho, se eu tanto lhe implorei que a protegesse?’ – ‘Afim de contas havia um biombo entre eles. A cama de sua filha ficava de um lado, a de meu filho no outro e o biombo ficava no meio.’ – ‘E suponha que ele contornasse o biombo?’ – ‘É verdade’, retrucou o outro pensativamente, ‘isso bem pode ter acontecido’.*⁹⁰

Mais um exemplo linguístico na técnica dos chistes pode ser visto no caso da “omissão”, “não entendimento proposital” - o que pode se entender também como os atos falhos - de certos fatos que podem ser constrangedores para terceiros. Freud comenta que boa parte desse raciocínio chistoso é usado em situações nas quais “a realidade é desconsiderada em favor da possibilidade”.

O raciocínio mostra o diálogo de um agente matrimonial que talvez, não tão inconscientemente assim, “omite” uma informação para convencer o noivo a aceitar sua pretendente:

O Schadchen defendia a jovem, por ele proposta, dos protestos do rapaz. ‘Não gosto da sogra’, dizia o último. ‘Ela é uma pessoa desagradável e estúpida.’ – ‘Mas afinal você não vai se casar com a sogra. Quem você quer é a filha dela.’ ‘Sim, mas esta não é jovem, nem se pode dizer que seja bonita.’ – Não importa. Se ela não é jovem nem bonita, será por tudo isso mais fiel a você.’ – ‘Nem tem muito dinheiro.’ – ‘Quem está falando sobre dinheiro? Você vai casar-se por dinheiro? Afinal, é uma esposa que você quer’ – ‘Mas, ela tem também uma corcunda

⁹⁰ (Idem, p.63).

nas costas.’ – ‘Bom, e o que você quer mais? Não terá ela o direito de ter um único defeito?’⁹¹

Os chistes ingênuos ou inocentes são os que mais se aproximam da noção de cômico. Como comentado anteriormente, as diferenças das técnicas residem na localização psíquica que ocorrem, do ponto de vista compreendido a cena e contexto.

Para ilustrar essa diferença, Freud mostra como um chiste inocente formulado por dois irmãos ganha o contorno e definição de cômico por conta do social:

“Dois irmãos – uma menina de doze e um menino de onze anos – representavam um drama, composto por eles próprios, para um público de tios e tias. A cena representava uma cabana na praia. No primeiro ato, os dois autores-atores, um pobre pescador e sua honesta esposa, lamentavam-se sobre os duros tempos e seus parcos ganhos. O marido decide-se a cruzar em seu bote os largos mares e procurar fortuna em outra parte; após ternos adeuses, o pano cai. O segundo ato passa-se muitos anos depois. O pescador retorna rico com uma grande mala de dinheiro e narra à esposa, que o esperava fora da cabana, como a boa fortuna o abençoara em terras estrangeiras. A esposa o interrompe orgulhosamente? ‘Também eu não fiquei ociosa.’ Abre então a porta da cabana e revela aos olhos do marido doze grandes bonecas deitadas no chão, adormecidas... A este ponto da representação, os atores foram interrompidos por uma tempestade de risos da platéia”.⁹²

Nessa breve passagem, o chiste ingênuo e involuntário teria sido a formulação das crianças a respeito da gravidez impossível. Contudo, sua inocência e ignorância não formularam o chiste, e o riso da plateia provém, portanto, do ponto de vista social. *“O riso é explicado pela suposição,*

⁹¹ (Idem, p.66).

⁹² (Idem, p.173).

*admitida pela plateia, de que os jovens autores ignoravam inteiramente as condições que governam a origem dos bebês”.*⁹³

No caso do cômico, Freud diferenciou-o chiste por sua razão social, ou seja, no que a produção de prazer está diretamente ligado a quantas pessoas participam da cena risível. Como foi exemplificado, o chiste necessita de, pelo menos três, para seu sentido ser correto, enquanto no cômico, apenas duas, a primeira que constata o cômico e a segunda a quem se constata. Além do mais, o chiste e o cômico distinguem-se por conta da localização psíquica; pode-se dizer, segundo Freud, que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente.

O prazer cômico procede da despesa economizada pela comparação do comentário de outra pessoa com o nosso próprio e ele aparece, portanto, nas relações sociais humanas. Para o psicanalista, alguma das formas de colocar uma pessoa na situação cômica é pelo disfarce, desmascaramento, caricatura, paródia, travestismo, entre outras, tornando-a, de certa forma, desprezível frente a dignidade cotidiana.

*Se alguém acha alguma coisa cômica, pode divertir-se consigo mesmo. Um chiste, pelo contrário, deve ser contado a mais alguém. O processo psíquico da construção de um chiste não parece terminado quando o chiste ocorre a alguém: permanece algo que procura, pela comunicação da ideia, levar o desconhecido processo de construção de chistes a uma conclusão (...) Se encontro algo cômico, posso rir gostosamente, embora seja verdade que também me satisfaço se posso fazer alguém mais rir, contando-lhe o fato. Mas eu próprio não posso rir de um chiste que me tenha ocorrido, ou que eu tenha inventado, a despeito do inequívoco prazer que o chiste me dá.*⁹⁴

⁹³ (Idem, p.173).

⁹⁴ (Idem, p.138).

Freud comenta que a origem do prazer cômico e o efeito pelo qual é conhecido – o riso – só se manifestam se essa diferença não é utilizável e, pois, capaz de descarga. E para melhor esclarecer as possibilidades e contextos, tal qual fez com os chistes, elaborou uma tabela⁹⁵ para definir onde o cômico se aplica:

- a) por uma comparação entre uma pessoa e eu,
- b) por uma comparação inteiramente no interior da outra pessoa,
- c) por uma comparação inteiramente no interior do eu.

O prazer cômico, ressalva Freud ao longo de toda sua análise, está ligado aos afetos infantis, o que o faz escrever que as coisas cômicas são aquelas impróprias para um adulto.

No caso do humor, quando o riso é voltado para si mesmo e sem a necessidade de comunicá-lo para outro, nota-se as particularidades de cada circunstância com apoio inevitável do “absurdo” e “nonsense” vistos em alguns tipos de chistes.

Freud cita o caso do vagabundo que estava sendo levado para sua execução em uma segunda-feira, quando comenta “É, a semana está começando otimamente”⁹⁶, ou em um semelhante na situação em que outro vagabundo, também a caminho de sua execução, pede um lenço para cobrir a garganta e proteger-se de um futuro resfriado. O “absurdo” aqui é que como o personagem será executado logo em seguida, preocupar-se com o ar frio torna a cena toda ridícula.

“As espécies de humor são extraordinariamente variadas de acordo com a natureza da emoção economizada em favor do humor: compaixão, raiva, dor, ternura etc”,⁹⁷ comenta o autor, que ainda afirma “o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração desses afetos.”⁹⁸

⁹⁵ (Idem, p.204).

⁹⁶ (Idem, p. 213).

⁹⁷ (Idem, p.215).

⁹⁸ (Idem, p.212).

O humor foi alvo de um texto à parte por parte de Freud. Datado de 1927, o artigo examina a dinâmica da produção e do processo humorístico. O autor descreve que como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual. Essa grandeza, aponta o psicanalista, reside claramente no triunfo do narcisismo.

“O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais”.⁹⁹

A esta altura, ficou claro que a teoria freudiana aponta que o chiste, o cômico e o humor são três meios possíveis de se provocar o riso e obter o prazer, e apesar de todas as coincidências, eles operam de formas próprias na psique humana. Freud encerra o livro com a constatação

O prazer nos chistes pareceu-nos proceder de uma economia na despesa com a inibição, o prazer no cômico de uma economia na despesa com a ideação (catexia) e o prazer no humor de uma economia na despesa com o sentimento. Em todos os três modos de trabalho do nosso aparato mental o prazer derivava de uma economia.¹⁰⁰

Para melhor visualizar o papel de cada produção risível, Almeida (1999), a partir do texto de Freud, separa da seguinte forma: *“Chiste é diferente de anedota, que não tem o mesmo significado que humor, que não é sinônimo de paródia e, portanto, foge da ideia do cômico”.¹⁰¹*

A autora formaliza uma tabela¹⁰² que simplifica o modo de compreender em comparação os três principais fenômenos estudados por Freud:

⁹⁹ (FREUD, 1927, p.166).

¹⁰⁰ (FREUD, 1905, p.218).

¹⁰¹ (ALMEIDA, 1998, p.42).

¹⁰² (Idem, p.42).

		Chiste		Humor		Cômico	
Localização psíquica		Inconsciente		Superego		Do pré-consciente para o consciente	
Economia libidinal		Inibição		Sentimento		Ideia	
Pessoas envolvidas		Três pessoas		Uma pessoa		Duas pessoas	
Raciocínios		Abdução		Indução		Dedução	
Mecanismos		Capacidade		Necessidade		Conhecimento	
Processos		Fazer		Possibilitar		Constatar	
Registros		Relação com o Real		Simbólico		Imaginário	

Com os métodos supostamente definidos, voltamos à ideia do prazer alcançado pelo jogo de palavras e como elas inferem na psiquê humana desde o infantil.

Bergson dispara que talvez devêssemos remontar nossas lembranças mais antigas, buscar, nos folguedos que divertiram nossa infância, o primeiro esboço das tramoias que fazem o homem rir.

*Com grande frequência falamos de nossos sentimentos de prazer e de dor como se eles nascessem velhos, como se não tivessem história. Com grande frequência, sobretudo, deixamos de reconhecer o que há ainda de infantil, por assim dizer, na maioria de nossas emoções prazenteiras. Quantos prazeres presentes, no entanto, se reduziriam a lembranças de prazeres passados, se os examinássemos de perto! (...) Ora, a comédia é uma brincadeira, uma brincadeira que imita a vida.*¹⁰³

A acessibilidade à brincadeira e ao humor pressupõe o investimento do pensamento, a capacidade de uma colocação à distância das emoções, dos afetos, o reconhecimento do outro como diferente, a possibilidade de viver a diferença e a exterioridade como dados persecutórios.

A área em que o humor e a brincadeira se desenvolvem autoriza aquela cumplicidade em que as crianças riem da seriedade dos adultos. Isso permite considerar as defesas com grandeza, tomá-las pelo que são: soluções psíquicas necessárias, mas soluções talvez provisórias, circunstanciais. Macedo (2011)¹⁰⁴ entende o humor como inseparável da brincadeira, com o humor acompanhando, ao passo que a ironia supõe uma qualidade particular de distância, um ponto de vista crítico, zombeteiro. Pelo fato de haver agressividade no humor e angústia, afirma, muitos não os toleram¹⁰⁵. Essa indicação, conclui, é relativa a interpretação, e que como toda, envolvem condições psíquicas particulares para serem articuladas.

Curiosamente, Macedo recorre à Spinoza para elucidar a relação transferencial de psicanalista/paciente e que podemos entender, com ressalvas, no papel humorista/ouvinte, para evidenciar o saudável prazer do

¹⁰³ (BERGSON, 1900, p.50).

¹⁰⁴ (MACEDO, Heitor O'Dyer. Cartas a uma jovem psicanalista, p.93).

¹⁰⁵ (o autor enfatiza a prática na clínica psicanalítica, mas é possível estende-la ao cotidiano, afinal somos todos neuróticos.)

riso nas relações. Ou seja, a interpretação de que falava. Para Spinoza, cabe ao homem sábio usar as coisas, delas extrair prazer tanto quanto possível (certamente não até a náusea, o que já não é extrair prazer), da bebida, esporte, cultura e da alegria.

*Entre a Troça e o riso, há para mim, uma grande diferença. Pois o riso, como, aliás, a brincadeira, é uma Alegria pura e, por conseguinte, contanto que não comporte nenhum excesso, ele é bom por si mesmo. E, de fato, somente uma superstição selvagem e triste pode proibir que nos regojizemos. Pois, por que mais vale apaziguar a fome e a sede do que expulsar a melancolia?*¹⁰⁶

Macedo, então, conclui que o humor para com o outro, a brincadeira infantil evoluído, pode ser, por muito, entendida como uma agressão, uma armadilha ou chantagem, ao tempo em que entende que essas pessoas vivem grande dificuldade de viver o prazer como uma experiência permitida e possível.

Do prazer pulsional

Como foi visto, Freud defende o prazer do jogo (pela linguagem) como ação de ruptura ao incômodo e forma de escape à defesa psíquica economizada. A respeito da “economia” mencionada, associa-se à teoria das três instâncias que regem o psiquismo, a saber o ego, o id e o superego, apresentadas no livro *O ego e o id*, de 1923. Vale atentar para a distância das datas do *Os Chistes...* e esta última. Nota-se, com isso, uma clara evolução da teoria da metapsicologia, que ganhou forma ano a ano. Tudo está relacionado.

O ego, o id e o superego são as três instâncias descritas por Freud, e que englobam a segunda tópica de sua metapsicologia, e que regem as pulsões do inconsciente humano e as variantes do prazer.

¹⁰⁶ (SPINOZA, Éthique, 1990, apud MACEDO, 2011, p.95).

Cada uma das três organizações apresenta tarefas basicamente “simples” e que supostamente, agem pelo bem estar psíquico de cada sujeito.

O ego é quem supervisiona as excitações desenfreadas buscadas pelo id e as castrações sugeridas pelo superego. Como sugere Freud, ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos.

Por mais que tentemos, qualquer alusão pensada para exemplificar os “trabalhos” das três instâncias, fica um pouco cômica. De qualquer forma, sigamos.

O paralelo entre id e superego pode ser visto, grosso modo, como o diabinho e o anjinho que sentam-se nos ombros alheios e os instigam a fazer ou não fazer algo. O detalhe, importante detalhe, é que nem sempre -- felizmente--, o id (com seu suposto avatar demoníaco) por mais que represente o prazer, está errado de ser externado e vivido. Convenhamos que castrar todas as formas de prazer tem um discurso religioso por trás... Do mesmo modo, uma certa dose de firmeza, obediência, é necessária para qualquer sujeito aprender a viver em sociedade.

Outro exemplo cultural: o desmiolado personagem Bart, de *Os Simpsons*, tem lá sua semelhança com o id, por sempre querer ultrapassar os limites para satisfazer seu prazer. Por outro lado, o superego pode ser associado a algum ditador político/militar famoso na Alemanha, França, África ou América Latina. É só escolher. O autoritarismo total e exagerado caracteriza essa ideia de marginalizar o prazer.

E o ego? Pode ser visto como um... juiz de futebol. Não desses imparciais, mas desses que conduzem com seus signos os momentos que devem para ou seguir em frente. Uma instância de cada vez, para que haja equilíbrio em todo o fluxo. Aquém da caricatura da teoria, retornemos à Freud e algumas definições.

De acordo com o psicanalista, o ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.

*Assim, (o ego) em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto o ego utiliza forças tomadas de empréstimo.*¹⁰⁷

Para Laplanche e Pontalis (2008), o ego está numa relação de dependência tanto para com as reivindicações do id, como para com os imperativos do superego e exigências da realidade. Já o id constitui o pólo pulsional da personalidade. *“Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalçados e adquiridos”.*

O superego, por sua vez, é uma resolução que ocorre com o fim do complexo de Édipo, passagem por qual toda a criança passa e onde desenvolve sua sexualidade e faz suas escolhas de objeto. Em um breve resumo no caso de um menino, Freud coloca desta maneira:

Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. (...) Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas

¹⁰⁷ (FREUD, 1927, p. 39).

*coisas; uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai.*¹⁰⁸

Desta forma, o superego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo, fortificando dessa maneira a ideia de autoridade que o caracteriza.

Vale lembrar que a teoria do superego surge do estudo *Totem e tabu* (1913), livro que, como descreve Luiz Tenório Oliveira Lima¹⁰⁹, discorre sobre a origem da moral e da lei e, em última instância, da cultura. Portanto, “o superego é aquela instância que se costuma denominar nossa polícia interna. Ele nos dá a impressão de que nos observa como uma espécie de senhor da razão, diariamente a julgar nossos atos e escolhas, para aprová-los ou (até com mais frequência), censurá-los”.

No livro pouco conhecido de Freud, *Thomas Woodrow Wilson, um estudo psicológico* (1984), escrito em parceria com William Bullitt, Freud, resume, em um único e surpreendente parágrafo, o funcionamento psíquico da libido, nomeada a energia de Eros, e que explica perfeitamente o contexto e toda a metapsicologia freudiana do prazer:

A libido deve ser armazenada em algum lugar. Supomos que ela “investe” ou “carrega” certas áreas e partes do aparelho psíquico, assim como uma corrente elétrica carrega uma bateria ou acumulador; que, assim como uma carga elétrica, está sujeita a alterações quantitativas; que, permanecendo sem descarga, exibe uma tensão proporcional à quantidade da carga e procura escoar-se; e ainda, que é continuamente alimentada e recarregada por geradores físicos. A libido inicialmente se armazena no amor a si próprio: narcisismo. Esta fase é claramente visível no bebê. Seus interesses se restringem aos atos e produtos de seu próprio corpo. Encontra nele mesmo todas as fontes de prazer. Até mesmo uma criança indesejada tem um objeto de amor: o seio de sua mãe. Todavia, não pode

¹⁰⁸ (Idem, p. 44 e 45).

¹⁰⁹ (LIMA, Folha explica FREUD, 2001, p.47).

*fazer nada além de introjetar este objeto, e tratá-lo como parte de si próprio. Em contraste com o narcisismo colocamos o amor objetal. Ocasionalmente, uma condição semelhante ao narcisismo do recém-nascido é preservada no adulto, que nos parece então como um monstruoso egoísta, incapaz de amar alguém ou algo que não seja ele próprio; porém, normalmente, no curso da vida, uma parte da vida é dirigida aos objetos externos. Outra parte continua ligada a si próprio. O narcisismo é a primeira morada da libido e será sempre seu pouso mais duradouro.*¹¹⁰

Resumindo a cena: enquanto o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno do id.

A breve passagem pelas três instâncias serve para elucidar uma parte do funcionamento da mente em relação ao prazer, e de como as auto-censuras já se impõem sem muito esforço, exigindo de cada sujeito transgressões que ganham força a partir do afago do próprio narcisismo e da atuação em grupo.

Em tempos anti-libido (e, por sua vez, retrógrados) nos quais toda a forma de prazer é calculada ou banida (sempre se encontram formas de denegrir o sexo, a bebida, a comida, os esportes, tal como Spinoza escreveu), não é surpreendente pensar que o riso, seja pois politicamente incorreto, uma inesgotável forma de prazer, encontre resistência e opositores.

Contardo Calligaris, frente ao bizarro paradoxo dos tempos atuais, escreve, “somos uma sociedade anti-hedonista, mas que, mesmo assim, não para de se criticar por procurar ‘incessantemente’ o prazer.”¹¹¹

Do narcisismo e transferência

O narcisismo é o efeito da pessoa para com o mundo. Estudado por Freud a partir do ensaio sobre *Luto e Melancolia*, em 1917, iniciou suas

¹¹⁰ (FREUD, S. e BULLITT, William, 1984, p. 54).

¹¹¹ (CALLIGARIS, Contardo, Twitter, 18/05/2012).

conclusões observando a relação das crianças e as regras sociais que vão se impondo à medida que crescem, ou seja, diariamente novas construções simbólicas trazem significados para os pequenos.

Pondé¹¹², ao citar o livro do historiador americano Christopher Lasch, *A cultura do narcisismo*, comenta acreditar que a humanidade anda em círculos. Logo, sintomas culturais sempre voltam a se manifestar, tal como o traço narcísico que identifica o comportamento carente e atitudes infantis em corpos adultos. Pondé completa a ideia com a afirmativa de uma pesquisa¹¹³ segundo o narcisismo moderno passa pelo senso de merecimento de respeito, desejo de manipulação e de tirar vantagem dos outros.

A história do mito grego Narciso é conhecida, do belo rapaz que se apaixona pela própria imagem ao vê-la refletida em um lago, e morre afogado na busca de alcançá-la. O quadro de Caravaggio¹¹⁴ é, talvez, a mais conhecida interpretação visual da ideia, enquanto Caetano Veloso¹¹⁵ vence na categoria ‘adaptação do mito para os tempos modernos’.

O fio que liga a história ao estado do riso reside exatamente na pulsão do bel-prazer, ou seja, em provar para os outros e para si o quão consegue ser superior frente à qualquer pessoa, obstáculo e imprevisto.

As relações do chiste com o inconsciente estudadas por Freud mostram que as pulsões são excitadas e tomam caminhos diferentes no humor, cômico e chiste.

Contudo, encontra-se em todos esses meios a satisfação própria por transgredir alguma moral pré-estabelecida. Portanto, o riso é puramente narcísico e, também, um mecanismo de defesa contra os desprazeres.

Freud chega a escrever que *“a maneira pela qual os sentimentos de quem ama, por mais fortes que sejam, são banidos pelos males corpóreos, e de súbito substituídos por uma indiferença completa, constitui um tema que tem sido consideravelmente explorado por escritores humorísticos”*.¹¹⁶

Em outro exemplo, chega à hipótese de que os sujeitos que abdicaram do próprio narcisismo encantam-se com o narcisismo do Outro.

¹¹² (PONDÉ, Luiz Felipe, *Folha de S.Paulo/Ilustrada*, 16/04/2012).

¹¹³ Pesquisa sobre as relações narcísicas no Facebook publicadas no *The Guardian* em 22/03/2012.

¹¹⁴ Obra de 1598.

¹¹⁵ Trecho da música Sampa, de 1978.

¹¹⁶ (FREUD, 1914, p.89).

*Realmente, mesmo os grandes criminosos e os humoristas, conforme representados na literatura, atraem nosso interesse pela coerência narcisista com que conseguem afastar do ego qualquer coisa que o diminua. É como se os invejássemos por manterem um bem-aventurado estado de espírito - uma posição libidinal inatacável que nós próprios já abandonamos.*¹¹⁷

Pensando desta forma e expandindo ao tempo em que se recorta, percebe-se que o narcisismo é um conceito universal --e que transgride o tempo e culturas-- , amplo e essencial para a compreensão do sujeito e seus desejos.

Não é por acaso que Nasio o resgata e o define como um dos *Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise* (1988), aludindo dois pontos essenciais da teoria: a de que ela diz respeito a um modo particular da relação com a sexualidade (a satisfação do prazer) e, conseqüentemente, deságua nas “escolhas de neurose”, como relembra Nasio, em que um sujeito acaba por ter tendências histéricas ou obsessivas de acordo com o trauma e o momento na infância em que ele ocorreu.

A resposta foi encontrada no trauma da infância, sendo a idade em que ocorre o responsável por ‘encaminhar’ para os tipos de neurose, isso, em clara associação às fases de desenvolvimento sexual da criança.

Dividido em narcisismo primário e secundário, o gozo do riso pode ser encontrado nos dois desenvolvimentos. No caso do primeiro, porém, cabe apenas na ideia do humor, que como visto anteriormente, é o momento em que o humorista ri de si mesmo, sozinho, não necessitando de plateia ou outros alvos para produzir o prazer de enfrentar o incômodo.

As pulsões do narcisismo primário, portanto, são pulsões auto-eróticas. De acordo com Nasio, a leitura de Freud faz entender que o primeiro modo de satisfação da libido seria o auto-erotismo, isto é, o prazer que um órgão retira de si mesmo.

O narcisismo secundário trata-se, grosso modo, de uma ‘evolução’ do

¹¹⁷ (Idem, p.96).

primeiro. Nessa investida libedinal, o eu necessita de um retorno dos investimentos. Freud aponta dois movimentos na transição do narciso auto-erótico para o secundário, ao que Nasio resume:

*O sujeito concentra num objeto suas pulsões sexuais parciais “que, até esse momento, funcionavam segundo a modalidade auto-erótica”; a libido investe o objeto, já que a primazia das zonas genitais ainda não foi instaurada. Posteriormente, esses investimentos retornam para o eu. A libido toma então o eu como objeto.*¹¹⁸

Portanto, as exigências do narcisismo secundário definem os estados do riso (chiste e o cômico) por investirem em objetos externos para então retornar ao ponto de origem, o eu, tomado como objeto libidinal.

Agora, a pergunta que fica latente é a de entender a razão das crianças abandonarem o narcisismo primário, já que ele se auto satisfaz sem maiores exigências. Como explica Nasio, a ideia toda passa pelo social, onde a criança se vê confrontada com exigências do mundo que a cerca. “Exigências estas que se traduzem simbolicamente através da linguagem”, escreve.

Até certa idade, é permitido --ou aceitável-- que os pequenos ultrapassem limites. Do mesmo modo, ainda nas idades primeiras, o amor incondicional e a atenção disposta da mãe deixam-nas em uma situação de conforto.

Contudo, é certo que grande parte das atitudes narcísicas que por ora podem despertar o riso maternal e de outros olhares, comece a ser castrado, assim como a criança passa a perceber que não é mais o centro das atenções. Suas sapecagens de outrora são recebidas, às vezes, com desinteresse, punições orais e até físicas.

Dessa forma, o narciso primário cai, e a criança deve encontrar novas maneiras de conquistar seu espaço e despertar novamente --e com mais

¹¹⁸ (NASIO, 1988, p.51).

intensidade, sempre mais-- o prazer de ser visto e ouvido.

*A partir daí, o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para conquistar seu amor; mas isso só pode ser feito através da satisfação de certas exigências, as do ideal do eu. Esse conceito designa, em Freud, as representações culturais e sociais, os imperativos éticos tal como são transmitidos pelos pais.*¹¹⁹

Por mais que as teorias sobre o narcisismo tenham sido constatadas a partir da infância, é certo que nos adultos, cada vez mais neuróticos, elas mantenham sua consistência. Afinal, toda a vida posterior é vivida baseada nos primeiros traumas e assim por diante.

Portanto, ao elucidá-los no universo do risível, constata-se que o chiste, o cômico e o humor são investimentos libidinais para satisfazer o eu, o ego, o narciso de cada um. Por meio da linguagem, palavras, imagens e gestos, despertar o riso e prazer no outro é uma forma de conquistar o social e manter-se o foco das atenções. E quando essa conquista ultrapassa o campo “ingênuo”, ou seja, foca “vítimas” com tiradas politicamente incorretas, entende-se que se agregam valores como ousadia, coragem, superioridade, entre outros, no ato de denegrir o próximo e destacar-se no grupo.

As relações da satisfação própria e a partir dos outros surge na teoria de identificação de Freud, concebida em 1917, a partir do estudo do luto e melancolia. A partir desse estudo, Freud descreveu que “o narcisismo do ego é um narcisismo secundário, retirado dos objetos”.

No final das contas, resume Nasio, o narcisismo secundário se define como o investimento (sexual) da imagem do eu, sendo essa imagem constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos.

Como é possível perceber, o eu narcísico está estritamente ligado ao outro, o que desdobra no conceito de identificação freudiano. Laplanche e Pontalis definem o termo como um processo psicológico pelo qual um sujeito

¹¹⁹ (Idem, p.51).

assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. “A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”, escrevem.

Laplanche e Pontalis (2008) qualificam o ato de identificar como um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto do outro e se modifica, transforma, adquire. “*A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.*”¹²⁰

A ação de identificar, no contexto do riso, diz respeito ao ato de um ou mais sujeitos (no caso, a plateia que desfruta da piada) encontrarem nos jogos de palavras transgressões, pensamentos e desejos que os habitam de uma forma ou de outra, e concordam com o mesmo ponto de vista da anedota em questão.

A ideia mostra como o ato de identificar satisfaz tanto o humorista quanto o público. No primeiro caso, por quando a piada bem-sucedida, amaciar o narciso do piadista (a pulsão do id liberta), enquanto para o público, satisfaz a vontade reprimida (pelo superego) que desfruta do mesmo pensamento. Contudo, vale ressaltar que a complexidade do aparelho psíquico frente ao social exige um pouco mais de esforço para ser compreendido.

Posto isso, como explicar as diferentes nuances do risível e a identificação das pessoas com cada um especificamente?

Viu-se anteriormente que o riso faz parte da cultura dos povos, ao mesmo tempo que acompanha-se pelas diferentes mídias que cada povo tem sua peculiaridade. Isto é, os ingleses são conhecidos por piadas secas, diretas e sarcásticas. Na França, a ironia se destaca. Nos Estados Unidos, cada vez mais percebe-se um humor “bobalhão”, ou seja, exagerado e de parodias, enquanto no Brasil, em sua eterna antropofagia, registrou-se o uso das diferentes modalidades, do pastelão (principalmente nos programas de rádio e TV) e do fino europeu (na mídia impressa, quase que exclusivamente).

O que constitui, de forma geral, e permite ser compreendido de uma forma ampla o prazer do riso a partir de suas técnicas e da relevante

¹²⁰ (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008, p.226).

compreensão do aparelho psíquico, o narcisismo e identificação, comentados até aqui, é na circunstância do riso como agente social a partir das censuras.

O politicamente incorreto que ganha força por exatamente combater algo ou alguém que incomoda a uma grande maioria.

Portanto, é possível afirmar que o riso, ao longo da história, tem desempenhado importante papel na leitura e avanço dos povos. O prazer gerado por chistes, atos cômicos e humorísticos são ferramentas a favor do povo para desafiar e confrontar grandes poderes.

No amadurecer da civilização, o riso marcou época quando a oralidade era a principal forma de comunicação, e desde então, registrou-se em todas e quaisquer mídias (além de movimentar cada vez mais a publicidade) que surgiram, como a mídia impressa (antes e depois de Gutenberg), a radiofônica, televisiva e a virtual.

De uma simples situação cômica entre dois amigos, o riso, por meio da mídia, conquistou as massas (como veremos no capítulo seguinte) e, com muita inteligência e coragem, desafiou poderes supostamente corretos.

O resultado visível são sociedades menos caretas e hipócritas (apesar da hipocrisia sempre encontrar novos meios para se manifestar), talvez mais conscientes do poder da linguagem.

Agora, se Lacan¹²¹ estava correto ao afirmar que toda a forma de gozo leva à morte, é necessário encontrar o equilíbrio saudável para as piadas ainda terem seu sentido, e não ataquem gratuitamente o que nem mereça atenção. Sem exageros, o exagero do verbo é o que atrai alguns políticos (brasileiros também, claro) a reivindicarem a censura da liberdade de expressão. E assim, tudo volta a se repetir, como tem sido.

Da repetição

A repetição pode ser tomada por muito fontes e eventos, vagando entre a filosofia e psicologia. Contudo, no ciclo que se (re)inicia inconscientemente, segundo Freud, ela está diretamente ligada a emoções reprimidas:

¹²¹ (LACAN, As formações do inconsciente, 1988).

Mas, como se acha a compulsão à repetição – a manifestação do poder do reprimido – relacionada com o princípio do prazer? É claro que a maior parte do que é reexperimentado sob a compulsão à repetição, deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos. Isso, no entanto, constitui desprazer de uma espécie que já consideramos e que não contradiz o princípio de prazer: desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, satisfação para outro (...) a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos”.¹²²

A primeira elaboração formal, por assim dizer, de Freud a respeito do tema foi no texto de 1914, *Recordar, Repetir e Elaborar*, ao associar o ato da repetição, inicialmente, ao ato de recordar. Não reproduzindo-a apenas como lembrança, mas sim vivendo-a novamente sem saber fazê-la. A compulsão à repetição, diz Freud, está interligada a transferência (esta, um fragmento da repetição) e a resistência. “*Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência.*”¹²³ O paciente, todos nós, repete tudo o que já está reprimido, todos os sintomas que nos tornam feridos.

Laplanche e Pontalis (2008) definem a compulsão à repetição como um fator autônomo e pulsional entre o princípio do prazer e da realidade que mostra sua face conservadora. De origem inconsciente, o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, “*repetindo assim experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade.*”¹²⁴

¹²² (FREUD, 1920, p.31).

¹²³ (FREUD, 1914, P.166).

¹²⁴ (LAPLANCHE e PONTALIS, 2008, p. 83).

Além do campo analítico, com *Além do princípio do prazer*, Freud retoma o tema sob a ótica da cultura, limitando os pensamentos anteriores. Com o repensar a respeito do princípio do prazer/desprazer, constata com os recorrentes sonhos traumáticos e a brincadeira do *Fort-da*¹²⁵, que o ser humano repete muito mais as situações de despreazer do que as prazerosas.

De acordo com Pena (2007), nesta nova construção teórica o fator quantitativo passa a balizar este princípio que visa à morte numa volta a um estado inorgânico, onde não há conflitos, denominado princípio de Nirvana. *“Este princípio tem que ser quantitativo, pois a pulsão de morte é silenciosa e sem representação, sendo pura quantidade.”*¹²⁶ Freud entende, portanto, que a repetição tem como força a pulsão de morte, tudo para nos tirar do estado absurdo de sofrer diariamente pelo insaciável prazer.

Com esta construção, Freud retoma a ideia de resistência, e percebe que a repetição é a essência do material recalcado buscando uma sempre a saída. *“Portanto, o material inconsciente não resiste, pelo contrário, ele insiste para que o recalcado apareça, estando então a resistência ligada ao eu, que não quer saber do recalcado.”*¹²⁷

Lacan, ao promover o retorno à Freud, promoveu a teoria da repetição como uma das mais importantes dentro do campo psicanalítico. Tanto, que ao lado do inconsciente, pulsão e transferência, formam o que nomeia de os quatro conceitos fundamentais¹²⁸ da psicanálise.

Ao rever a teoria e ressignificá-la, Lacan busca em Aristóteles exemplos para formular um modo de compreender sua importância, a partir da diferenciação do termo *autômaton*, que Lacan irá denominar de “insistência da cadeia significante”, e do termo *tiquê*, que será denominado de “encontro com o real”. Segundo Pena (2007), Lacan entende o *autômaton* como a rede de significantes e, portanto, o situa no registro do simbólico, ou seja, a repetição passível de interpretação para se obter um saber sobre o

¹²⁵ A expressão Fort-da aparece no texto *Além do princípio do prazer* (1920). Na tradução da edição da Imago, ficou convencionado ‘Fort’ como ‘partir’; e ‘da’ como ‘dali’. Sua aparição resulta da observação do brincar de uma criança, que desenvolveu a brincadeira de atirar objetos/brinquedos para longe e então retomá-los. O ato era uma compensação aos momentos em que a mãe, especialmente, não estava presente. “Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance.”

¹²⁶ (PENA, Breno. As vicissitudes da repetição, 2007).

¹²⁷ (Idem, 2007).

¹²⁸ (LACAN, O seminário, livro 11, 1988).

sujeito. *“Já a tiquê é a repetição no registro do real, portanto é uma repetição que vai além da insistência da cadeia significante, e que vai ser definida como um encontro faltoso.”*¹²⁹

Em outro exemplo, Almeida e Atallah (2008) compreendem o *autômaton* como a insistência dos signos, o automatismo inconsciente da cadeia de significantes, enquanto a *tiquê* indica um *mais-além-do-princípio-do-prazer*.¹³⁰ Lacan explica:

*Nós a traduzimos por encontro com o real. O real está para além do Autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do Autômaton, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida.*¹³¹

Ainda de acordo com Lacan, a repetição vive um paradoxo no campo psicanalítico. Ao mesmo tempo que se repete, ela nunca é da mesma forma, ou seja, idêntica. Para Bento (2004) *o fato de que se repita - repete-se não sendo nunca o mesmo - é precisamente a própria ordem, aquela onde toda a questão, que é a linguagem, esteja presente e já ali, já eficaz.*

A repetição é uma tentativa para sempre malograda. Há um ainda que não está no encontrado e que marca uma falta em nós. O que deseja essa repetição? Deseja um gozo, deseja um retorno a ele. Mas a repetição, busca do gozo, assinala sempre uma perda. Na repetição está uma deficiência, um espaço de falta: algo nos escapou e partimos ao seu encalço. O desejo, a atualização dessa falta, nos leva marca a marca a procurar o perdido. É ele o móbile do nosso ser. Se algo nos arrasta é o desejo. Relembremos a busca de filósofos antes de Lacan, o que sabiam eles? Que algo faltava, e, muitas vezes, nem eles

¹²⁹ (PENA, Breno. As vicissitudes da repetição, 2007).

¹³⁰ (ALMEIDA e ATALLAH, O conceito da repetição e sua importância para a teoria psicanalítica, 2008).

¹³¹ (LACAN, 1988, p.56).

*sabiam em que consistia essa falta. No trajeto do desejo, tece-se a rede de traços, de inscrições associados ao sujeito e que permitem a leitura. A rede formada a partir dos traços, que deixam em nós as marcas, os vestígios da escrita, colocam a anterioridade do significante. O percurso, assim, inverte a fórmula saussureana, que fazia ver o significante como submetido ao significado. Não é este que antecede aquele, mas aquele é preponderante. O significante funcionará como preponderante na obra lacaniana.*¹³²

A repetida busca pelo gozo faltante, naturalmente, nos leva a angústia. Almeida e Atallah (2008) citam que Lacan procurou respostas na resistência como operador da angústia ao que leva à repetição do desprazeres, pulsão presente desde a infância nos humanos. Entendendo a pulsão como força à repetição, associamos ao que foi antes dito, que a pulsão de morte toca o sujeito em seu significante de gozo até o fim.

Em tempo, a repetição, conceito tão fundamental, é uma teoria ainda muito debatida nos círculos psicanalíticos, dada sua complexidade e fácil confusão. Contudo, dos pensamentos elaborados por Freud e Lacan, os recortes pontuais bastam para dar conta e exemplo do fenômeno cotidiano observado em simples costumes ou como obsessivos desejos paranoicos.

A importância de levantar a teoria da repetição no presente trabalho se justifica pelo fato de que, não bastasse a história da civilização sempre se repetir, e no Brasil, do mesmo modo a política se copiar de tempos em tempos, o riso, por sua vez, aparece em mais de um momento como a forma de escape da sociedade para momentos de desprazer e angustia.

A repetição para além do inconsciente, também interessou outros pensadores. Marx afirma que os homens fazem sua própria história, mas não de maneira inaugural, e sim com condições herdadas do passado (algo que, bem ou mal, remete à psicanálise).

¹³²(BENTO, Conceição Aparecida, A escrita e o sujeito, 2004, p.208).

Das condições, ele destaca a violência como um dos sintomas que tendem sempre a retornar no tempo. Horkheimer, por sua vez, afirma que a repetição, sempre, está remetida a catástrofe: a do Terror de 1789, a do terror do totalitarismo. *A história por repetição é a reedição das mesmas catástrofes do passado, quando o presente é concebido como continuidade do que passou*, afirma Matos (2005) sobre a ideia do frankfurtiano.

Para Marcuse, esquecer é esquecer o que foi, mas também o que pode ser.

*Esquecer é perdoar o que não seria perdoado se a justiça e a liberdade prevalecessem. Esse perdão reproduz as condições que produzem a injustiça e a escravidão (...) As feridas que se curam com o tempo são também as que contêm o veneno. Contra essa rendição do tempo, o reinvestimento da recordação em seus direitos (...) é uma das mais nobres tarefas do pensamento (...) O tempo perde seu poder quando a recordação redime o passado.*¹³³

Por isso, Horkheimer se questiona em *Egoísmo e movimento de emancipação* (1936) por qual motivo todos os movimentos de libertação redundam em novas formas de opressão, o que está diretamente ligado à revolta infantil estruturada por Freud em sua teoria do complexo de Édipo: a renúncia do prazer e o retorno do recalcado implicam, no caso, em um caráter destrutivo e sadomasoquista visto na civilização contemporânea.

As formas de violência e opressão do sujeito também ganham uma abordagem em *Autoridade e família*, onde Marcuse escreve sobre a função crítica do indivíduo e o conceito de autoridade empregada e aceita: *“A autoridade designa a aptidão, consciente ou inconsciente, de se integrar ou de se submeter, a faculdade de aprovar a situação presente enquanto tal, em pensamento ou ação, de viver na dependência de ordens impostas e de vontades externas”*.¹³⁴

¹³³ (MARCUSE, Hebert, Eros e a civilização, 1955, apud MATOS, 2005).

¹³⁴ (MARCUSE, 1969, apud MATOS, 2005, p.55).

*No caso de Marcuse, o superego, essa instância moral que acompanha os sujeitos em suas ações, dando a permissão e a interdição, esse superego gera a culpa pela luta quando se enfrentam valores estabelecidos, uma emoção cujo poder deriva da identificação com o tirano, a culpa por revoltar-se e ‘assassinar’ a figura paterna – o ditador. Os indivíduos têm de defender-se contra o espectro de sua integral liberação da carência e da dor, contra a gratificação integral. O princípio do prazer não reconhece limites ou frustrações para sua realização. Por isso, prescinde do ‘princípio da realidade’. Mas o prazer sem nenhuma lei gera a culpa. Assassinar o pai é, do ponto de vista simbólico, matar a lei, o que produz angústia que pede uma resolução”.*¹³⁵

Física ou psicológica, a violência é uma harpa repleta de cordas tênues, onde se confunde, muitas vezes, os limites do jocoso, do provocativo e do fato. Como Freud apontou, a violência é um impulso humano, que vive em volta das questões narcísicas de ciúmes, recalques de castração e escape.

Na histeria da história, a violência sempre foi um dos personagens principais. E impossível imaginar que sem ela, o homem tivesse conseguido evoluir. Exatamente por suas consequências, o senso da justiça também foi invocado para proteger a todos de uma sociedade dominado por suas pulsões mais animais em troca do diálogo e moral da razão. Das revoluções, tem-se tentado abandonar as armas para abertura dos diálogos democráticos. Algo ainda sem pleno sucesso, apesar dos pesares.

Visto que a história se repete, e com o frescor de similares violências, concordamos com o ponto de vista lacaniano, que a história se repete, mas nem sempre do mesmo modo. Em um eixo circular, a sociedade caminha e enfrenta situações semelhantes, que não as mesmas, e que necessitam de

¹³⁵ (MATOS, 2005, p.55).

ações semelhantes, que não as mesmas, para novamente prosseguir e se repetir.

Dado o *corpus* deste trabalho, no caso, o risível politicamente incorreto como fonte de prazer, passeamos nos dois primeiros capítulos na história do riso e, posteriormente, na metapsicologia freudiana para dar conta das produções de sentido reais, imaginárias e simbólicas. Entre a repetição de prazer (pulsão de morte), a história repete também a paranoia de violência e autoritarismo. Portanto, para analisar essas manifestações da mídia impressa brasileira, a psicologia das massas e a comunicação de massa serão o tema do próximo capítulo para dar continuidade ao trabalho.

Capítulo 3 - Da comunicação: personagem viva

O homem é linguagem, está impregnado em sua essência, em sua estrutura. Entre outros e, também por isso, para Aristóteles, um dos mais influenciáveis pensadores de toda a história, somente o homem é um animal político, pois apenas ele é dotado de linguagem. O linguista Hjelmslev (1975), por sua vez, acredita que *“a linguagem é inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos”*¹³⁶.

Das formas de linguagem possível, o sistema simbólico representado pelas palavras é uma das convenções mais úteis já pensadas, e sua importância social é plena, permitindo ao homem a possibilidade de se comunicar com clareza, apesar disso não acontecer tão frequentemente, pois as letras podem significar mais do que uma coisa, dependendo da cultura, de seu contexto e de seus interlocutores.

A palavra, por si só, consegue transmitir e expressar ideias e sentimentos diversos, propriamente humanos, como a saudade e a ironia. Além de também cutucar e estimular nossa mente. Quando bem postada pode, inclusive, ultrapassar barreiras simbólicas e atingir o plano físico. Ação e reação. Ou secundidade, de acordo com a teoria peirceana¹³⁷.

Certas palavras, que não são apropriadas para serem lidas neste espaço, quando oferecidas a uma pessoa, podem estimular-lhe a raiva, o ódio, o soco na face. Do mesmo modo, outras palavras podem, quando cochichadas no ouvido ou lidas em revistas e jornais, gerar lágrimas de graça, e quando não raro, até estimular bexigas urinárias menos preparadas.

Para Chauí (2010), *“a linguagem é, assim, a forma propriamente humana da comunicação, da relação com o mundo e com os outros, da vida social e política, do pensamento e das artes”*¹³⁸.

¹³⁶ (HJELMSLEV, Louis, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva. 1975).

¹³⁷ Teoria semiótica desenvolvida pelo matemático, cientista e filósofo norte-americano Charles S. Peirce. A secundidade mencionada, faz parte de apenas um dos diversos espectros que sua análise pode desembocar e analisar a respeito do interpretante. De acordo com Santaella (2002), são três os níveis do interpretante: o primeiro nível é o de provocar uma simples qualidade de sentimento. O segundo corresponde a uma ação física ou mental. O terceiro é o interpretante lógico, quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete. Para introdução à semiótica peirceana, ver Santaella (2001b) e (2002).

¹³⁸ (CHAUÍ, Marilena, *Convite à filosofia*, 2010, p.186).

A função primeira e primordial da linguagem, seja ela pela palavra ou outra variante, é a de comunicar ao outro de algo ou alguma coisa. DeFleur e Ball-Rokeach (1993) afirmam que a natureza dos processos de comunicação de uma sociedade está significativamente relacionada com praticamente todos os aspectos da vida diária de sua gente. Portanto, a comunicação está inteiramente associada ao nascimento da civilização e ela consegue até desafiar a razão.

Para Marques de Melo (2003), a comunicação significa o próprio momento da Humanização. Como sugere, não é uma visão tão distante do que Marx (1972) formulou a respeito de que “o Homem (...) *começa a distinguir-se do animal logo que passa a produzir seus meios de subsistência*”¹³⁹. Melo afirma que a comunicação representa o alicerce da vida em sociedade e que não se resume a um intercâmbio de informações entre os indivíduos de uma mesma geração, mas compreendendo também o registro dessas informações, com vistas às gerações futuras.

Atualmente, comunicar-se está cada vez mais fácil. A comunicação ultrapassa barreiras a cada dia pela facilidade que a tecnologia e a internet proporcionam. A mídia virtual facilita uma ideia de democracia, onde qualquer pessoa pode manifestar sua opinião e ponto de vista dos fatos e supostas versões dos fatos. Não é preciso ter um periódico e equipe para produzir conteúdo, imprimi-lo e sair distribuindo nas ruas. Basta apenas a linguagem de cada um e alguns cliques para que pessoas de todo o mundo possam acessar os seus registros. Naturalmente, chegar até esse espetacular momento tecnológico levou muito tempo.

Da democratização da linguagem

O nascimento da escrita e a democratização da linguagem são uns dos episódios de maior importância para a história humana e só foram possíveis a partir do surgimento da impressão, que começou a registrar para a posteridade a força da linguagem, responsável esta por influenciar, convencer e interpretar a realidade:

¹³⁹ (MELO, José Marques de, História social da imprensa, 2003).

*Com exceção de escrever, um dos grandes feitos humanos de todos os tempos foi a criação da impressão. Anteriormente ao século XV, as pessoas reproduziam livros na Europa preparando manu scripti, cópias de livros existentes, laboriosamente reproduzidas à mão. Embora seja verdadeiro que muitos fossem belas obras de arte, o processo amiúde introduzia erros. Mais importante ainda, o número de livros disponíveis ficava severamente restrito e só podiam ser adquiridos por pessoas de consideráveis recursos. A impressão trouxe uma modificação fantástica. Centenas ou mesmo milhares de copias de um determinado livro podiam ser reproduzidas com grande precisão. Foi uma invenção fabulosa que espantou o mundo alfabetizado da época.*¹⁴⁰

A impressão como conhecemos é obra do alemão Johann Gutenberg¹⁴¹ (1398-1468), que dedicou anos de trabalho para aperfeiçoar a ideia da impressão em larga escala. A experiência bem sucedida --mesmo que não desfrutada por seu inventor, que morreu em meio a dívidas e dúvidas-- foi a impressão da Bíblia com 42 linhas e duas colunas.

*Vivemos no século da eletricidade. No século das sínteses. Sintetizar é reduzir. O telegrama sintetiza o espaço e o telefone sintetiza o tempo. E tudo nos ajuda a sintetizar – o automóvel, a locomotiva, o aeroplano, a telegrafia sem fio... a anedota. Tudo é mais rápido e mais sintético neste século. Até os suicídios...*¹⁴²

A partir dessa experiência, a escrita abriu portas ao conhecimento para pessoas de todas as classes sociais. Primeiro, com a então nova

¹⁴⁰ (DEFLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p.37).

¹⁴¹ Certa parte de estudiosos da imprensa considera a importância histórica de tipos móveis desenvolvidos no Oriente durante os séculos VII e VIII, que realizavam impressões seus ideogramas. Contudo, críticos como McLuhan (1972) e Max Weber (1967) descartam a invenção, já que ela não afetou o Ocidente. Para saber mais ver Marques de Melo (2003).

¹⁴² (BENJAMIN COSTALLAT, 1923, p.160).

acessibilidade aos livros, com edições traduzidas (e não somente em latim) e a percepção das pessoas comuns de que alguns intelectuais discordavam de muitas ideias defendidas pela igreja (quando esta, por via das dúvidas, evitava divulgar as obras que não lhes convinha, tal como visto na famosa ficção de Umberto Eco, *O nome da rosa*).

Do mesmo modo, e até mais, a imprensa saiu beneficiada com a invenção de Gutenberg. A ideia de noticiosos é antiga, e originou-se cedo no continente Europeu e também nos Estados Unidos. Para se ter uma ideia, por volta de 1830, o jornal *Penny Press*, de Nova York, conseguiu patrocínios para rodar seus exemplares. Seu público-alvo era a classe baixa e/ou operária da sociedade, como mercadores, artesãos e mecânicos (ao contrário de outros noticiosos com distribuição limitada que se dirigia a um público de formação intelectual mais avançada).

*Desde que Johann Gutemberg, em 1440, inventou a tipografia e permitiu a impressão em massa, a imprensa vem sendo utilizada pelo poder. A invenção da imprensa, de fato, coincide com a criação das nações e do Estado moderno e com o exercício do poder não apenas de forma coercitiva, pelo uso da força, mas por meio de formas mais sutis de coerção e de persuasão. A partir daí a imprensa sempre esteve ligada à luta política.*¹⁴³

Como destacam os estudiosos DeFleur e Ball-Rokeach, “a terceira década do século XIX, pois, viu a tecnologia da impressão rápida e a ideia básica de um jornal combinarem-se no primeiro verdadeiro século de comunicação de massa”. Além disso, é importante notar que:

O jornal de massa, como os outros veículos que se seguiram, foi uma invenção que somente ocorreu após um conjunto complexo de elementos culturais haverem aparecido e se

¹⁴³ (MOTTA, 2002, pp. 13-14).

*acumulado no âmbito da sociedade e (...) como quase todas as invenções, ele representou uma combinação desses elementos num ambiente social que permitiu a aceitação e ampla adoção do jornal como um complexo cultural.*¹⁴⁴

A comunicação de massa, em suas mais diferentes formas (jornal, rádio, televisão, cinema, publicidade e internet) deu a voz à diferentes opiniões, mas dentro de uma fórmula similar, e o emprego da linguagem da pessoa comum. A introdução desses meios na vida da sociedade é indiscutível, e hoje, não é um absurdo dizer que possivelmente ninguém consiga mais viver sem -algum- deles.

A disseminação, força e influência da mídia de massa despertou, desde cedo, os olhares de especialistas de diversas áreas, como comunicação, psicologia, filosofia, semiótica, publicidade e economia. Para o sociólogo Charles Horton Cooley (1909), em seu livro *Social Organization*, quatro fatores tornavam os novos veículos muito mais eficientes do que os anteriores.

Expressividade, por incluírem uma ampla gama de ideias e sentimentos. *Permanência* do registro, ou a superação do passar do tempo. *Presteza*, ou a superação do espaço. *Difusão*, ou acesso a todas as espécies de homens. De acordo com o teórico, os novos veículos de notícia e todo seu alcance modificaram de vez as perspectivas mentais de seu público.

O caráter genérico dessa mudança é bem expresso pelas duas palavras ampliação e vitalização. Os contatos sociais são prolongados no espaço e acelerados no tempo, e no mesmo grau a unidade mental por eles subtendida torna-se mais ampla e mais atenta. O indivíduo se expande por entrar em relação com uma vida maior e mais variada, é mantido mobilizado, às

¹⁴⁴ (DEFLEUR E BALL-ROKEACH, 1993, p.39).

*vezes em excesso, pela multidão de sugestões variáveis que esta vida lhe traz.*¹⁴⁵

Da influência da imprensa

Marx (1948) argumenta que a história sempre se desenvolveu no quadro de um antagonismo: homens livres e escravos, na Antiguidade; senhores e servos, na Idade Média; burguesia e proletariado, nos tempos modernos. Pois bem, com doses de exagero e com outras de razão, não é absurdo pensar que nos tempos atuais do pós-modernismo, por mais estranho que possa parecer, o antagonismo atual sugere-se, entre outros, de sociedade e imprensa. O pensamento é válido a muitos questionamentos, com certeza, mas não é o mais importante nesse momento. O exemplo serve muito mais para refletir como atualmente todos nós somos reféns das mídias.

Como destaca Marques de Melo (2003), o entusiasmo com que a imprensa foi recebida pelos detentores do poder político no século XV arrefeceu imediatamente sob o impacto das consequências advindas da sua força disseminadora de ideias e conhecimentos. Assim, tanto a Igreja, quanto os governantes civis, abandonam a posição inicial de tolerância e marcham para um controle rigoroso da sua expansão. Os dois séculos seguintes, portanto, presenciam a decadência da imprensa, servindo apenas para momentos específicos na divulgação de informações sobre os regimes absolutistas.

Aliás, o retardamento que ocorre no nascimento do Jornalismo, como forma de comunicação coletiva, deve-se inclusive ao regime de controle a que é submetida a imprensa nos séculos XVI e XVII. As publicações periódicas que surgem já no século XVII (Boivin, 1949, p.9) e no século XVIII, pelo fato de estarem vinculadas a iniciativas governamentais, e conseqüentemente submetidas à censura prévia, não conseguem neutralizar o impacto das clandestinas gazetas manuscritas e dos pasquins.

¹⁴⁵ (COOLEY, 1909, p.64).

*Essa imprensa oficiosa provoca 'o riso ou zombaria dos filósofos'.*¹⁴⁶

É curioso e instigante pensar como os veículos de comunicação perdem cada vez mais seu papel democrático perante a sociedade, e cada um ao papel que lhe cabe, fomenta os fatos em versões da forma que mais lhe agradem. Passou-se o tempo de imensas lacunas de informação entre um periódico e outro, como é chistosamente encenado no filme *A primeira página*, de Billy Wilder (1974). Em uma das primeiras sequências do longa, onde um grupo de jornalistas, cada um de um veículo, ao receber uma importante informação (todos recebem a mesma da mesma fonte), ligam desesperados para seus editores para lhes passar a nova notícia e, de acordo com a linha editorial de cada um, a notícia em comum parece tornar-se três ou quatro diferentes, tamanha a diferença da abordagem e de apelo buscado.

Esse “desequilíbrio” é raro atualmente, como podemos acompanhar os padrões de títulos e reportagens cotidianas bem semelhantes nos principais jornais impressos do país, como é o caso da *Folha de S.Paulo*, *Estado de S.Paulo*, *O Globo* ou o *Zero Hora*, seja também no caso das revistas semanais *Veja* e *Época* e *Carta Capital*. Afinal, a própria imprensa tem lá hoje seu próprio “policiamento”. Talvez um mero herdeiro do famoso e extinto *Notícias Populares* seja o carioca *Meia Hora*, que financeiramente vai bem mal das pernas mantendo apenas uma redação na capital do Rio de Janeiro.

No entanto, os periódicos citados acima são tendenciosos em todas as áreas que cobrem. De assuntos políticos a críticas culturais, a informação tem perdido espaço para textos opinativos disfarçados. Que político não presta num geral não é novidade, mas as cobranças (que devem existir) parecem passar da margem ética. As denúncias de corrupção são, por quase toda, bem investigadas e denunciadas, mas é fácil encontrar textos que simplesmente querem denegrir a imagem do profissional. É um tema

¹⁴⁶ (MELO, José Marques de, 2003, p.57).

complicado e que merece espaço e tempo para ser debatido, mas nem por isso deve ser deixado de ser citado.

No campo das artes a evidência fica mais fácil. Críticos musicais de longa data, por exemplo, escrevem matérias heróicas sobre seus gostos particulares ou mesmo para aqueles que já se tornaram amigos, enquanto que se uma banda pop nova tenta ganhar espaço recebe críticas acirradas para o mais do mesmo. O mesmo acontece com as resenhas de cinema (um dos piores sintomas da pós-modernidade é todo mundo achar que é um crítico de cinema autodidata; o mesmo vale para supostos fotógrafos e DJs.), onde determinado ator ou diretor têm certo mel com a imprensa. Fellini é sempre Cult, e de repente Clint Eastwood e Martin Scorsese viraram unanimidades.

As celebridades, então, estas que geralmente são pseudo e alcunham o termo muito mais por tagarelar abobrinhas e mostrar a perereca em eventos do que por qualidade artística, dominam os espaços e a audiência dos leitores. A mídia forma os famosos e os empurra até onde for interessante, até uma próxima bunda empinar. Basta conferir os destaques diários do portal *UOL* (disparado, o mais acessado no país), e o estrondoso sucesso do *F5*, site de entretenimento pertencente à *Folha de S.Paulo* que, em menos de um mês no ar¹⁴⁷, já aparecia como a editoria de maior destaque de todo o jornal.

Resumindo a cena: as mídias estão erradas em seguir essas linhas editoriais? Depende, sempre, do ponto de vista, mas pensando em primeiro lugar que elas são cada uma empresas, provavelmente não. Para se sustentar, elas precisam de vendas/audiência, e o público gosta, afinal, é de desgraça e fofoca, como se sabe desde os mais longínquos tempos. Por suposto vício, preguiça e facilidade, o curioso quadro descrito por Marx se repete, imprensa e sociedade, que assim como burguesia e proletariado, um precisa do outro para existir.

Dos negócios, informação à parte

¹⁴⁷ Durante o período de seu lançamento, este autor trabalhava na *Folha de S.Paulo* e acompanhava diariamente a audiência de todas as editorias do jornal.

Para dar continuidade a este trabalho, passemos apenas a discutir os movimentos das mídias impressas para que não ocorram equívocos de informações, dado que as distâncias entre as plataformas de comunicação são longas. Além do mais, o intuito deste é o de estudar a linguagem e a comunicação da informação e as relações com as teorias do riso, portanto, os impressos do país são de maior interesse.

Para Lacerda (1950), o jornal impresso sempre teve dois lados: é um negócio como qualquer outro e, portanto, tem de pagar para existir; mas é mais do que simplesmente um negócio, é uma instituição que reflete e influi sobre a vida da comunidade.

De acordo com o filósofo Rodrigo Duarte (2003), considerando que as mídias de comunicação, como muitos já disseram, representa e ocupa a “quarta forma” de poder nos tempos contemporâneos, não é tão ousado afirmar que o público é alvo da ditadura da informação. E o que isso quer dizer? Todos estamos sujeitos a receber informações selecionadas pelos responsáveis pelas empresas de comunicação.

Ao contrário do regime democrático dos três poderes, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, as instâncias da comunicação de massa desfrutam de poderes - em certos momentos - de maior impacto e controle. Mas, o curioso, é que como observa Duarte, os controladores das mídias não são nem eleitos pelo povo, nem estão sujeitos a qualquer controle efetivo por parte da sociedade, sendo seu poder diretamente oriundo do fato de que eles tiveram capital suficiente para estruturar seu empreendimento e de que continuam a deter os meios necessários para mantê-lo.

Disso advém um fato que se torna cada vez mais óbvio – embora nem todos estejam dispostos ou tenham a isenção suficiente para vê-lo – que é o comprometimento, principal e a qualquer custo, desse grande aparato de produção, reprodução e difusão de informações auditivas e visuais primeiramente com a rentabilidade de seu negócio e, em segundo lugar, com a manutenção do sistema econômico e do regime político que lhe

*possibilita garantir também no futuro a manutenção de seus lucros e do seu enorme poder.*¹⁴⁸

A comunicação de massa, de certa forma, vive entre o céu e o inferno. Simples assim. Pois, ao mesmo tempo que facilita o acesso das pessoas ao conhecimento, há o outro lado sempre questionado por alguns pensadores, principalmente ao que diz respeito à produção de conteúdo da imprensa.

Apesar de ser escrita em outro contexto, o filósofo e jornalista Hélio Schwartsman apresentou uma frase significativa em editorial assinado na *Folha de S.Paulo* (11/03/2012). *“A vontade da maior parte dos cidadãos é, por certo, um elemento importante da democracia, mas não é absoluto nem incondicional. Um país só é democrático quando defende suas minorias da tirania das massas”.*

Na teoria, a função de um jornal é de noticiar, informar e prestar serviços para com sua comunidade. Na prática, a coisa é outra. Foi-se o tempo que a discussão a respeito da imparcialidade dos jornalistas e seus textos eram merecedoras de público. A cada nova edição, vê-se que tudo isso é relativo, e acredita em imparcialidade apenas quem quer (e esta ocorre em maior ou menor grau).

A respeito da crítica à indústria cultural de massa, a Escola de Frankfurt é a mais famosa a desdobrar argumentos sobre a atuação e resultados do capitalismo na sociedade. Dois de seus mais influentes pensadores, Horkheimer e Adorno, escreveram no clássico texto *Dialética do esclarecimento* (1985) a respeito dessa que ficou conhecida como “sociedade do espetáculo”, sobre as tendenciosas formas e meios de se noticiar algo e abdicar da essência artística da cultura em prol das produções megalomaníacas e repetitivas. Essa “renúncia” que a indústria de massa impõe, como afirmam os intelectuais, é o grande perigo latente, sendo que a sociedade cada vez mais alienada deveria lutar contra essa ameaça de castração, pois o que está em jogo é sua própria essência.

¹⁴⁸ (DUARTE, Rodrigo, Teoria crítica da indústria cultural, 2003, p.08).

Para ilustrar o pensamento, mais uma vez encontramos na filmografia de Billy Wilder um ótimo exemplo das relações entre mídia e alienação da sociedade. No filme *A montanha dos sete abutres* (1951), o diretor transporta toda a crítica frankfurtiana para um único mas suficiente exemplo. Um jornalista de sucesso passado (interpretado por Kirk Douglas), então desempregado, acaba por aventurar-se morar em uma cidade do interior. Quando um acidente em uma das montanhas da região prende um trabalhador entre as rochas, o personagem percebe a chance de fazer da notícia um espetáculo.

Abusando de um discurso venenoso e malandro, o jornalista “enfeitiça” policiais, equipe de resgate e toda a população local para transformar um acidente até que previsível e não inédito no contexto, para comandar o “show” e escrever uma reportagem homérica para conseguir recuperar seu posto prestigioso entre os principais jornais das cidades grandes. O acidente poderia ser revertido, mas o jornalista consegue adiar o tempo para que o resgate demore mais do que o necessário, despertando o interesse dos grandes jornais e a solidariedade dos moradores de toda a região e além.

Entre cenas curiosas e de grande impacto, vale destacar quando o jornalista, já perdido com seu suposto poder sobre a natureza e os homens, torna-se dono da situação, ordenando o prefeito da cidade, chefe de polícia e equipe de resgate ao que fazer ou não, além de uma das tomadas do final, que mostra de um ângulo alto e privilegiado a cena do acidente: em poucos dias, uma área restrita e de risco (com o acidentado angustiado e preso nas rochas), torna-se um parque de diversões, com direito a vendedores de pipoca e algodão e uma emblemática roda gigante. No fim, o trabalhador não suporta a situação e morre. A moral da história não existe como nos contos de fadas, mas a reflexão que ficaria, se o mundo não fosse refém do sistema, caberia em julgar o jornalista que tirou a vida de um homem para tentar se recolocar profissionalmente. Ele, contudo, não é o único culpado. Todos que participaram da cena o são, menos o que enfim, deixam de participar.

Da ética dos discursos maliciosos

A ética da linguagem é um tema caro a muitos pensadores, e vez ou outra, quando a grande imprensa parece deixar as cortinas chacoalharem e insinuarem fatos diferentes dos relatados, a discussão volta à tona. Entre alguns filósofos que trataram do tema, um herdeiro da Escola de Frankfurt, o alemão Habermas é um dos que mais influencia e discute o assunto. Em sua conhecida teoria da ação comunicativa, defende o livre, respeitoso, enfim, ético diálogo entre falante e ouvinte, onde, no caso, a melhor apresentação de ideia se destacará, sempre de forma pacífica, por assim dizer. Todo e qualquer discurso é pronunciado na intenção de que todos cheguem a um entendimento.

Para tal e seu contraponto, o filósofo analisou a ética do discurso por meio dos conhecidos atos ilocucionários e perlocucionários, sendo o primeiro a razão da ação comunicativa, onde o uso da comunicação busca encontrar um consenso geral entre seus participantes de forma equilibrada e harmoniosa, exatamente o que não constatamos na mídia, qualquer uma e de qualquer época.

A análise de Lodéa (2011) sobre Habermas diz que pela ética do discurso, admite-se que todas as intenções sejam postas à prova e, assim, dentro da roda do discurso, ou dentro do jogo linguístico alcançar o consenso e atingir universalidade de ação.

Ou seja, a análise de Habermas se baseia e investiga o discurso ético, democrático. O ato ilocucionário é um dos tópicos de maior interesse (e ilusão?) de Habermas, pois no ato seus participantes argumentam, contra-argumentam e caminham para uma discussão simétrica, onde os agentes realizam ações dizendo algo.

Nas palavras de Habermas, *“chamo, pois, de ação comunicativa aquelas interações mediadas linguisticamente, em que todos os participantes perseguem com seus atos de fala fins ilocucionários e só fins ilocucionários”*.¹⁴⁹

Ou seja, como explica Lodéa, falante e ouvinte estão harmonicamente inteirados das intenções de cada um, perseguindo sempre o fim desejado, o

¹⁴⁹ (apud, LODÉA, Andrei Luiz, *Entendimento e linguagem*, 2011).

entendimento. *“É com o interesse no entendimento que falante e ouvinte abirão mão do discurso para se entenderem sobre a pretensão de vaidade posta em dúvida”*¹⁵⁰.

No entendimento do professor de filosofia Josué Cândido da Silva, para Habermas só a interação voltada para o entendimento, que se realiza no interior do mundo da vida, *“onde os participantes harmonizam sem reservas seus planos individuais e buscam, por conseguinte, sem reserva alguma seus fins ilocucionários, pode ser chamada de ação comunicativa”*.¹⁵¹

O contrário, o malicioso e o manipulador são a base da ética dos atos perlocucionários. Estes, via de regra, são os encontrados diariamente na imprensa:

Os atos de fala perlocucionários são utilizados como parte especial da ação estratégica, na qual a força ilocucionária é utilizada como ação teleológica, tornando a interação social negativa. Nesse caso, “o falante, que age com vistas voltadas a fins, procura fazer com que o ouvinte entenda o que está sendo dito e contraria as obrigações implícitas no ato de fala, sem deixar transparecer seu propósito perlocucionário”.¹⁵²

É curioso, contudo, e difícil não se atentar ao fato de que Habermas tem como suas teorias relacionadas à ética e a moral da sociedade capitalista. O que caminha, naturalmente, para o ato de fala perlocucionário, que é, como resumido, as palavras e o discurso individualista que visa, unicamente, influenciar e convencer o outro sem a contra-argumentação. É a vontade do ser falante, e nada mais. Essa é a linguagem que qualquer mídia opta, afinal, nenhuma empresa de comunicação é filantrópica, são empresas capitalistas, que necessitam prestar contas.

Esse uso estratégico, típico de situações de manipulação e engano, só é possível porque a linguagem está voltada para o

¹⁵⁰ (Idem, 2011).

¹⁵¹ Texto disponível no portal UOL Educação, acessado em fevereiro de 2012).

¹⁵² (LODÉA, Andrei Luiz, *Entendimento e linguagem*, 2011).

*entendimento. Ou seja, nosso objetivo ao nos comunicarmos é o entendimento. É sobre essa base de entendimento que o uso estratégico se instala como um uso parasitário da linguagem. (...) Por isso, Habermas chama o uso estratégico da linguagem de parasitário, porque ele só é possível quando pelo menos uma das partes toma como ponto de partida que a linguagem está sendo utilizada no sentido do entendimento.*¹⁵³

Da Silva discute que a manipulação é a causa dos falsos consensos, das informações incorretas que chegam à sociedade de forma unilateral, fabricadas pelos detentores de poder. *“Os grandes meios de comunicação são um bom exemplo disso, pois difundem certas visões de mundo sem permitir que sejam submetidas à crítica. Grande parte do público acaba acatando tais opiniões como se fossem verdades indiscutíveis”*¹⁵⁴.

A solução, segundo Habermas, para a democratização da informação e do entendimento seria o uso do discurso ilocucionário citado, onde as tomadas de decisão seriam orientadas pelo mais coerente argumento, e não pelo dinheiro, influência e poder que o orador carrega consigo.

Para contrapor a tarefa ilocucionária utópica de Habermas, vale resgatar o que o psicanalista francês Jacques Lacan afirmou a respeito da linguagem, em seu seminário 20. Lacan diz que não há comunicação, existe apenas o discurso como laço social, onde pensamos que nos comunicamos a partir de um mal-entendido, a comunicação nunca é total, é apenas *semblant* do mal-entendido.

Apenas de passagem, simplesmente para refletir futuramente, isto esbarra exatamente nas questões narcísicas e transferias de cada um (vista no capítulo anterior), conceitos básicos psicanalíticos. O não-diálogo da sociedade, mas sim a existência de um monólogo de cada ser falante, não anula, de forma alguma, as estruturas discursivas modernas e pós-modernas. Os monólogos diários de cada um, que na verdade sempre são escutados e julgados pelo Outro, remetem ao que Freud afirmou em *O mal-estar na*

¹⁵³ (SILVA, Josué Cândido, Portal UOL Educação, Filosofia da linguagem (7)).

¹⁵⁴ (Idem, SILVA, Filosofia da linguagem (7)).

civilização (1930), que o relacionamento sociais causam imenso sofrimento entre os homens.

Da teoria crítica da linguagem

Entende-se, portanto, que a imprensa informa o que lhe acha mais conveniente e da forma que melhor lhe interessa. Naturalmente, a afirmação sai de uma forma simplista, e as maneiras encontradas para realizar esta tarefa de forma menos descarada envolve uma série de recursos semióticos (desde títulos, fotos, legendas etc.). E, ao mesmo tempo, vive a contradição boa de noticiar acontecimentos políticos, levar o mínimo de cultura a milhões, oferecer entretenimento a seus consumidores.

Dito isso, a massa vira refém de algumas poucas opiniões (principalmente dos colunistas e formadores de opinião, papel que não se assemelha exatamente ao do intelectual. Há uma distância entre ambos os papéis, e no caso do segundo, é por interesse comercial dos jornais empresas, uma forma de fidelizar seus leitores). Cotidianamente, uma das “falhas” da comunicação de massa, é exatamente restringir o pensamento do público. E sejamos justos, o erro aqui é muito maior --para não dizer total--, de quem recebe a informação e acredita nela secamente, e não pensa em contestá-la ou mesmo se interessa em se aprofundar um pouco mais sobre o assunto.

A Teoria Crítica idealizada pelos intelectuais da Escola de Frankfurt vai a esse encontro. O clássico texto de 1947, *Dialética do Iluminismo*, de Adorno e Horkheimer, define a indústria da comunicação de massa como um produtor infundável de cultura, mas no intuito de transformá-los como mercadorias de consumo, fugindo da ideia original artística da sublimação e produção de sentido.

Dessa forma, em nada as artes acrescentam. Ela apenas mantém a tendência que interessa dentro de uma grande bolha financeira onde alguns poucos saem realmente ganhando.

Mencionando ainda o texto citado, entende-se que para os frankfurtianos, tudo se transforma em artigo de consumo. Quando uma fórmula se populariza e agrada o gosto da maioria, ela repete-se até o

esgotamento, e isso, vale observar, colabora para a “passividade social”, em expressão cunhada por Olgária Matos.

Para Adorno e Horkheimer, a cultura de massa não é nem cultura nem é produzida pelas massas: *“sua lei é a novidade, mas de modo a não perturbar hábitos e expectativas, a ser imediatamente legível e compreensível pelo maior número de espectadores ou leitores”*.¹⁵⁵

Adorno critica essa falsa impressão da indústria cultural ser democrática, ao tempo em que, na realidade, não é, aprisionando, isso sim, seus consumidores com desejos inventados à custa dos interesses dos poderosos chefões. “A luta contra a cultura de massa só pode ser levada adiante se mostrada a conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social”.

Em *Dialética do esclarecimento*, Horkheimer e Adorno criticam a necessidade social dos produtos e sua reprodução vazia:

*Os padrões resultariam originalmente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. Na verdade, isso é o círculo de manipulação e necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema concentra-se cada vez mais densamente. Cala-se, aqui, sobre o fato de que o solo, sobre o qual a técnica adquire poder sobre a sociedade é o poder daqueles economicamente mais fortes sobre a sociedade.*¹⁵⁶

Vimos até o momento que a linguagem, e tão logo, a comunicação, ditaram os rumos da evolução e civilização do homem. Com o domínio desta forma de arte, mergulhada na cultura capitalista ocidental, quem soube utilizá-la, o fez em seu próprio benefício nos tempos modernos. As constatações apresentadas confirmaram que desde o início de sua história, a imprensa soube trabalhar em frentes opostas sempre com um *porém* pronto a manifestar-se.

¹⁵⁵ (MATOS, Olgária, *Escola de Frankfurt - Luzes e Sombras do Iluminismo*, 2006).

¹⁵⁶ (MATOS, p.142).

Ela informa, sua principal e primeira atividade, porém, por ser uma empresa, deve ao mesmo tempo equilibrar-se no que poderia ser dito para agradar: a) o público; b) os poderes; c) a publicidade. Das frentes que mais interessam este trabalho, voltemos à busca de entender as reações do público e poderes frente aos conteúdos selecionados pela imprensa.

Já foi discutido que a imprensa opta por promover discursos perlocucionários e assim formar a opinião da sociedade, não bastando informá-la ou deixá-la por si só decidir o que acha desse ou daquele assunto. Também ficou evidente que não há muitos segredos nos motivos da imprensa de massa se submeter aos grandes poderes, pois por serem empresas necessitam de apoios e patrocínios, então muitas coisas ficam de lado para dar prosseguimento às atividades midiáticas.

Contudo, fica a questão última sobre a razão da sociedade aceitar se alienar com o modo pela qual as informações são passadas. Para isso, é preciso compreender o funcionamento da mente quando em massa e assim decifrar como uns se tornam aos outros influenciáveis e abdicam de suas próprias convicções.

Os frankfurtianos flertaram com Marx, Descartes, Kant, Nietzsche e Heidegger, entre alguns outros, para construir e costurar suas principais ideias e críticas a respeito da indústria cultural. Contudo, foi com Freud que o desejo tornou-se um importante personagem para a compreensão dos temas em questão.

Da psicologia das massas

O que faz uma sociedade escolher pela própria tortura? Por um governante que vai prejudicar a tudo e a todos? E por que demora-se tanto tempo para atitudes serem tomadas? Como as massas se formam e qual o caminho para retirá-las do limbo e encaminhá-las para um caminho mais democrático? Bom, como bem destaca Montaigne, *“é maravilhosa o trabalho da consciência: ela nos faz trair, acusar e combater a nós mesmos, e, na ausência de testemunha alheia, nos denuncia contra nós mesmos.”*¹⁵⁷

¹⁵⁷ (MONTAIGNE, Michel, Os ensaios, 2010, p.229).

Portanto, vamos manter a linha do inconsciente freudiano.

Para entender o funcionamento dos grupos e os limites das relações, Freud impôs logo no começo de seu *Psicologia de grupo* (1921) responder a três questionamentos fundamentais: o que é um grupo? Como adquire ele a capacidade de exercer influencia tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo?; E qual a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo?

Freud optou por responder, primeiramente, a terceira questão, a partir da definição do tema escrita por Le Bon, em *Psychologie des foules* (1855) e que, de certa forma, é repetida na explicação de qualquer novas formações de grupo, desde torcidas de futebol a defensores do meio ambiente.

*A peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento. Há certas ideias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo.*¹⁵⁸

A explicação de Le Bon parece-nos hoje um tanto óbvia, mas há de se reconhecer a qualidade do pensamento, ainda mais ele estruturado significantes décadas atrás. Contudo, o trecho mais interessante e praticamente um desenrolar natural da ideia aparece a seguir:

O grupo psicológico é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se combinam, exatamente, como as células que constituem um corpo vivo, formam, por sua

¹⁵⁸ (FREUD, 1921, p. 83).

*reunião, um novo ser que apresenta características muito diferentes daquelas possuídas por cada uma das células isoladamente.*¹⁵⁹

A simples afirmação “o grupo psicológico é um ser provisório” diz muito a respeito do comportamento humano. Mostra, como escreve Le Bon, que pessoas distintas e nada em comum, por um lapso de tempo, encontram um desejo (ou objeto de) em comum, por qual lutar em seu próprio benefício. Le Bon entende que “a razão e os argumentos são incapazes de combater certas palavras e fórmulas”.

Para McDougall (1920), as mentes de inteligência inferior fazem com que as de ordem mais elevada desçam a seu próprio nível. Estas últimas são obstruídas em sua atividade, porque em geral a intensificação da emoção cria condições desfavoráveis para o trabalho intelectual correto e “porque os indivíduos são intimidados pelo grupo e sua atividade mental não se acha livre, bem como porque há uma redução, em cada indivíduo, de seu senso de responsabilidade por seus próprios desempenhos”.¹⁶⁰

Comumente, este objeto encontra-se em um patamar diferente do que os do dia a dia, já que, para despertar o interesse de um grupo de pessoas, deve estar em destaque, como é o caso de políticos. O heterogêneo se dissolve no homogêneo, por assim dizer.

Para Freud, as ideias mais contraditórias podem existir lado a lado entre os integrantes de um mesmo grupo sem que nenhum conflito surja entre eles. Ainda mais que os grupos não almejam “A” verdade, e sim suas ilusões e percepções do que pode ser mais próximo da realidade. Quando a comunicação alcança as massas, ela atinge um “poder verdadeiramente mágico”¹⁶¹, que pode evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las.

Na multidão que se forma, características novas podem ser percebidas em cada indivíduo, mesmo que por períodos restritos. Todos podem ficar mais corajosos, mais espertos ou mais fortes. Le Bon assinala três fatores

¹⁵⁹ (Idem, p.84).

¹⁶⁰ (MCDUGALL, 1920, p. 41, apud FREUD 1921).

¹⁶¹ (idem, p.117).

diferentes para essa mudança.

*O primeiro é que o indivíduo que faz parte de um grupo adquire, unicamente por considerações numéricas, um sentimento de poder invencível que lhe permite render-se a instintos que, estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção. Ficaré ele ainda menos disposto a controlar-se pela consideração de que, sendo um grupo anônimo e, por consequência, irresponsável, o sentimento de responsabilidade que sempre controla os indivíduos, desaparece inteiramente.*¹⁶²

Sobre esse trecho, Freud não dá tanta importância (apesar de não discordar dele) ao fato de novas particularidades aparecerem. Para ele, basta observar que num grupo, o indivíduo é colocado sob condições que lhe permitem arrojá-lo de si as repressões de seus impulsos instintuais inconscientes.

Por conta desse desejo não tão racional de se alinhar e se aproximar com outros diferentes, Le Bon¹⁶³ afirma a vida consciente da mente é de pequena importância, em comparação com sua vida inconsciente. A formação de massas, entende, é um êxito inconsciente.

A segunda característica percebida é o contágio, algo do que se pode entender como a passividade dos indivíduos em imitar, concordar e realizar sentimentos em prol do grupo (sempre com um líder como representante principal). A terceira causa, que ele a percebe como a mais importante, é a sugestibilidade, uma forma de influência que atinge o indivíduo quando este já “perdeu” sua personalidade consciente.

Le Bon¹⁶⁴ afirma que “*por detrás das causas confessadas de nossos atos jazem indubitavelmente causas secretas que não confessamos, mas por detrás dessas causas secretas existem muitas outras, mais secretas ainda, ignoradas por nós próprios*”. O autor resume que a maior parte de nossas ações cotidianas são resultados de motivos ocultos que fogem à nossa

¹⁶² (Le Bon, p.33, apud FREUD, 1921).

¹⁶³ (Idem, p.30).

¹⁶⁴ (Idem, p.30).

simples observação.

Por sua vez, Freud escreve que uma das principais explicações para os fenômenos de grupo é a falta de liberdade do indivíduo. Outra sugestão, arrisca, seria o fenômeno do pânico.

Surge o pânico se um grupo desse tipo se desintegra. “Suas características são a de que as ordens dadas pelos superiores não são mais atendidas e a de que cada indivíduo se preocupa apenas consigo próprio, sem qualquer consideração pelos outros.”¹⁶⁵

O medo de perder-se o grupo passa pelo fato de, assim sendo, cada indivíduo ter de enfrentar sozinho a opinião contrária. Solitário, a força oposta com certeza parecerá maior, e além do mais, nem sempre quando o indivíduo olha para si mesmo gosta do que descobre. Não ter um outro com quem se identificar e trocar ideias pode parecer desesperador. A hipocrisia (in)consciente pode ter um efeito destruidor em cada um.

De uma forma geral, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, para Freud (1921) a escolha de objeto retroaja para a identificação: o ego assume as características do objeto.

Do autoritarismo na indústria cultural

Freud mostrou que a psicologia de massa interessa-se pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido.

“Servidão voluntária” é um tema que tomou conta dos pensadores de Frankfurt. A grande dúvida é entender o por que dos homens escolherem

¹⁶⁵ (FREUD, 1921, p.107)

seus próprios ditadores e tornarem-se vítima e perigo de uma só vez.

Para os frankfurtianos, Matos (2005) explica que dois fenômenos distintos deveriam ser analisados. A dominação é um fenômeno anterior e mais difícil de ser resolvido, porque a exploração econômica pode terminar, mas o desejo de comandar e o desejo de servir permanecem.

Uma autossabotagem contínua que engloba comportamentos repetitivos. Para Stanley Rosner (2009) a repetição tem identificações primárias, ou seja, motivos relacionados a fatos da infância. Uma das cenas mais comuns é identificar filhos que entenderam ou foram “instruídos” a concordar que os pais e seu modo de vida era superior, e aquele era o exemplo a ser seguido e repetido.

Os ditadores, ao assumirem figuras de “grandes pais”, com posturas arcaicas, palavras maliciosas e força de expressão, convencem facilmente as pessoas, que passam por um golpe psíquico de regressão, conquistando seu apoio quase incondicional e cego.

Bertrand Russell chegou a perguntar “para que repetir os erros antigos tendo tantos novos para cometer?”, mas o ciclo da autossabotagem em massa continua marcar a história.

A partir do pensamento freudiano, pode-se entender que toda a forma de grupo não resulta necessariamente do afeto ou compaixão pelo próximo, mas sim na inveja e ciúme deste outro. Por isso Freud chega a afirmar que todos nós somos inimigos da civilização.

Segundo Freud, um grupo impressiona um indivíduo como sendo um poder ilimitado e um perigo insuperável. Momentaneamente, ele substitui toda a sociedade humana, que é detentora da autoridade da autoridade, cujos castigos o indivíduo teme e em cujo benefício se submeteu a tantas inibições. É-lhe claramente perigoso colocar-se em oposição a ele, e será mais seguro seguir o exemplo dos que o cercam, e talvez mesmo “caçar com a matilha”. *“Em obediência à nova autoridade, pode colocar sua antiga consciência fora de ação e entregar-se à atração do prazer aumentado, que é certamente obtido com o afastamento das inibições”*.¹⁶⁶

¹⁶⁶ (FREUD, 1921, p. 95).

A compreensão passa pela necessidade absoluta de dependência do próximo. Ao contrário dos animais, somos todos diferentes, e conscientes disso, invocando mais uma vez Lacan, temos a noção de que os desejos meus são os do outro e eles só serão satisfeitos com essa contribuição.

Essa falta de exclusividade gerada (por parte de mãe, pai, amados e amigos) alfineta o sentimento egoísta que todos carregamos por debaixo das máscaras. Não por acaso, comenta Matos (2005), a noção de justiça surge por necessidade de que todos sejam tratados de maneira igual. *“A raiz do sentimento do dever e da consciência moral signifique que, assim como nós mesmos fomos constrangidos a renunciar a muitas coisas, os outros também devem viver igualmente sem elas”*.

Além de uma ideia em comum, os grupos precisam de um líder a quem confiar sua homogeneização. Como descreve Freud, suas qualidades pessoais devem passar por uma intensa fé (na ideia) e possuir vontade forte e imponente para que o grupo –onde os integrantes abdicam de sua personalidade- possa dele aceitar. Ao recorrer ao texto de Le Bon, Freud também destaca o prestígio que os líderes devem ter, algo misterioso e irresistível e que exerce pleno domínio sobre os outros.

Em sua análise das multidões, Freud opta em compreender a morfologia dos grupos, que como comenta, possuem distintas formas de desenvolvimento. Contudo, ele se debruça em comentar sobre dois particulares, a igreja e o exército, na época, dois dos principais representantes de grupo, para tirar modelos, exemplos e explicações para os demais. Porém, fiquemos apenas com as elaborações do segundo, que melhor condizem com a temática do presente trabalho.

Para Freud, o exército é um grupo artificial que possui um “grande pai”, o comandante-chefe, que supostamente amaria todos os sujeitos como iguais. Essa ilusão é a chave de tudo, pois se ela se desfaz, se não se acreditar mais na promessa de que uma personalidade forte e maior irá cuidar e lhe ensinar sobre a vida e suas crenças, o grupo se dissolveria.

O estudo de Adorno *A personalidade autoritária*, em parceria com uma série de cientistas sociais norte-americanos, inicia-se, principalmente, por conta do momento histórico da perseguição anti-semita proclamado pelos

nazistas. Contudo, da análise geral, é possível recortar algumas passagens que se encaixam psicologicamente com quaisquer outros tipos de líderes ditatoriais. Uma parte do texto sobre os motivos do sucesso político do nazismo apresenta sintomas semelhantes da relação poder-cidadão vistos em outros momentos históricos:

*O fascismo, para ter sucesso como movimento político, deve ter uma base de massa. Ele deve assegurar não apenas uma submissão medrosa, mas também uma cooperação ativa da maioria do povo (...) Por que as pessoas se deixam enganar tão facilmente? Porque – tudo indica – isso corresponde à sua estrutura de caráter; porque antigas expectativas, nostalgias, medos e inquietações tornam as pessoas receptivas a certas convicções e resistentes a outras.*¹⁶⁷

Em complemento, Duarte (2003) acrescenta ainda outro motivo à ideia de que ao caráter maduro corresponde um sistema de pensamento verdadeiramente racional e que o correlato da racionalidade apenas instrumental difundida por toda a sociedade, no plano do indivíduo, é um caráter psicologicamente imaturo. Isso significa dizer que um “eu” psicologicamente bem estruturado seria, em tese, muito mais capaz de realizar aquela “memorização da natureza no sujeito”, reivindicada na obra comum de Adorno e Horkheimer, do que o ego imaturo.

Em *A personalidade autoritária*, informa ainda Duarte, isso é expresso do seguinte modo:

*É o ego que reconhece as forças irracionais no caráter e por elas assume a responsabilidade. Nisso baseia-se nossa convicção de que à busca pelos determinantes psicológicos da ideologia subjaz a esperança de que as pessoas possam se tornar mais racionais.*¹⁶⁸

¹⁶⁷ (in ADORNO et al. Studien zum autoritären Charakter, p. 13).

¹⁶⁸ (Duarte, Rodrigo, 2003, p. 83).

Segundo os autores do texto, para afirmar que *“a internalização malsucedida do superego remete a uma fraqueza do ego, à incapacidade do ego de executar a requerida síntese, integrar o superego com o ego”*.¹⁶⁹

Duarte destaca no texto dois tópicos discutidos por Adorno, e de grande importância para a compreensão desse estado de fraqueza do ego: a “superstição e estereotipia”, no que assemelha-se na análise a “mera falta de inteligência” com “hábitos de pensamento proximamente aparentados com o preconceito”.

Na seção V de *Dialética do esclarecimento*, os autores esclarecem os impulsos miméticos, naturais dos seres humanos, e que são explorados pelo poder autoritário *“no sentido de induzir na massa um comportamento padronizado, que venha, em última instância, ao encontro dos seus interesses políticos”*, como explica Duarte na apresentação de *Os astros descem à Terra*, de Adorno.

No capítulo VI, Adorno e Horkheimer dedicam sua análise ao que consideram o oposto ao da identificação mimética, o mecanismo de projeção. De acordo com os autores, explica Duarte, se a mimesis consiste no eu se tornar igual ao ambiente, a projeção se realiza pela igualação do ambiente ao eu.

Portanto, a “projetividade”, segundo tópico, recai menos na diagnose dos aspectos patológicos da civilização ocidental do que na explicação dos mecanismos psicológicos que levam indivíduos, acometidos da mencionada fraqueza de ego, a agredirem de modo impiedoso os mais fracos e se submeterem incondicionalmente aos mais fortes. Sobre isso, destacam os autores do texto:

O mecanismo da projeção exprime-se em conexão com a agressão autoritária. O autoritário tende a projetar seus impulsos reprimidos em outras pessoas, a fim de prontamente acusá-los. Projeção é, portanto, um meio de manter pulsões do

¹⁶⁹ (in ADORNO et al. *Studien zum autoritären Charakter*, p.53).

*Id alheias ao ego e pode ser considerada um sinal de incapacidade do ego em preencher suas funções.*¹⁷⁰

Na análise de Duarte, tanto a “mimesis” quanto a “falsa projeção” são, segundo Horkeheimer e Adorno, modos de exploração da fraqueza do ego de indivíduo que se tornou o mais característico do capitalismo tardio.

Adorno explora ainda o assunto em sua obra *Os astros descem à Terra*, onde analisa por três meses (novembro de 1952 a fevereiro de 1953) a coluna diária de astrologia do *Los Angeles Times*, jornal conservador ligado à direita norte-americana, escrita por Carrol Righter. O colunista era também consultor pessoal de famosos do meio cinematográfico de Hollywood, o que por já apresenta a ironia do título do livro.

O intuito da obra é mostrar como a astrologia, que para Adorno exercia uma função secundária, senão paralela, à das religiões, também apresentava indícios e qualidades vistas na indústria cultural e na bestificação das massas.

Para Duarte, como no sistema da indústria cultural, essa institucionalização pode ser entendida como resultado de fortes demandas instintuais por parte dos consumidores, as quais são apropriadas pelas publicações de astrologia, que se ajustam a essa demanda com o objetivo de aumentar a vendagem. *“Dessa forma, têm-se, do lado dos consumidores, a manifestação de parcelas do inconsciente e, do lado dos produtores, a emissão de estímulos conscientemente calculados em função dos objetivos comerciais e ideológicos a serem alcançados”.*¹⁷¹

Dos ecos do riso: o politicamente incorreto ganha força

Na maior parte da história do país, a imprensa foi observada e censurada pelos governadores em questão. Para sobreviver, as empresas midiáticas deviam se adaptar às regras impostas pelos grandes poderes. A falta de informações sobre manobras dos governos e assuntos a respeito de suas ações contra o povo não tinham espaço nas revistas e jornais. Dada a

¹⁷⁰ (Idem, p. 60).

¹⁷¹ (DUARTE, 2005, p. 86).

insatisfação e coragem de poucos, a imprensa alternativa preencheu um espaço quase que vazio, transgredindo leis e informando e dizendo o que era proibido.

Enquanto Getúlio Vargas presidia o Brasil, as publicações do humorista Barão de Itararé criticavam as chantagens políticas que ele ordenava. Durante a ditadura militar, o *Pasquim* foi o jornal rebelde que se opunha a aceitar pacificamente a violência dos generais e as barbaridades humanísticas realizadas. E a partir do segundo mandato do presidente Lula, a revista *piauí*, apesar de tempos de liberdade de expressão, fugiu da ditadura da informação comprada e protegida particular e comum nas grandes mídias.

Nos dois primeiros períodos, que serão detalhadamente apresentados no próximo capítulo, a massa estava hipnotizada –em alguns casos, de maneira forçada-, às sugestões dos discursos dos governantes em questão.

A imprensa muda não queria também se manifestar e arranjar problemas para suas empresas, e assim os meios de comunicação que deveriam informar, contestar e opinar a respeito dos poderes, com o rabo preso e bem escondido, ignorava protestos e insatisfações, e publicava matérias de apoio e elogio, ou então se afastavam de noticiar assuntos políticos. Sobre essas escolhas de grupo de não enfrentar diretamente o poderio, Le Bon chegou a escrever que:

Pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos. ¹⁷²

No que diz respeito ao terceiro período, o governo de Lula, não há censura política na imprensa brasileira. Mas a mídia, de uma forma geral,

¹⁷² (Opud FREUD, 1921, Le Bon, p.36).

mostra-se parcial e partidária em muitos momentos, na produção de textos e na forma de abordar assuntos. Outros, mais radicais, parecem não ter partidos, vivem de escândalos e num anarquismo silencioso.

A produção risível na imprensa tem duas vertentes. A do entretenimento e a da denúncia. Sua participação nos veículos de massa sempre foi de grande importância, e hoje, cada vez mais, usa-se do riso para conquistar o público e tratar de assuntos dos temas mais importantes para atrair novos pontos de vista e, por favor, saciar a libido recalcada.

Mesmo assim, com a palavra humorística provocando prazer e com o riso desenfreado, será difícil nomearmos, mesmo no futuro distante, uma 'era do riso'. No entanto, em todos os tempos de algo, o riso é sempre essencial para a respiração da sociedade e como um dos meios para se continuar caminhando em frente.

Em passado recente, tivemos a era das histéricas de Freud, a era da Comunicação de Massa, a era dos enlouquecidos das guerras mundiais, do homem dialético de Adorno, a era do vazio de Giles Lipovetsky e o pós-moderno capitalismo ainda em seu estado gerúndio de ser, *sendo*, que aponta alguns novos sintomas. Novos, ou apenas transferidos. A conferir.

Qual o Zeitgeist atual? O olhar clínico de Maria Rita Kehl a leva a definir como a era da 'depressão', o tempo entre a ansiedade, o remédio e o bullying. Em seu *O tempo e o cão*, escreve *"o indivíduo moderno, ao calcular sua dívida simbólica a partir dos parâmetros afetivos da vida privada, paga em moeda neurótica o preço do recalque da dimensão coletiva e dos elos comunitários que, ainda quando negados, determinam sua existência."*¹⁷³ Não por acaso, cada vez mais o politicamente incorreto é pop, necessário e atuante. Em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, o advogado criminal Eduardo Muylaert, defende a liberdade do riso e sua dignidade constitucional, para caracterizar as críticas que crescem a respeito do risível na mídia brasileira:

Decorre da liberdade constitucional do humor que eventual excesso é preferível a qualquer censura ou repressão, pois é

¹⁷³ (KEHL, 2010, p. 43-44).

*próprio do humor o exagero, a hipérbole. E o simples fato de alguém eventualmente se sentir ferido não pode restringir a atividade, dada a índole subjetiva das reações individuais.*¹⁷⁴

Entrelaçando toda a história, acompanhamos repetidas vezes no cenário mundial e no Brasil, algum superegoico personagem perder-se em seu gozo paranoico, e com isso gerar o desprazer da sociedade. Para combatê-lo, é preciso comunicar, seja por meio da troca oral, dos teatros gregos ou dos registros impressos pré e pós Gutenberg. A linguagem subversiva fere e alimenta a força de Outros que constitui uma massa com objetivo em comum.

Da pensata cai-se na simplista definição bom riso x mau riso (o que não necessariamente pode se associar a politicamente correto e incorreto), como que para definir os limites do tolerável. O riso, transgressor de limites, surpreendentemente encontra em *A anatomia da melancolia*, de 1621, do acadêmico Robert Burton, algumas regras e fronteiras para os ditos espirituosos.

O riso entre a melancolia e o prazer

Para Saliba¹⁷⁵, foi a partir dali que a cultura ocidental começou a inventar também um paradigma sobre dois tipos ou práticas do riso: o bom riso, o riso positivo, expressão da alegria lícita, e o mau riso, o riso negativo, expressão do 'rir de...' ou 'rir contra..'.

Essa distinção, conta Jorge Leite Júnior (2003), foi predominante até o final do século XX, sendo, com muita dificuldade (como percebemos os tabus ainda hoje) repensada para novas possibilidades e limites.

Se a risada até o Renascimento, em sua versão popular, é coletiva e renovadora, contendo inclusive a capacidade de 'rir de si mesmo', a partir do século XVII, com a corte criando uma outra 'cultura do riso', esta torna-se pessoal e muitas vezes

¹⁷⁴ (MUYLAERT, Eduardo, Folha de S.Paulo, Opinião, 2011).

¹⁷⁵ (SALIBA, Elias, Raízes do riso, 2002, p. 20).

*destruidora. A risada 'má' também passa a ser associada à obscenidade e à pornografia, tanto por sua característica agressiva às pessoas ou instituições quanto por zombar dos valores sociomoraes. A risada recebe então uma sutil associação ao riso 'mau' e o sorriso identifica-se com a civilidade dom 'bom'. O jogo de poder envolvido nas disputas de status no universo cortês envolve tanto o tipo de humor quanto as reações a este. A gargalhada e o humor 'grosseiro' passam a ser alvos de uma perseguição até então só pregada idealmente pela Igreja.*¹⁷⁶

Nos primórdios estudos a respeito do funcionamento dos distúrbios mentais, o mau riso era associado ao mau humor, ao estado de espírito da pessoa. O médico e filósofo Hipócrates dava sua razão por conta da bile negra, esta responsável também pela melancolia. O médico e escritor Moacyr Scliar (2001) explicou em artigo para a *Folha de S.Paulo* sobre a percepção de Hipócrates, que também entendia “o sangue, a linfa e a bile amarela” como os outros três responsáveis pelo desequilíbrio da mente.

O mau humor e o estado de melancolia, mais tarde, passou a ser associado aos planetas (Saturno, em questão, por ser distante e de lenta movimentação). Outro célebre médico, Galeno, concordou com tal teorias e as ampliou, sugerindo que os distúrbios mentais, portanto a melancolia, tinham sua origem no cérebro, e não no coração, como se imaginava. “A melancolia resultava, para Galeno, de uma inundação do cérebro pela bile negra, cujo excesso, por sua vez, era consequência de um espessamento do sangue, a ser tratado pela sangria”.

Não demorou muito, contudo, para que a associação melancolia e (mau) humor se distanciassem. Os estudos de psicólogos e médicos principalmente trataram de nomear as diferenças entre as patologias da psique (depressão, que não é melancolia e muito menos mau humor). O famoso estudo de Freud, *Luto e melancolia* é também uma referência no assunto. Com ele, é informado ao leitor que melancolia é um tipo de luto

¹⁷⁶ (Leite Junior, 2003, p. 115).

dependente da perda de um objeto onde, muitas vezes, nem a própria pessoa sabe a razão do sofrimento. Nesse estado de desilusão completa para com a vida, o sujeito não tem vontade de fazer nada, nem de comer, banhar-se ou qualquer outra ação, apenas encolher-se e sofrer.

As outras linhas psi (como a psiquiatria) possuem variações em suas definições, sendo que, por outro lado, concordam na passividade e entrega total do indivíduo ao vazio. Com isso, é totalmente possível afirmar que a melancolia (e, novamente, outros estados patológicos acentuados da mente), não correspondem a nenhum tipo de humor. O humor consegue ser desperto no caso que Freud definiu como o mal-estar da civilização, na sociedade neurotizada (histéricos e obsessivos), que com a angústia incomodada, conseguem tomar atitudes para confrontá-la.

O mau e bom riso, então, pode ser entendido, a partir de agora, como uma reestruturação do politicamente correto e incorreto, assunto em pauta faz alguns anos no Brasil. Na discussão, os limites do debate abrem novas questões, e não fica apenas no que seria piada de mau gosto. Com isso, o evoluir das anedotas castra certos tabus da cultura (não, claro, sem deixar de gerar polêmica) e dá mais sentido e força às diferenciações citadas por Freud (1905) e como o prazer atinge o próprio narciso e as alegrias da multidão.

Do prazer proibido: a mídia alternativa como escape

Curiosamente, enquanto a imprensa sofreu diferentes retaliações, não foram as panfletagens violentas que sobreviveram ao tempo e enfrentaram com sucesso as ditaduras da informação. Para manter-se na luta da liberdade de expressão, as mídias que se salvaram usaram do humor como sua principal ferramenta e arma de protesto.

Para fugir da repressão, foi necessário repensar a linguagem para se comunicar com o público. Ao invés de palavras de caráter claramente agressivo (o que, de certa forma, os aproximaria à agressividade irracional de quem se criticava), foram as chistosas que realmente incomodaram e fizeram barulho.

Como já foi constatado, a produção de chistes e dizeres humorísticos e cômicos gera prazer para os ouvintes, ao mesmo tempo que uma sensação

de humilhação por parte de quem é alvo das anedotas. O riso tem como propósito afastar momentaneamente a dureza da realidade, principalmente ao se zombar dos fatos que nela acontecem.

Para Freud, o humor não se opõe ao que é sério, mas a uma realidade deserotizada e à lucidez mórbida criada por uma concepção de mundo na qual o princípio de realidade e princípio de prazer encontram-se inelutavelmente dissociados. Ou seja, no desprazer dos periódicos, os alternativos que tentaram pela via humorística denunciar os males do poder e a passividade da própria sociedade foram os responsáveis pela mudança nos cenários conflituosos.

Escolhendo essa forma de comunicação, o tempo foi um dos principais colaboradores no destaque das mídias, já que, num primeiro momento, as censuras não davam tanta importância a esses órgãos alternativos, pois pareciam ser inofensivos. Contudo, o prazer do riso é de consumo imediato e --quicá-- viciante.

Portanto, em um período curto deixou de ter um público somente alternativo para, sem exageros, comunicar as também as massas. As massas, como destacadas na seção anterior, abandonam sua individualidade por um propósito maior. No caso, o prazer pela leitura de periódicos politicamente incorretos.

E então, quando a censura começa a se preocupar, é tarde demais, o “vírus” já se espalhou. O enfrentamento entre humor e política alcança outro nível, onde a sociedade começa a se integrar também. As piadas passam a ser mais diretas e a punição menos eficiente. Em tempos obscuros, cortar essa importante fonte de prazer da sociedade vai fazer com que a forma de poder seja contestada.

O consumo libidinal dos ditos risíveis passa pelo que Freud nomeia de princípio do prazer e princípio da realidade. Segundo Freud, libido é a expressão extraída da teoria das emoções. É o nome dado à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), dos instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra “amor”. No caso, o significante amor pode

ser tanto associado à emoção escrita por poetas quanto a partes e sentidos mais abstratos, como amar a lua, um filme ou a sociedade.

O psicanalista explica que a linguagem efetuou uma unificação inteiramente justificável ao criar a palavra amor com seus numerosos usos, e que, portanto, nada mais justo e coerente senão tomá-la também como base das discussões científicas, assim como já o fizeram Platão e sua tremenda força de amor sexual (Eros) ou mesmo o apóstolo Paulo no capítulo 13 da famosa Epístola aos Coríntios¹⁷⁷.

Definida a compreensão abrangente do amor e seus possíveis significados, Freud, então, menciona que esta instância é a grande mantedora das relações no mundo, e tão logo faz sentido que o amor ao grupo, à uma ideia em comum, explique primeiramente o prazer mental desfrutado pelos sujeitos que se unem.

Uma segunda menção ao amor citada pelo autor¹⁷⁸ pode ser compreendida na metáfora dos casais, que pelo amor um ao outro, abrem mão de muitos desejos. Nas relações de grupo ocorre a mesma coisa, quando se permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, *“isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça pelo amor deles”*.

*A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo. E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo.*¹⁷⁹

¹⁷⁷ Diz a passagem: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria”.

¹⁷⁸ (FREUD, 1921, p.103).

¹⁷⁹ (Idem, p. 114).

Para Freud, “se assim, nos grupos, o amor a si mesmo narcisista está sujeito a limitações que não atuam fora deles, isso é prova irresistível de que a essência de uma formação grupal consiste em novos tipos de laços libidinais entre os membros do grupo”¹⁸⁰. O psicanalista também afirma que a identificação é outro importante mecanismo para os laços emocionais, presente na história primária de qualquer sujeito desde o complexo de Édipo.

Por isso, a libido, essa energia de prazer, desempenha importante papel nas formações e satisfações da massa, afinal, é a palavra sedutora que relaciona e comunica os pensamentos e emoções do elo mais forte.

A partir dessa noção da busca do prazer pelo sujeito, é interessante resgatar a teoria do prazer X realidade pensada por Freud para justificar as escolhas da sociedade em, depois de períodos de alienação e repressão, optar pela catarse por meios dos ditos humorísticos.

A teoria foi claramente apresentada pela primeira vez no ensaio de 1911, nomeado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Sobre o princípio do prazer, o autor escreve:

*Estes processos esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer. (Aqui, temos a repressão.) Nossos sonhos à noite e, quando acordados, nossa tendência é afastar-se de impressões aflitivas (que) são resquícios do predomínio deste princípio e provas do seu poder.*¹⁸¹

É importante deixar claro de saída que o duelo entre os princípios não implica na censura do prazer. A diferença de egos é que enquanto o do prazer busca incansavelmente e de forma impulsiva a todo momento obter o gozo, o da realidade pondera e busca controlar suas ações, com a “promessa” que mais tarde será recompensado com um “prazer seguro”, como descreve Freud.

Chauí, ao explicar o ensaio de Freud, comenta que os recursos

¹⁸⁰ (Idem, p.114).

¹⁸¹ (FREUD, 1911, p. 238).

inconscientes para surgir indiretamente à consciência possuem dois níveis: o nível do conteúdo manifesto (onde podemos associar os chistes, os atos falhos e os sonhos) e conteúdo latente, os reais desejos sexuais ocultos. Além dos dois recursos, a filósofa aponta ainda a sublimação como um recurso para equilibrar as pulsões da libido. Ao contrário dos dois primeiros recursos, a sublimação não é de ordem simplesmente individual, ela atua no social e no equilíbrio do coletivo:

Na sublimação, os desejos inconscientes são satisfeitos indiretamente porque são transformados em outra coisa, exprimem-se pela criação de alguma coisa estimada, valorizada positivamente: as obras de arte, as ciências, a religião, a filosofia, as técnicas, as ações éticas e políticas. Artistas, místicos, pensadores, escritores, cientistas, líderes políticos satisfazem seus desejos pela sublimação e, portanto, pela realização de obras e pela criação de instituições religiosas, sociais, políticas, etc.¹⁸²

O chiste que, em primeira instância, é relacionado ao inconsciente do conteúdo manifesto, encontra também na sublimação formas e fontes para se desdobrar, e todas as formas de humor conhecidas se caracterizam como recursos de sublimação, já que, por meio da linguagem satisfazem indiretamente os desejos inconscientes de denunciar e criticar alguém ou algo.

Kupermann (2003) aponta uma outra compreensão a respeito da metapsicologia da sublimação, que ganha significado após as formulações a respeito da pulsão de morte. Nela, o processo sublimatório é concebido como independente do recalque, como uma saída criativa do aparelho psíquico na qual haveria uma mudança de objeto da satisfação pulsional.

Assim, a sublimação deixará de se caracterizar como uma renúncia, e sim seu oposto, onde quando não houver sublimação surgirá em seu lugar o mal-estar, *“a angústia mortificadora e, sobretudo, a culpa, alimentado pela*

¹⁸² (CHAUÍ, 2010, p. 213).

*renúncia pulsional e pelo potencial mortífero do superego*¹⁸³. Para Kupermann, é o ideal do ego o responsável por estimular a sublimação e a promessa de um *“prazer ideal*.

No enfrentamento mental da realidade do risível, a ação de pensar e ter ideias livres estimula a tensão resguardada que, em dado(s) momento(s), ocorre a descarga proporcionando a sensação de prazer. (seria um equívoco metaforizar com um espirro?)

Contudo, alerta Freud, é um equívoco dizer que o princípio do prazer domina os processos mentais. *“Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo”*.¹⁸⁴

As experiências de repetição (em memória inconsciente às primeiras brincadeiras infantis), atuam em oposição ao benefício do prazer quando associadas a sentimentos recalcados. Nesse caso, a reexperiência de algo idêntico é, para Freud, uma fonte de prazer, como é o caso de repetirmos um prato de comida, quando as crianças pedem para ouvir a mesma história ou usamos a mesma roupa.

Por outro lado, discute Freud, a compulsão a repetição pode não atuar em conjunto com o prazer, quando a memória do gozo não está relacionada à infância. *“Se um chiste é escutado pela segunda vez, quase não produz efeito; uma produção teatral jamais cria, da segunda vez, uma impressão tão grande como da primeira;”* Como destaca, *“a novidade é sempre a condição do deleite”*.¹⁸⁵

A diferença, é que o prazer da repetição pelas memórias conquista uma certa sensação de supremacia, conforto e segurança. Dominando a cena e garantindo um resultado parcial de prazer, evita-se ser surpreendido com alguma sensação ruim da realidade.

Matos (2005) escreve que assim como a genealogia nietzschiana descobriu a origem humana dos valores desconstruindo a noção de

¹⁸³ (Idem, p.115).

¹⁸⁴ (FREUD, 1911, p.19).

¹⁸⁵ (FREUD, 1905, p.46).

transcendência onde reinariam o bem e a verdade, revelando bem e mal como criações humanas, também Freud chamou a atenção para o instinto de morte que habita a razão, e para o impulso de transcendê-lo na civilização.

Capítulo 4 - De Itararé ao Piauí: Ordem em progresso

O Brasil é o país da piada pronta, diz o humorista Macaco Simão¹⁸⁶. Difícil discordar, mas não peguemos pesado, pois como a história mostrou há pouco, é fácil encontrar razões para despertar o glorioso estado de graça.

De qualquer forma, o Brasil possui sim em seus registros uma forte tendência para a piada. O historiador Elias Thomé Saliba comprova isso em *Raízes do Riso* (2002).

*Delimitada pela segunda Revolução Industrial, que alterou radicalmente o cenário científico-tecnológico, alargando, para limites imprevistos, as fronteiras do mundo capitalista a partir da década de 1870, a Belle Époque foi assim designada já com uma pontinha de ironia e humor porque, afinal, tirando as atrocidades posteriores, tristemente célebres, que viriam depois da Guerra de 1914, ela já possuía todas as características do século XX. Século da luz e da velocidade, século da síntese e da rapidez, mas também século da anedota, como definiu um dos humoristas brasileiros, em 1923.*¹⁸⁷

Cabe refletir, entre linhas, o sentido dessa história. Olgária Matos escreve que entre a verdade e a justiça, a percepção das transformações temporais viria a ser uma das marcas fundamentais de reconhecimento do que significa um acontecimento histórico. *“Razão pela qual é preciso transcorrer o tempo para que algo possa ou não ser considerado um marco histórico.”*¹⁸⁸

A História começa com Homero (séc. VIII a.C.), com a Guerra de Tróia, e a narração desde então segue se aperfeiçoando em sua arte de

¹⁸⁶ O dito popular é associada principalmente ao humorista José Simão, que a tornou jargão em suas crônicas diárias no jornal Folha de S.Paulo.

¹⁸⁷ (SALIBA, Elias, *Raízes do Riso*, 2002, pág. 17).

¹⁸⁸ (MATOS, Olgária, 2011, pág. 10 e 11).

comunicar. Da origem, Matos aponta que “desde o início, aproximam-se a arte de lembrar e a arte de esquecer”.¹⁸⁹

Diz a máxima¹⁹⁰ que “*história, quem não a estuda, corre o risco de repeti-la*”. Pois no mundo, o que inclui o Brasil, deixaram a matéria de lado, já que habitualmente estamos acostumados a rever os mesmos erros antigos, no que se inclui os principais relacionados à política e poder.

Kehl também observa em seu *O tempo e o cão* (2010), a experiência do tempo, e como à medida da evolução da sociedade, na contemporaneidade se resume à *experiência da velocidade*.

Nomeado como período pós-moderno, podemos chamar também a atual época como era dos extremos. Afinal, o mundo nunca pareceu caminhar tanto na linha tênue da melancolia e da graça.

É tão absurdo o número de ofertas de desejo que chegou o momento em que a sociedade neurotizou de vez. Há quem consiga lidar com isso e opta por não levar a vida mais a sério, enquanto outros simplesmente se entregam ao fetiche de Marx¹⁹¹ e caem em agonia. Sintomaticamente, como analisa a psicanalista Maria Rita Kehl, a depressão é o atual estado da sociedade capitalista. Há um equilíbrio? Pois bem que há. Ele consiste, pelo menos como se desenha, em compreender a falsa ilusão da felicidade eterna, mas nem por isso vale ficar de cama choramingando o dia inteiro. Já que tudo está(rá) perdido, o melhor a se fazer é uma piada.

A importância desses registros vai de encontro com algo --uma essência ou sabotagem?-- que constitui a cultura brasileira. O jornalista Ivan Lessa, um observador especial do cotidiano, e que viveu os Anos Dourados da década de 60, aforisma que *de 15 em 15 anos, o Brasil esquece do que aconteceu nos últimos 15 anos*.

No curto espaço de tempo de pouco mais de um século, é notável distinguir na mídia brasileira as diversas manifestações que o riso pode provocar. Com isso, cabe a já um tanto popular ideia de que o exímio do suposto hoje foi construído ao longo de muitos ontens. O mesmo vale para o

¹⁸⁹ (Idem, p.11).

¹⁹⁰ A frase é de autoria do professor Cláudio Moraes.

¹⁹¹ Como destaca Grespan (2008), “mal percebido pelos primeiros adeptos e intérpretes de seu pensamento, mesmo depois é muitas vezes referido como fetichismo apenas da mercadoria, quando de fato diz até mais respeito a formas sociais de maior complexidade, como o dinheiro e o capital.”

riso, não em busca da piada perfeita, mas no amplo sentido de luta, resistência e força conquistada com o passar.

A imprensa no Brasil

No Brasil, a imprensa estreou seus trabalhos com relativo atraso em comparação ao Velho Mundo (dado que a impressão de massa consta desde 1440, com Gutemberg, e o país só começou a tê-lo com a descoberta em 1500. Na Europa, a Alemanha iniciou em 1450 sua expansão da tipografia). O início das atividades foi em 1808, quando dois fatos capitais marcaram a data na história brasileira: o lançamento, em 1º de junho, do *Correio Braziliense*, em Londres; e a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro.

Uma curiosidade sobre o primeiro. Segundo o historiador Nelson Werneck Sodré (1983), ele era produzido em território inglês, mas destinado ao público brasileiro. Seu conteúdo? Alfinetar a Coroa Portuguesa, que como se sabe, só largou o osso (ou mais formalmente dizendo, o poder sobre estas terras tupiniquins) em 1822, depois de muita luta.

O segundo era visivelmente o oposto. Pioneiro na atividade no Brasil, publicava pequenas notas afagando egos da Coroa e de seus adeptos, como chamadas de aniversários; a respeito do estado de saúde de determinadas “personalidades” e pequenas fofocas sobre nobres europeus. Ainda de acordo com o Sodré, o jornal era financiado pela Corte e seu conteúdo sofria a censura de dois nobres.

Vale chamar a atenção do leitor para estas informações. Nota-se, então, que desde que o mundo é mundo, há sempre os dois lados da informação, como foi discutido no segundo capítulo: a informação da ditadura e a informação da denúncia (quase sempre com humor.)

Até 1821, o cenário seguiu o mesmo. Foi apenas em 1822 que surgiu mais uma opção para o público: o *Conciliador do Reino Unido*, que teve apenas e nem tão representativas sete edições. Apesar da pífia tentativa, até 1840, quando foi declarada a maioridade de D. Pedro II, a imprensa não conseguiu se posicionar como “forma de poder” (isto ainda demoraria muito a acontecer), e pelas ruas e olhos do povo circulavam panfletos e jornais que

proliferavam a disputa política da época, o que revelava uma primeira postura (mesmo que tímida) mais firme e enérgica da imprensa brasileira.

*A campanha dos jornais brasileiros contra as medidas das Cortes foi a primeira grande ação da imprensa brasileira. Ela uniria inicialmente todas as tendências e seria particularmente intensa entre o final de 1821 e o final de 1822.*¹⁹²

Ao longo do Segundo Reinado (1840-1889), o desenvolvimento da imprensa brasileira foi dificultado por aspectos sociais (a sociedade ainda vivia no antagonismo citado por Marx, de escravo e senhores de terra). Além de 90 % da população viver em áreas rurais (o que, naturalmente, dificultava demais a obtenção de informações e mesmo a distribuição), o mais grave é que 85% da população era analfabeta (e nessa porcentagem, contam-se também parte dos proprietários de terra).

Mesmo com os baixos números, algumas pérolas do jornalismo circularam e provocaram risos aos (poucos) que entenderam as denúncias contra a Coroa e outras direcionadas (às vezes, de maneira bem agressiva) a D. Pedro II que, contudo, jamais admitiu a censura. Diz a primeira página da *Revista ilustrada*, que circulou em 1887, com uma caricatura do próprio cochilando em sua cadeira: “*El Rey, nosso Senhor, e amo, dorme o sono da indiferença. Os jornais que diariamente trazem os desmandos desta situação parecem produzir em Sua Majestade o efeito de um narcótico*”.

Como informam os dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ), o número de títulos diminuiu em um primeiro momento, mas as tiragens e as edições aumentaram. Porém, na segunda metade do século XIX, houve uma intensificação do desenvolvimento dos jornais, quando as publicações mudaram seu formato – deixando de ser publicados em tamanho pequeno e incorporando o prelo mais moderno – e instalaram-se em prédios construídos especialmente para suas empresas. A maioria dos diários fundados na primeira parte do século, porém, deixaram de circular.

¹⁹² (LUSTOSA, 2000, p. 134).

Na segunda metade do século XIX, o Brasil finalmente esboçou ordens de progresso, e entrou na era das ferrovias e das telecomunicações. Entre 1854 e 1889, foram construídos cerca de nove mil quilômetros de estradas de ferro, a maior quilometragem da América do Sul. Como consequência, a distribuição de jornais foi imensamente facilitada, especialmente em regiões de maior população e com mais intensa atividade econômica. Além disso, as linhas telegráficas --o telégrafo elétrico foi introduzido no Brasil em 1852 --proporcionavam mais rapidez no fluxo de informações às redações.

No início do século XX (também conhecida como Era Republicana), novas e simbólicas transformações abalaram e ditaram os novos rumos na imprensa: surgiu a empresa jornalística em substituição aos pequenos jornais. De acordo com a ANJ, do ponto de vista institucional, a primeira consequência foi uma volta aos tempos de cerceamento da liberdade e dos atos de violência, no início sobretudo contra os poucos jornais que se mantinham monarquistas, por parte de agentes e simpatizantes do governo.

Não foram atos isolados de indivíduos exaltados, mas reflexos do clima de “caça às bruxas” estabelecido pelo Governo Provisório (do qual faziam parte os jornalistas Quintino Bocaiúva e Aristides Lobo, que haviam pregado a causa republicana sem constrangimentos) ao baixar o Decreto 85, de 23 de dezembro de 1889, pelo qual “os indivíduos que conspirarem contra a República e o seu governo: que aconselharem ou pro- moverem por palavras escritos ou atos a revolta civil ou a indisciplina militar... serão julgados por uma comissão militar... e punidos com as penas militares de sedição.”¹⁹³

O clima na época de transformação social e político era marcado por revoltas civis e militares, com prolongados estados de sítio e medidas de repressão às liberdades, principalmente ao que dizia respeito à imprensa. As

¹⁹³ (ANJ, Imprensa brasileira – dois séculos de história).

vozes caladas eram de uma parte de movimentos operários e anarquistas e outros as de inimigos partidários. *“E, além da repressão, não foram poucos os casos em que recursos públicos foram utilizados para corromper jornais e jornalistas, em especial sob o governo Campos Salles.”*

Na década de 20, o rádio impôs o primeiro grande desafio tecnológico aos jornais impressos, por sua agilidade e custo. Contudo, a ameaça distanciou-se quando as emissoras optaram num primeiro momento a pautar-se com programas de entretenimento (e como era novidade, o acesso ao aparelho de rádio nas residências era muito limitado). Ao mesmo tempo, as redações jornalísticas dos principais diários do país ganharam um reforço: as máquinas de escrever e linotipos, que garantiram o aumento das tiragens e a melhor qualidade de impressão.

Com ambas as frentes se modernizando, as redações e os setores administrativos, a mídia impressa passou a apresentar uma estrutura empresarial, tornando-se, então, “jornais empresas”, uma concepção mais próxima do que se está acostumado atualmente.

Nessa nova etapa, as relações com o anunciante se aproximaram, e a publicidade instalou-se de vez nas diagramações e na maliciosa forma de oferecer desejo em um meio que deveria ser neutro; no campo da política, ao invés da divisão “a favor” ou “contra” o governo, o papel de colonistas e formadores de opinião começou a ganhar espaço, e as reportagens buscavam denunciar certas as ações suspeitas praticadas pelos políticos; do mesmo modo, com a ampla circulação e a melhoria no desenvolvimento educacional, os leitores passam a acompanhar com mais atenção aos fatos noticiados.

(...) se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. Essa transição começara antes do fim do século e está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí

*por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades.*¹⁹⁴

Entre o período em que estoura a Revolução de 30 e o final do Estado Novo, em 45, a imprensa presenciou e passou por muitas mudanças, com destaque para o importante papel frente aos acontecimentos políticos. Com a criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, os jornais passaram a sofrer censura o que resultou na extinção de diversas publicações. Não por acaso, informa a ANJ, a entrada em cena do DIP e a exigência de autorização para a circulação de publicações, estabelecida pouco depois pelo Decreto 1.949, de 30 de dezembro de 1939, significou o veto ao registro de 420 jornais e 346 revistas.

*A partir do golpe de estado de 1937, porém, o espaço para o exercício da liberdade de imprensa virtualmente desapareceu e até mesmo as diferenças políticas regionais foram sufocadas. O peso do Estado fez-se crescente sobre os jornais com base numa Carta constitucional outorgada no mesmo ano, que tornava a imprensa um serviço público e como tal sujeita ao controle estatal. Em 1939, o governo reformulou seu organismo de propaganda criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), pelo decreto-lei no 1915, em 27 de dezembro, com as atribuições de censurar toda a produção jornalística, cultural e de entretenimento, produzir conteúdos e controlar o abastecimento de papel.*¹⁹⁵

Na visão do historiador Boris Fausto (2002), o DIP exerceu funções bastante extremadas, proibindo a entrada no país de publicações nocivas aos interesses brasileiros, além de conseguir “convencer” a imprensa estrangeira a evitar divulgar “informações nocivas ao crédito e à cultura do país.”

¹⁹⁴ (SODRÉ, 1983, p.275).

¹⁹⁵ (Idem).

Com o fim do Estado Novo (ocorrido com o suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954), o Brasil viveu uma época de abalos emocionais mais contidos. Ao contrário do ditador do povo, o povo teve como seu principal personagem um político carismático e que prometia, de fato, revolucionar o país, mas não com armas e repressão, mas sim investindo em sonhos. Foi a política e as ações de Juscelino Kubitschek que mudaram os ânimos do povo e agraciou a imprensa com fofocas menores ao contrário de manchetes subversivas e de ataque.

Assim como o rádio chegou para fazer sombra aos jornais, a televisão também foi outro meio que chegou fazendo barulho e criando frios na barriga. Contudo, a dificuldade financeira para adquirir os aparelhos era tão mais alta quanto foram os rádios, logo, demorou para o jornalismo de TV dominar a faixa das oito (ou nove) da noite.

No amanhecer do primeiro de abril de 1964, a imprensa começaria a enfrentar uma de suas fases mais negras. A ditadura militar começava um ciclo de terror e repressão que iria se agravar em 68, com a declaração do Ato Institucional n. 5, quando a violência física e psicológica alcançou níveis absurdos. Como destaca a ANJ, o movimento político-militar “foi apoiado por amplas parcelas da população e pela maioria dos detentores de cargos eletivos. Teve, também, o respaldo editorial da quase totalidade dos jornais brasileiros.”

Foi somente em 1974 que o então comandante Ernesto Geisel anunciou uma suave e gradual abertura política e, conseqüentemente, de liberdade de expressão. Nesse momento, depois de tantos anos de ditadura, a imprensa e a sociedade já cansados do suposto governo começaram a opinar com mais força exigindo mudanças e um passo certo para a redemocratização.

O final do século XX, especialmente a partir da redemocratização, na década de 80, intensificou a concorrência entre os diferentes meios de comunicação. O grande fato político foi o governo de Fernando Collor de Melo. Um vexame nacional, o presidente era visto como um herói salvador e uma figura respeitada para fazer esquecer os tempos negros.

Contudo, o marajá de Alagoas, em pouco tempo, viu seus planos econômicos jogarem o Brasil em uma inflação surreal. O Plano Collor, que grosso modo, confiscou os bens e economias de todos os brasileiros, foi um desastre absurdo, e é hoje alvo de piadas de alguns jornalistas políticos, que chistosamente o comparam ao desastre do *World Trade Center*, pois todos se lembram onde estavam, o que faziam e o que os esperava quando o plano foi lançado.

À base dos fatos, a imprensa atuava livre e sem amarras. Tanto que os golpes finais, por assim dizer, no governo de Collor, foram as reportagens de denúncia à corrupção de PC Farias, e a entrevista à *Veja*, de Pedro Collor, irmão do presidente, denunciando seus esquemas. O povo foi às ruas na famosa manifestação dos “caras pintadas”, e o *impeachment* atendeu, pela primeira vez após anos de ditadura, a voz do povo.

Durante os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, a imprensa virou o jogo e começou ela a construir a nova ditadura da notícia. As mídias eram livres para dizer o que quisessem, mas desde que lhes interessasse de alguma maneira¹⁹⁶.

Desde então, a censura não atuou mais na história da imprensa brasileira, somente em casos muito particulares, como a proibição de acesso pela imprensa a certos documentos públicos, e pelo outro lado, o exemplo -- entre alguns outros--, de quando o jornal *Estado de S.Paulo*, em 2009, foi proibido de veicular reportagens sobre a operação da Polícia Federal que investigava o empresário Fernando Sarney, filho de José Sarney. Em tempo, no ano de 2011, a ANJ divulgou um documento que alarmava para o fato de uma liminar que proibiu 84 meios de comunicação de divulgarem informações a respeito de uma investigação envolvendo o então governador do Estado e candidato à reeleição Carlos Henrique Amorim (PMDB), além da proibição à revista *Caras*, obrigada a publicar tarjas pretas, na edição que tratava do suicídio da modelo e atriz Cibele Dorsa.

¹⁹⁶ O assunto da imparcialidade e das “imprensas-empresas” foi debatido no segundo capítulo deste trabalho.

O século XXI já oferece novas possibilidades às pessoas: jornais, revistas, rádio, televisão, internet, celular, entre outros. A imprensa é cada vez mais multimídia, com impressos criando sites e veiculando produções de vídeo para manter fiel o público seguindo as tendências que não param de surgir.

Mídia politicamente incorreta

Diante de uma história política tão fechada e com pouco período de tempo para a imprensa sair dos moldes politicamente corretos, é natural nos apegarmos aos poucos que tentaram ultrapassar barreiras e testar fórmulas novas, como o próprio humor na mídia mostraria ser. Por conta disso, nostálgicos como os homens são, fica sempre um tanto complicado nomear qual época foi mais engraçada do que a outra. A comparação não serve para apontar o comediante mais bem sucedido ou mesmo os trocadilhos infames.

Pelo contrário, compreender os estados de cada época diz muito a respeito da sociedade, sua política e cultura. O cronista Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, em prefácio a edição do *Almanhaque para 1949*, sugere que não com certeza, mas o Brasil talvez já tenha sido mais engraçado. De sua percepção, o país lhe parecia sem graça dado o espírito conservador e politicamente correto que predominava:

Sei não, mas acho que o Brasil já foi mais engraçado. Não que fosse mais fácil fazer graça nos tempos do Barão. Pelo contrário: era mais arriscado. Podia até dar cadeia, como o Barão literalmente cansou de saber. Mas mesmo arriscando-se a ter que pagar caro pela piada –ou, pior, ter que explicá-la- o Barão também sabia que ela ia ser repetida por todo o país e provocar boas gargalhadas. É isso: as pessoas davam boas gargalhadas. Quando foi a última vez que você viu alguém dar boas gargalhadas de alguma coisa que viu na imprensa? Gargalhadas talvez, BOAS gargalhadas nunca mais. Hoje, quando o humor é de propósito, provoca sorrisos amargos e comentários do tipo “É isso mesmo” ou “Boa sacada”. Quando o

*humor é inconsciente, mais um exemplo do absurdo e da falta de caráter nacionais, só provoca tristeza. Na boa gargalhada havia a esperança de que as coisas, de tão ridicularizadas, acabariam mudando. No riso amargo só há resignação. Lembrar o Barão de Itararé é lembrar tempo das boas gargalhadas.*¹⁹⁷

O Brasil pode ter sido mais engraçado, original, como sugere Veríssimo, mas é importante observar o cenário atual para perceber como os ditos espirituosos estão em evidência, seja ainda timidamente na imprensa, ou com mais forças nas manifestações artísticas e na publicidade (que descobriu, como não, outro filão para fetichizar seus produtos).

De gerações diferentes que já se consagraram outros exemplos entre jornalistas, escritores e cartunistas, comprovam como o humor sempre teve representantes: Arthur de Azevedo, José do Patrocínio, Bastos Tigre, Emílio de Menezes, Lamartine Babo, Adoniran Barbosa, Stanislaw Ponte-Preta, Chico Anysio, Veríssimo(s), Ruy Catro, Laerte, Caruso(s), Xico Sá, Roberto Torero, e por aí vai.

A revista *piauí* deu um verdadeiro chacoalhão no cenário midiático, provocando o leitor a pensar com suas chistosas provocações, enquanto que os programas televisivos *Pânico na TV* (ex-Rede TV!, e agora na Bandeirantes) e *CQC* (Rede Bandeirantes), sendo este último, comandado pelo multicultural Marcelo Tas, também ditam as novos ápices de audiência.

Marcelo Tas, vale mencionar, tem ampla atuação no campo humor-político. É de sua autoria o personagem Ernesto Varela, um repórter televisivo fanfarrão que fazia perguntas maliciosas às diferentes personalidades do mundo político e social em tempos de abertura política, conseguindo-o humilhá-las e constrangê-las sem que, em muitas vezes, elas percebessem isso.

Voltando ao campo do impresso, de uma espiral que parece ignorar o tempo, o que os jornais do Barão, da turma do *Pasquim* e a revista *Piauí* se assemelham é a possibilidade da palavra proibida aparecer, de denunciar

¹⁹⁷ (Almanhaque para 1949, *ITARARÉ, Barão de*, 2003, Edusp, prefácio de Luís Fernando Veríssimo)

comportamentos que não dizem respeito à ética que a profissão de determinados poderosos mantinham para com seu povo.

*(...) a esse impulso essencialmente jornalístico, somava-se o apelo geral revolucionário das gerações dos anos 60 e 70, fazendo dos jornais alternativos, primeiro, instrumentos de resistência ou de uma revolução supostamente em marcha, depois, numa segunda fase, derrotado esse apelo, caminho de trânsito da política clandestina para a política de espaço público durante o período de abertura*¹⁹⁸

A princípio, os três impressos caminharam no sentido oposto da conhecida comunicação de massa, que produzia puro entretenimento e noticiavam “fatos” amistosos, amigáveis ou coerentes ao que se esperava por parte dos poderes. As atuações dos escritos estavam muito mais para panfletos de oposição, que denunciavam abertamente (e ainda, no caso da *Piauí*) as injustiças e palhaçadas de seu tempo. É o que se comumente chama de “imprensa alternativa”.

Especificando sobre a origem da imprensa alternativa durante a ditadura militar de 64, a explicação de Bernardo Kucinski (1991) se assemelha ao cenário visto nos anos do Estado Novo de Vargas.

Para o autor, em contraste com a complacência da grande imprensa para com a ditadura militar (e aqui, relembremos a mesma passividade durante o governo Vargas, os jornais alternativos denunciavam sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. O denominador comum desse órgãos era opor-se, por princípio, ao discurso oficial.

Kucinski explica que o *Pasquim* sofreu, em sua criação ideológica, enorme influência de intelectuais europeus que apresentavam uma nova forma de ver o mundo e a sociedade, como foi no caso da França de 68. *“Havia, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do*

¹⁹⁸ (Kucinski, 1991, p. 25).

*nacional e do popular dos anos 50 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos 60.*¹⁹⁹

A outra classe de jornais, informa o autor, foi criada por jornalistas que passaram a rejeitar a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, tinham suas raízes nos movimentos de contra-cultura norte-americanos e, através deles, no orientalismo, no anarquismo e no existencialismo de Jean Paul Sartre. Investiam principalmente contra o autoritarismo na defesa dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média.

Dessa análise, facilmente entendemos, então, que críticas construídas por meios das anedotas do Barão de Itararé, eram de total influência às suas ideologias comunistas que se destacavam na União Soviética e depois na China.

Outro ponto destacado por Kucinski nos tempos de *Pasquim* e que podem ser também encontrados nas outras duas mídias, é o moralismo, hipocrisia e, às vezes, passividade, das classes médias.

Do mesmo modo, as cabeças que pensam a revista *piauí* demonstram suas influências, mas nesses tempos, não apenas políticas e sem os radicalismos de esquerda e direita que antes predominavam. A favor da democracia, ética e do jornalismo inteligente, denunciavam as paspalhadas de governos, mas apenas quando possuem informações para provar os fatos. Do mesmo modo, contam histórias de pessoas de todos os tipos, classes e realidades. É uma revista que provoca, que faz o leitor pensar. Tão logo, não deixa de ser um veículo para elites. Elites que tiveram a oportunidade do conhecimento e educação e fizeram algo com isso, e não elites apenas endinheiradas e que são fúteis.

É claro que deve ser levado em conta cada período dos veículos para serem compreendidas suas liberdades e consequências, como é o caso dos extremos *Pasquim* e *Piauí*, sendo que o primeiro era julgado por um órgão de fiscalização especializado por autorizar ou não a publicação dos textos e charges (e isso, como veremos adiante, foi a grande inspiração para o humor entrar de vez em cena na época), enquanto a revista atua desde sua criação

¹⁹⁹ (Idem, p.14).

em uma democracia livre onde a imprensa tem total liberdade para se pronunciar.

Se para alguns críticos da imprensa possa ser um equívoco associar a *Piauí* às mídias alternativas, pelo menos aqui neste espaço a discussão em nada irá acrescentar. Que assim seja. Utilizamos o termo para exemplificar o jornalismo diferente que ela propicia. Mesmo sendo mensal, ela não se encaixa ao perfil das outras mensais, que são em sua grande maioria temáticas. Do mesmo modo, por tratar de assuntos diversos, ela estaria mais próxima às semanais tradicionais, como *Veja* e *Época*, contudo, como veremos adiante, ela foge do padrão desde a parte gráfica até a seleção de notícias a serem divulgadas e comentadas e o tipo de texto empregado.

O curioso, contudo, é notar momentos de limite e transição dos veículos. Pois, surgidos com a tarefa de desempenharem a voz oposta e contrária da mídia de massa, em determinados períodos, tamanha a infelicidade e esgotamento da tolerância da sociedade, estes ganharam força e público, alcançando média de leitores positiva a cada nova edição.

De certo modo, tornaram-se veículos de massa (com suas guardadas proporções), conquistando público fiel e receptivo a ouvir novas ideias e pontos de vista, conseguindo manter seu conteúdo original e contestador.

A seguir, apresentaremos o perfil de três veículos de comunicação que, em diferentes épocas, exerceram um jornalismo diferente, longe da informação de massa, que ousou fugir dos padrões e desafiar autoridades com muita inteligência e humor. Alternativos? Pelo menos de espírito, por assim dizer. Fugindo do lugar comum que as massas estavam acostumadas, mostraram um outro ponto de vista.

Barão de Itararé: entre sem bater

O Barão de Itararé, em sua origem, é Apparicio Torelly, Apporelly, para alguns. Nasceu em Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul no dia 29 de janeiro de 1895, e desde criança dava seus indícios de que era, mais do que um humorista, um contestador nato. Aos nove anos, o garoto foi internado num colégio dirigido por jesuítas alemães. Apesar do ambiente repressivo, aos 14 elaborou seu primeiro jornal, o *Campim Seco*, como forma de protesto

e gozação ao ambiente rígido e a disciplina dos padres jesuítas de São Leopoldo.

Como relembra o jornalista Mouzar Benedito (2007), um dos biógrafos do Barão de Itararé, o jornal, todo feito a mão, teve tiragem de um exemplar. E entre os artigos gozadores ali reunidos, havia o poema intitulado *O caroço*, que fora ilustrado por um colega do jovem Apporelly. Acontece que a ilustração era uma cobra de batina, e o padre reitor tinha o apelido de Jararaca. Resultado: o jornal foi apreendido e saiu de circulação.

Na juventude, pensou inicialmente em ser advogado, mas chegou a cursar Medicina, mesmo não comparecendo em muitas das aulas, por suposta influência do pai, que lhe aconselhou: *“Meu filho, para que um advogado tenha boa clientela é preciso muito talento. A um medico, basta assinar receitas e atestados de óbito.”*²⁰⁰

Sua fama de gozador manteve-se na faculdade, quando em certa aula o professor, com um osso na mão, lhe perguntou se o conhecia: “O senhor sabe o que é isso?”. Apporelly respondeu que não. “Então deixe que lhe apresente: é um fêmur”, disse o professor. Apporelly pegou uma ponta do osso como se fosse a mão de uma pessoa e disse: “Muito prazer.”

Com tanta originalidade e senso de humor, não tardou muito para iniciar sua colaboração na imprensa como redator. Começou no jornal *Última Hora*, de Porto Alegre, e em algumas revistas de pouca expressão, como *A Máscara* e *Kodak*. De suas idas e vindas, naquele começo do século 20, com a sociedade de opinião muito rígida e conservadora, quanto mais *nonsense* fosse a piada, melhor seria sua catarse. Com isso derrubou prefeitos e provocou muitos desafetos.

Entre tantos problemas desse calibre, foi indicado a procurar por regiões de clima mais quente devido a um problema de saúde, a hemiplegia que invariavelmente o atacava provocando a paralisia de metade de seu corpo. O Rio de Janeiro, então Capital do Brasil, foi seu destino. Logo quando chegou, perdeu todo o dinheiro que possuía na jogatina. A solução foi

²⁰⁰ (BENEDITO, Mouzar, Barão de Itararé: herói de três séculos, 2007, p.17).

arrumar um emprego, e percebeu na imprensa um lugar para usar sua originalidade e imaginação. Na porta do jornal *O Globo*, dirigido por Irineu Marinho, foi tentar a sorte.

*“O que você sabe fazer numa redação?”, perguntou o diretor do jornal. E ele respondeu: “Tudo. Desde varredor até diretor. Aliás, acho que não há muita diferença.” Ganhou o emprego.*²⁰¹

Logo em seguida, foi convidado a trabalhar no conceituado diário *A Manhã*, de Mário Rodrigues (pai de Nelson Rodrigues). Lá, seu trabalho intelectual seria voltado para produzir uma coluna chamada *Amanhã tem mais*.

No ano seguinte, em 1926, fez a primeira incursão com o *A Manhã*, seu panfleto alternativo que fazia o jogo de palavras com o jornal que acabara de pedir demissão. Logo abaixo do título, podia-se ler ainda “órgão de ataque... de risos” e o aforismo “quem não chora não mama”. O expediente também fazia piada: “Não tem. Jornal sério não vive de expediente.”

Aliás, o único nome que merece ser destacado ao lado de Apporelly é o do cartunista e chargista paraguaio Andrés Guevara, que com traços irreverentes e humor afiado o acompanhou com seu sarcasmo por muito tempo. Suas caricaturas abusavam de olhos arregalados, narizes enormes e caretas insórdidas, com frases curtas e certeiras que cutucavam os poderosos. Guevara também fez muito uso de fotomontagens ousadas e originais, tendo, muitas vezes, o próprio Barão como personagem das anedotas visuais.

A linha editorial de *A Manhã* pode ser definida como gozadora. Artigos malucos e *nonsense* inventavam histórias com personagens baseados em políticos reais. Apporelly fazia trocadilho com os nomes de suas vítimas e escrevia anedotas sobre elas até não poder mais (no caso, ser preso. Mas depois de solto, ele começava tudo de novo).

Para Saliba (2002), o Barão representava a síntese dos procedimentos

²⁰¹ (Idem, p.23,24).

humorísticos desenvolvidos pelos humoristas brasileiros da Belle Époque.

A habilidade verbal de humoristas como Bastos Tigres e Emílio de Menezes, associada à capacidade – notável em Juó Bananére e em muitos de seus confrades – de exprimir a instabilidade, a mistura e o hibridismo linguístico, encontrará o seu momento de síntese com a produção humorística de Aparício Torelly. A utilização do procedimento do soneto-piada, que consistia na contraposição rápida de dois contextos associativos, na antítese entre forma elevada e conteúdo canhestro e na hábil estratégia paródica, é um recurso que pode ser observado nas primeiras publicações de Aporelly entre os anos de 1926 e 1933.²⁰²

Em suas páginas, o biógrafo Benedito aponta que o presidente Washington Luís virou Vaz Antão Luiz, “assinando” colunas de besteiro, enquanto o ministro Félix Pacheco, que tinha uma cara triste e usava botas sempre bem engraxadas, foi chamado de Infélix Pé Chic. Outro meio pelo qual Apporelly exercitava seu humor eram nas matérias e poesias “com sotaque” alemão, italiano e português. Como sua ironia nunca vinha de graça, aproveitava esse espaço para criticar leis que atrapalhavam a vida de imigrantes ou mesmo alertar sobre algum tipo de comportamento nem tão usual.

Durante esse ano de 26, a política no Brasil começava a passar por uma grande transformação. O paulista Washington Luís assumia a presidência do país, sendo o candidato eleito da política de boa vizinhança conhecida como “café com leite”, onde havia o revezamento de líderes dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O ambiente político era de endividamento externo e interno, dado também em boa parte com a crise mundial que a primeira guerra mundial (1914-1918) havia instaurado.

Como destaca a biografia *Chatô, o rei do Brasil* (1994), de Fernando

²⁰² (Saliba, Elias, Raízes do riso, 2002, p. 229).

Morais, o comportamento dos jornais diários na época era de descontentamento com as alianças do governo, e inimigos assumidos assumiam postos lado a lado para manifestar seu descontentamento.

Neste cenário, um inesperado reforço à Aliança Liberal --surgida em oposição à política do “café com leite” e a indicação do também paulista Júlio Prestes, na sucessão do então presidente Washington Luís-- foram as colunas hilárias de Apporelly, que atacava Prestes e seus comparsas.

*Para se ter uma ideia do fervor cívico que levantou por toda a parte o nome do sr. Júlio Coluna Prestes, basta dizer que até os loucos do Juqueri não escaparam à qualificação. Segundo fontes fidedignas, podemos asseverar que os dementes foram fotografados em grupos, para fins eleitorais, e enviados ao Comitê Silvio de Campos pró-Júlio Prestes.*²⁰³

Em 1929, Apporelly fechou *A Manhã* e passou a publicá-lo semanalmente como encarte do *Diário da Noite*, do Rio, de Assis Chateaubriand. A experiência foi muito lucrativa para o Chatô, que viu o número da tiragem dobrar e continuar subindo a cada dia, alcançando a impressionante tiragem de mais de 120 mil exemplares diários até o final do ano.

Na mudança de ares de Apporelly, o Brasil também mudava. Em meio às fraudes políticas que elegeram, afinal, Prestes ao poder (vencendo Getúlio Vargas), os jornais de Chatô e a Aliança começavam a urrar seus gritos de insatisfação, partindo para as vias de fato no que culminou na conhecida Revolução de 1930.

O indicado da maioria das máquinas estaduais foi Júlio Prestes, governador de São Paulo, o mesmo estado do então mandatário Washigton Luís. Isso era significativo porque as rivalidades entre estados eram intensas, colocando São Paulo

²⁰³(MORAIS, Fernando, Chatô, 1994, p. 209).

contra os importantes estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul e o pequeno estado da Paraíba. A oposição à chapa oficial formou a Aliança Liberal, que indicou Getúlio Vargas, ex-ministro das Finanças federal e então governador do Rio Grande do Sul, para presidente (...) Muitos na oposição declaram o resultado fradulento, mas Getúlio deicidiu que carecia de poder para contestar com êxito a eleição, mudando de ideia quando João Pessoa, seu candidato a vice-presidente, foi assassinado. Mesmo considerando-se que sua morte foi decorrência de um envolvimento romântico mesclado à política local, tratava-se do choque necessário para mobilizar a oposição para pegar em armas.²⁰⁴

De acordo com Skidmore, a vitória de Getúlio havia sido obra de uma complexa coalizão, que unia simpatia de líderes estaduais, o surgimento do Partido Democrático de São Paulo (1926), a revolta de tenentes contra autoridades civis e militares, a insatisfação de cafeicultores (muitos deles filiados ao Partido Democrático) e ao *crash* de 1929 que exigiu de países do mundo inteiro fortalecimentos dos governos para superar e não se afundar mais nos danos.

Segundo Sodré²⁰⁵, a revolução de 1930 fora largo estuário em que desaguaram componentes e afluentes diversos: se, antes, fora muito difícil assegurar um mínimo de unidade da ampla frente que lutava pela derrocada da situação vigente, agora, depois do triunfo, as dificuldades cresceriam extraordinariamente.

Embora a revolução trouxesse, entre os seus componentes, particularmente entre os militares, elementos novos, ansiosos por colocar em termos justos a chamada questão social – qualificada como simples ‘caso de polícia’ pela situação vencida, a verdade é que tomou, desde logo, da parte de seus mais destacados responsáveis, atitude antioperária ostensiva.

O cenário foi, assim, uma etapa do desenvolvimento da revolução burguesa em nosso país. A luta que ocorreu, após a vitória, entre os

²⁰⁴ (SKIDMORE, Thomas, 1998, Uma história do Brasil, p. 153, 154).

²⁰⁵ (SODRÉ, 1979, p.239).

elementos militares e mais avançados, ansiosos por reformas, e os elementos políticos e mais recuados, desejosos por assegurar o mínimo de alterações, resultaria numa derrota para os primeiros, porque, sem apoio em amplas massas e, particularmente no movimento operário, o Tenentismo²⁰⁶ esgotara as suas possibilidades.

A Revolução de 1930 permitiu à burguesia ascensional, num primeiro lance, e com apoio do Tenentismo, apoderar-se do Estado, utilizando-o em seguida para realizar as alterações que a interessavam, vigilante para não aprofundá-las. Na medida em que o Tenentismo representava o sentido de aprofundamento, foi alijado da composição, voltando-se a burguesia para o latifúndio e apoiando-se nele para deter as novas forças que emergiam no cenário nacional, as forças populares, com o proletariado à frente.

A agitação, entretanto, ganhara camadas da sociedade até aí inatingidas pelas questões políticas ou desprovidas de condições para participar das lutas que em torno delas se levantavam. Entre elas, o proletariado, que ingressava agora, e de forma ativa e relativamente organizada, nas lutas que se sucediam, assustando profundamente a burguesia e ainda mais o latifúndio e o imperialismo. Uma grande curiosidade começava a difundir-se em torno dos problemas mais variados, encontrando possibilidades de satisfação e de esclarecimento no clima de relativa liberdade que ainda existia. Sinais evidentes dessa curiosidade, da presença de forças populares nas manifestações, de interesse pela solução de velhos problemas nacionais, repontam a cada momento. No terreno cultural, eles são evidentes. (...) Mas ainda no campo da luta ideológica, verifica-se o enorme número de livros traduzidos e a predominância dos ensaios de interpretação e dos livros de doutrinação política. Tal situação, como era natural, não passou despercebida à burguesia e alarmou as forças mais retrógrads.

²⁰⁶ Nome dado ao movimento dos militares durante a República Velha. Entre os episódios mais famosos dos tenentistas, destaca-se o episódio dos “18 do Forte de Copacabana”, ocorrido em 22, dada a insatisfação à vitória eleitoral das oligarquias.

*Ler, para elas, sempre representou algo subversivo.*²⁰⁷

Quanto à situação de Apporelly no novo cenário político brasileiro, ele não se aguentou e após um ano, em 1930, largou sua parceria com Chatô e voltou a publicar seu “filhote” de forma autônoma e independente. As esperanças depositadas pelas camadas populares na Revolução de 1930 vinham sendo frustradas: a caminhada para a ditadura de fato era inevitável e constituía, naquela fase, a necessidade da burguesia.

Nobreza pela linguagem

O codinome “Barão de Itararé”, autoadquirido por Apporelly, surge com a Revolução de 1930, encabeçada por Getúlio Vargas. Com a insatisfação da Aliança Liberal em aceitar a vitória de Júlio Prestes na eleição para presidente, esperava-se em muitas regiões do país o estouro de uma guerra civil. Os descontentes e irritados gaúchos, que se dirigiam até o Rio de Janeiro (então capital federal) em marcha, teriam que passar por São Paulo, e esperavam encontrar lá forte resistência. Correu o boato que violenta força militar esperava a trupe na cidade de Itararé, que encontra-se na divisa com o estado do Paraná. O fato é que a tal luta sangrenta não chegou a acontecer, nem de longe.

Com esse fulo e hilário episódio da guerra que não se guerreou, e um tanto influenciado pelas honrarias tão admiradas pelos militares, Apporelly decidiu (já que ninguém fazia isso por ele), se autoconceder justas homenagens de batalha conquistadas no campo das palavras. A forma pela qual os títulos militares são alcançados (na teoria, os títulos de nobreza são conquistados nos campos de batalha, durante as ações heróicas e prestativas de cada indivíduo, mas no Brasil era mais compensador comprar o prenome), o humorista achou justo intitular-se “Duque de Itararé”, ao cabo que, semanas depois, rebaixou-se a “Barão de Itararé”:

Assim, Apporelly inventou que havia se destacado na Batalha de Itararé, a batalha que não houve (ele comprou uns uniformes

²⁰⁷ (Idem, p.253).

velhos, até rasgados, da Guerra do Paraguai e fez fotos 'comprovando' sua participação nas lutas) e no ano seguinte se autoneomeou Duque de Itararé. Segundo *A Manhã*, essa concessão fazia justiça 'a uma personalidade de excepcional valor, que se distinguiu no campo de batalha.' Semanas depois, 'como prova de modéstia', Apporelly se auto-rebaixou para Barão de Itararé. Mas na verdade, o motivo era que Barão soava melhor do que Duque de Itararé e, além disso, havia o velho ditado, bem ao estilo dele, de que 'quem rouba pouco é ladrão, que rouba muito é barão.'"²⁰⁸

Além de Barão, talvez empolgado e emocionado com tamanho título, o humorista também noticiou n' *A Manhã* que havia tornado-se imperador da URSAS (União das Repúblicas Sociais da América do Sul), uma brincadeira com a simpática esquerda da URSS, atualmente centralizada como Rússia, e passou a divulgar os compromissos reais de vossa majestade, "Barão de Itararé, O Brando", que sem pensar muito soa como "obrando", que na época, entendia-se como "defecando".

Como confirma Benedito, "mesmo se auto-intitulando Barão, Apporelly continuou indo frequentemente parar na cadeia. Numa dessas vezes, em 1932, anunciou no seu jornal que as autoridades o mandaram tomar cuidado com sua "linguinha de prata."

Um rápido intervalo atravessou a distribuição d' *A Manhã*. Em tempos onde o integralismo (uma cópia dos grupos fascistas e nazistas) radicalizava nas ruas sem punição (principalmente contra os comunistas), o Barão criou o *Jornal do Povo*, em 1934.

Sua repercussão se deu, basicamente, por prometer contar em dez capítulos, a heróica história do marinheiro João Cândido, apelidado de "Almirante Negro", por ter desafiado e liderado a Marinha Brasileira por conta dos castigos corporais impostos aos tripulantes (o episódio também ganhou notoriedade posteriormente na música *O mestre sala dos mares*, de Aldir Blanc e João Bosco, na famosa interpretação de Elis Regina).

²⁰⁸ (BENEDITO, 2007, p. 30, 31).

No final das contas, o Barão só conseguiu publicar dois capítulos da narrativa (durante os dez dias de jornal). A Marinha estava numa confusão, e muito pressionada, ao mesmo tempo que prometeu melhorias para seus trabalhadores, por debaixo dos panos, outros agentes estavam mais simpáticos à toda ideia integralista espalhada por todos os cantos. Por isso, um grupo de oficiais sequestrou o Barão em Copacabana e o levaram até a estrada da Gávea, onde o espancaram, rasparam seu cabelo e o deixaram nu.

Benedito escreve que “o Barão voltou para a redação do jornal e colocou a famosa plaquinha na porta de sua sala: ‘Entre sem bater’.” Com o episódio, o jornal fechou, e o Barão, rapidamente recuperado, tornou a dedicar-se a imprimir *A Manhã*, mesmo que com uma série de interrupções, como a Intentona Comunista, ocorrida em 35. Por mais que o Barão não tivesse participado da revolta, era mais do que sabido que era um comunista e era afiliado à Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Como analisa Gaspari (2002), num país onde, normalmente, tantos crimes ficam impunes, a impunidade para os crimes do terrorismo era agora a norma estabelecida oficialmente. Estabelecia-se uma espécie nova de delinquência política, contra a qual todo o aparelho de Estado deveria lançar-se, resumindo em sua função policial. O nazismo em ascensão, e particularmente depois da derrota da República espanhola, servia, para o anticomunismo, com que encobria todas as violações de liberdade, às manobras do imperialismo²⁰⁹. Para isso, a mobilização da opinião deveria ser levada às últimas consequências, no sentido de colocar um estigma em quantos se propusessem defender aquelas liberdades e lutar contra o imperialismo, apontando-os como perigosos delinquentes, sobre os quais deveriam cair os rigores das leis excepcionais e a execração do julgamento público para isolá-los, aniquilando-os politicamente.

Como relatam Mendes André e Luis Papi,(2003), nessa prisão, o Barão foi companheiro de cela de Graciliano Ramos²¹⁰ num presídio do Rio

²⁰⁹ (GASPARI, Elio, 2002, p.268).

²¹⁰ Estes e outros acontecimentos podem ser lidos em *Memórias do Cárcere*, 1956, livro de memória do autor. A obra foi censurada durante o Estado Novo, e foi publicada postumamente, sem o último capítulo, nunca foi escrito. Em 1953, Nelson Pereira dos Santos transportou a história para o cinema.

de Janeiro, e também fez de sua situação algo cômico. Por estarem ambos os personagens em um local diferente dos demais detentos, já que encontravam-se doentes, tinham mais facilidade de acesso a algumas informações do que acontecia pelos muros à fora, e ao fim do dia, em alto e bom som, como se fizessem uma transmissão de rádio, narravam o resumo do dia para todos os demais companheiros.

Com a transformação contínua do Estado e os desejos de se proclamar uma ditadura, foi forjado por Getúlio Vargas e seus mandados um eminente perigo que resistências democráticas ainda representavam. O documento, que ficou conhecido como Plano Cohen, apurou informações restantes (obtidos por meio de tortura), verdadeiras e inventadas, para chegar-se à conclusão de que era necessário decretar estado de guerra, tamanhas eram as forças de resistência. *“Não houve, assim, a menor dificuldade, a 10 de novembro de 1937, quando o governo expeliu um esquadrão de polícia com a tarefa de fechar as duas casas do Congresso. Elas já estavam, para fins das liberdades públicas, fechadas de há muito.”*²¹¹

A partir de 37, com o Estado Novo já proclamado, o jornal do Barão vive poucos dias de brilho. A publicação perde força, seu criador passa por sérios problemas pessoais e a motivação e interesse da sociedade está voltado para o próprio umbigo. Sem dinheiro, consegue um último respiro para seu jornal. Associou-se ao jornalista Arnon de Mello (pai do, quem diria, Fernando Collor de Mello), e relançou *A Manhã*, desta vez, com a colaboração de intelectuais de respeito, como José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda e Rubem Braga.

Por mais que não tivesse a mesma força de antes, o Barão não perdoava e escrevia anedotas para tudo e todos. Nem Hitler ou Mussolini saíram ilesos de suas palavras de denúncia e crítica. Além de Getúlio, que *A Manhã* chamava de Gegê., também gostava de pegar no pé (e na perna inteira, sempre que possível), do odiado Filinto Müller, ex-chefe de polícia da ditadura que ordenou a extradição de Olga Benário²¹², mulher de Luiz Carlos

²¹¹ (GASPARI, 2002, p. 273).

²¹² *Olga* (1993), de Fernando Morais, conta a história de luta da mulher comunista e revolucionária que tornou-se heroína brasileira. A obra foi adaptada para os cinemas em 2004, por Jayme Monjardim.

Prestes, para um campo nazista na Alemanha, onde ela foi assassinada.

Em 1945, Vargas fora deposto por um golpe militar de cúpula (e se “autoexilou” no Rio Grande do Sul), ao preparar a redemocratização do país. As eleições deram vitória ao candidato Eurico Gaspar Dutra. Era o fim da conhecida Era Vargas, mas não o seu fim por todo. Ele ainda conseguiu retornar à presidência, por votos diretos, em 1951, na irônica sucessão a Dutra.

O período, contudo, era de muita pressão e exaltação por parte de políticos, militares e do povo. E em meio ao conturbado cenário, a polêmica figura do jornalista Carlos Lacerda provocou eventos catastróficos. Um plano tramado por Gregório Fortunato, chefe da guarda do presidente, tinha como propósito matar Lacerda. Este, no entanto, escapou do episódio, sendo o oficial Rubens Vaz a vítima do atentado. Quando descobriram que Gregório fora o responsável pelo ato, a pressão para Vargas renunciar chegou ao limite. Sem mais o que fazer, optou por suicidar-se naquele agosto de 1954, para, em suas palavras²¹³, sair a vida para entrar na história.

Nesse meio tempo de vacas magras, em 1946, o Barão dedicou-se à política a partir de um novo ponto de vista. Militante do Partido Comunista, foi eleito vereador com o lema “*Mais leite! Mais água! Mas menos água no leite*”, que denunciava fraudes da indústria leiteira. A experiência, contudo, não durou muito tempo, pois o Partido começou a ser caçado e entrou na ilegalidade.

Na última fase d’ *A Manhã*, o jornal perdura até 1948, encerrando um rico ciclo para a imprensa alternativa no Brasil. Entre idas e vindas, e foram muitas, o jornal acabou, voltou, virou caderno e, por fim, deu vida ao “*Almanhaque para 1949*”, onde reúne material antigo e inéditos. Sucesso estrondoso na época de seu lançamento, até a publicidade se adequava ao humor, e fazia anúncios bem-humorados.

²¹³ Vargas deixou uma carta-testamento defendendo e justificando todas suas ações políticas, em que encerra com o famoso trecho “Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”

Almanhaque para 1949

De acordo com José Mendes André e Sergio Luís Papi, do Projeto Barão, *“como o nome já indica, os Almanhaques derivam d’A Manha. Para eles, Apporelly criou material novo, reaproveitando, ao mesmo tempo, parte do que publicara em seu periódico em anos anteriores.”*²¹⁴

A ideia de lançar almanhaques passava por duas frentes: primeiro, porque o Barão não tinha dinheiro para manter a regularidade do jornal. E segundo, porque era uma forma de aproveitar a tendência da época e relançar (e adicionar alguns inéditos) em um formato que prestigiava o entretenimento e garantia o humor pela crítica. Nos almanhaques “originais”, a ideia era trazer jogos, brincadeiras de adivinhação, receitas e horóscopos. O Barão também seguiu a moda, mas é claro, com sua veia cômica saltada.

Segundo Benedito, o almanaque com material d’A Manha foi relançado em 1950, o que garantiu material para mais dois *Almanhaques* (um para cada semestre), em 55:

*O do primeiro semestre, quando começava a ascensão de Jânio Quadros, eleito governador de São Paulo concorrendo com Adhemar de Barros, trazia na capa Janio montado num jumento, representando ‘a jumentalidade da época’ (...) O do segundo semestre de 1955 foi lançado em 1956, quando começava o governo Juscelino, e o Barão disse então que o atraso do lançamento do almanhaque não tinha importância porque, com Juscelino, iríamos avançar 50 anos em 5 (a promessa de Juscelino era esta mesma: fazer 50 anos em 5).*²¹⁵

Os *almanhaques* foram praticamente a última grande realização do Barão. Mesmo cansado, tentou relançar mais uma vez *A Manha*, focando o público paulista. Se não foi um fracasso, a experiência passou longe de ser um sucesso, tendo acabado logo em 52. Menos militante das palavras do que o habitual, não deixou, porém, de satirizar quaisquer atitudes sociais,

²¹⁴ (TORRELY, Almanhaque para 1949, 2003).

²¹⁵ (BENEDITO, Mouzar, 2007, p.56).

políticos ou situações que chamassem sua atenção. Chegou a escrever para o jornal *Paratodos*, dirigido por Jorge Amado, e ser um de seus mais queridos colaboradores, entre eles Mário de Andrade e Oscar Niemeyer.

Aos poucos, foi se afastando da imprensa e amigos. E, sem fazer muito ruído, saiu de cena. O Barão de Itararé morreu no dia 27 de novembro de 1971, sozinho, no apartamento da Praça São Salvador, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Para o intelectual Leandro Konder, autor da biografia *Barão de Itararé: o humorista da democracia* (1983), “foi com o Barão de Itararé, historicamente, que o humor, na sociedade brasileira, passou a se mobilizar de modo mais consequente, na guerra contra a automistificação da ideologia dominante.”²¹⁶

O escritor Jorge Amado, referência como figura comunista e responsável pela apresentação da obra *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*, também destacou a atuação do humorista na imprensa e tudo o que conseguiu com sua linguagem ousada e inteligente.

*Não houve no Brasil, na década de 1940, escritor mais unanimemente lido e admirado do que o humorista cujo riso, ao mesmo tempo bonachão e ferino, fazia a crítica aguda e mordaz da sociedade brasileira e lutava pelas causas populares. Mais do que um pseudônimo, o Barão de Itararé foi um personagem vivo e atuante, uma espécie de Dom Quixote nacional, malandro, generoso e gozador, a lutar contra as mazelas e os malfeitos.*²¹⁷

O jornalista Mouzar Benedito escreveu em certa ocasião que o Barão dizia-se “herói de dois séculos”, já que nasceu em 1985 e mantinha-se atual através de suas mínimas e máximas no século 20. Em pleno século 21, o Barão continua atual, ao que Benedito atualiza a condição do Barão, como “herói de três séculos”. E como isso é possível? Para o autor, apesar do humorista escrever sobre política e políticos --que são datados e perdem a

²¹⁶ (KONDER, Leandro. *Barão de Itararé*, 1983).

²¹⁷ (*Máximas e mínimas do Barão de Itararé*, 1985, apresentação de Jorge Amado).

validade de uma geração para outra--, suas máximas sobrevivem pois ainda dizem respeito a novas figuras do poder, que não aprenderam nada com a história e continuam achando que “o feio em eleição é se perder”.

De toda a produção humorística do Barão, possivelmente, suas máximas são as que persistem no registro da história e servem de modelo para condenar os costumes atuais. De acordo com Saliba (2002), as máximas circunscreviam o máximo de sentidos e significados numa única frase.

*Misturando forma elevada e conteúdo canhestro na base do seu humor, Aporelly também se mostrava extremamente capaz de filtrar ditos populares, ou pelo menos conhecidos por todos, para, por meio dos deslocamentos e inversões verbais, gerar novos provérbios, naturalmente absurdos (...) Talvez porque exprimissem com tal concisão e precisão uma realidade tacitamente partilhada pela maioria da sociedade, curiosamente algumas destas máximas acabaram por cair no domínio público, como se permanecessem guardadas numa espécie de repertório para uso coletivo.*²¹⁸

Suas frases são eternas, como “o erro do governo não é a falta de persistência, mas a persistência da falta.” Ou então, seja em qual governo for, uma nota sobre corrupção remete à seguinte anedota: “Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.” Como suspira o biógrafo Benedito, “enfim, eis aí o Barão, parece que falando sobre os dias de hoje.” O jornalista ainda ressalta a importância da obra que ainda persiste, mas, ao mesmo tempo, lamenta que a política também...

Então reafirmo que acertei ao dizer que ele seria herói de três séculos. Ou de dois milênios, que é muito mais. O bom vai ser o dia em que as frases do Barão tiverem perdido a validade, pois

²¹⁸ (SALIBA, Elias, Raízes do riso, 2002, p.235).

*isso significará que o mundo mudou para melhor. Mas quando será isso?*²¹⁹

Pasquim: ame-o ou deixe-o

Cada país possui em sua memória afetiva um ou dois fatos mais destacados, que levam gerações para serem superados e não habitarem mais como fantasmas tantas vidas. Assim como a crueldade do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial parece ter chegado a um ponto final com a sublimação de massa provocada pelo cineasta Quentin Tarantino, com o filme *Bastardos Inglórios*²²⁰, no Brasil, em terras desde sempre ditadas, o que ainda gera desconforto é o período da Ditadura Militar, ocorrido entre os anos de 1964 e 1981.

Época de extrema violência, com centenas de pessoas desaparecidas até hoje²²¹ (falar da abertura dos docs. políticos), torturas e mortes declaradas, o país vivia situação semelhante a de outros países da América Latina, que viviam também tempos negros²²².

Antes disso, vale lembrar, o Brasil era só felicidade. O presidente Juscelino Kubitschek conquistou mudanças significativas para a nação, despertando um estado de espírito que fazia jus aos escritos da bandeira verde-amarela. Com o jargão “*Cinquenta anos em cinco*”, modernizou a economia com a industrialização, a abertura de estradas, hidroelétricas e realizou seu mais ousado projeto de transferir a capital do país, então o Rio de Janeiro, para um novo local, bem no centro do país, com a construção de Brasília.

Culturalmente, o país também caminhava a largos passos, com uma

²¹⁹ (BENEDITO, Mouzar, Barão de Itararé: herói de três séculos, 2007, p.8).

²²⁰ Atenção ao *spoiler*> O filme de Tarantino (2009) conta o que poderia ter sido o outro lado da história. Na ficção, um bando de soldados que adora matar nazistas consegue, com sucesso, emboscar Hitler e seus principais subalternos, exterminando-os de forma tão cruel quanto estes o fizeram na realidade, levando o espectador a uma perversão provocadora e sádica.

²²¹ O Governo Federal mantém ainda a proibição ao acesso a documentos do DOI-CODI, sob a justificativa de manter a ordem e resguardar a privacidade de centenas de pessoas que participaram ativamente do regime militar de 64. Em 2011, a então presidente Dilma Rousseff sancionou a lei que cria a Comissão da Verdade, que determina que nenhum documento possa ficar mais de 50 anos com acesso restrito.

²²² Durante os anos 60 e 70, boa parte da América Latina vivia em regimes ditatoriais. Além do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai. “Operação Condor” foi o nome dado às Alianças militares entre esses países, que deixou como saldo centenas de mortos, desaparecidos e presos.

geração brilhante de artistas e intelectuais, todos reunidos no Rio de Janeiro, responsáveis pelos movimentos da Bossa Nova, do Cinema Novo e de talentosos literários²²³. Os “Anos Dourados” borbulhavam no bairro de Ipanema, e dali para conquista de todo o povo, de qualquer Estado.

Os eventos que acarretaram o envolvimento dos militares de 64 têm suas faíscas atizadas quando o Jânio Quadros (vitorioso no voto popular sobre o marechal Henrique Loft), sucedeu JK e encontrou um país afastado da felicidade prometida.

*O mais importante problema de curto prazo do Brasil em janeiro de 1961 era a crise econômica. Juscelino havia deixado o Tesouro limpo e evitado a tarefa politicamente penosa de atacar a inflação. Jânio reuniu um ministério que incluía numerosas figuras da UDN e pôs-se a elaborar um novo plano de estabilização.*²²⁴

Em pouco tempo, a carisma que garantiu Jânio no poder começava a ser rapidamente esquecida. Skidmore destaca que seu comportamento bizarro e ordens presidenciais (como proibir o lança-perfume no Carnaval) menores tomavam a maior parte do seu tempo e irritavam a curta paciência do povo.

Skidmore ainda destaca que sendo um político que nunca fora dado às artes da negociação, a maneira que Jânio encontrou de atacar os obstáculos que seu programa de estabilização enfrentava no Congresso foi, sem aviso, renunciar. Ele evidentemente supunha que a renúncia não seria aceita e forçaria o Congresso a dar-lhe poderes de emergência. Tal fato, infelizmente para Jânio, não aconteceu, e o Congresso aceitou sua renúncia sem perguntas. O ex-presidente partiu, então, imediatamente para São Paulo, rumo à Europa, e antes de deixar o solo nacional, declarou: “*Fui obrigado a renunciar, mas, tal como Getúlio, voltarei um dia, se Deus quiser, para revelar ao povo quem foram os canalhas neste país*”.

²²³ Para saber mais, ler *Ela é carioca*, 1999, de Ruy Castro.

²²⁴ (SKIDMORE, Thomas, *Uma história do Brasil*, p. 209).

Naquele ano de 1961, o quadro político ficou abalado e alvo fácil de uma série de mudanças. Quando João Goulart assumiu, o presidencialismo havia sido temporariamente trocado pelo parlamentarismo em meio à crise e medo instaurados, afinal, o homem não era de total agrado para as camadas conservadoras e pela junta militar influente e atuante.

Para Gaspari (2002), a biografia raquítica do pretendente o fazia ser um dos mais despreparados e primitivos governantes da história nacional. Suas manobras políticas não despertaram simpatias, gerando greves, inflação e insatisfação geral.

Outro fator que punha em risco sua rápida passagem era a posição neurótica dos Estados Unidos que, em plena Guerra Fria, via também riscos no Brasil da força comunista se disseminar, fazendo com que Washington implantasse olhos por estas terras e a mantivesse a par de qualquer suposta intenção que colocasse em risco a liberdade capitalista.

*João Goulart ficou menos de três anos na presidência. Durante esse período lutou para obter o controle sobre um cenário político crescentemente dividido – uma tarefa bastante complicada pelo aquecimento da Guerra Fria. Fidel Castro, triunfante em Cuba, em 1959, estava determinado a exportar sua revolução e o Brasil era um dos alvos naturais. O presidente John F. Kennedy, eleito em 1960, estava igualmente determinado a impedir a ofensiva cubana.*²²⁵

Sem apoio da sociedade e com ódio político criado pelas Forças Armadas, um golpe era iminente para acabar com aquela que poderia ser uma gestão populista e de esquerda. Segundo Gaspari (2002), o Exército, que no dia 31 dormira janguista, acordaria revolucionário, mas sairia da cama aos poucos. Os generais, então, mexeram suas peças e encurralaram Jango em um beco sem saída. Seu governo se desmanchou ao longo daquele 1º de abril, que teve que fugir com sua família desesperado e humilhado. Nas

²²⁵ (SKIDMORE, Thomas, Uma história do Brasil, p. 212).

barracas do rio Uruguai²²⁶, João Goulart viveu os últimos momentos de seu aniquilamento político num estado de deprimente solidão.

Os dias que se seguiram foram conturbados, e o presidente não conseguiu em nenhum momento de seu governo uma força aliada que garantisse suas ideias políticas. Mesmo conseguindo que restituir o regime presidencialista, as relações estavam mais do que desgastadas, e certos cutucões hierárquicos provocaram o fim da paciência dos militares.

*Como se dava tão frequentemente na história brasileira (1889, 1930, 1937, 1945), o confronto político civil foi abreviado por um golpe de Estado militar, organizado por muitos dos mesmos oficiais que haviam forçado a deposição de Getúlio em 1954 e se oposto à posse de Jango em 1961.*²²⁷

O Golpe Militar aconteceu em abril de 1964, tendo à frente do comando o marechal Castello Branco e os colegas Costa e Silva e Geisel.

*No dia 11 de abril, depois de um conciliábulo de governadores e generais destinado a evitar a coroação de Costa e Silva, o general Humberto de Alencar Castello Branco foi eleito presidente da República pelo Congresso Nacional, como mandava a instituição. Prometeu 'entregar, ao iniciar-se o ano de 1966, ao meu sucessor legitimamente eleito pelo povo em eleições livres, uma nação coesa.' Em 1967 entregou uma nação dividida a um sucessor eleito por 295 pessoas.*²²⁸

Castello Branco não era santo. Era militar. Mas comparado aos seus principais colegas, era menos radical e, aparentemente, a favor da democratização depois que a tensão toda diminuísse. Suas primeiras ordens de comando suspendiam os direitos políticos de todos os cidadãos e a dissolução de quaisquer partidos.

²²⁶ (GASPARI, Elio, 2002, p.198).

²²⁷ (SKIDMORE, Thomas, Uma história do Brasil, p. 215).

²²⁸ (GASPARI, 2002, p.125).

Frente ao absurdo, o jornalista Carlos Heitor Cony foi o primeiro a enfrentar escancaradamente a ditadura com suas palavras, sem medo da opressão²²⁹. Os artigos publicados no diário *Correio da Manhã*, denunciavam a violência, o medo e as injustiças diárias vistas e que chegavam ao conhecimento do cronista. Pouco tempo depois, reuniu esses artigos e publicou-os em uma coletânea no livro *O ato e o fato*²³⁰ (1964), que incrivelmente reuniu parte da sociedade também indignada com a violenta ditadura. O livro esgotou em poucas semanas.

Sem esperanças, sem líderes de fato, sem caminhos novos para se traçar, olhou-se para o alto, para baixo e para o lado. Tamparam a visão. E a máquina continuou girando. Da suposta liberdade que Castello Branco queria, sua intensidade não era suficiente para deter as alucinações dos militares radicais, seus colegas, que esperavam logo a hora para retirá-lo do poder e transferi-lo para outro líder. Costa e Silva salivava. A esquerda, por sua vez, se amontoava.

No ano de 1966, o estouro das manifestações estudantis e as investidas no campo cultural começaram a ganhar terreno, adeptos e a incomodar o governo. Por um lado, principalmente as canções de protesto e as reuniões e marchas estudantis provocaram faíscas com os uniformizados do Exército e Polícia Militar. Shows eram cancelados e estudantes e simpatizantes foram espancados e feitos de prisioneiros temporários até passarem por uma triagem. Consciente das forças da ditadura, após proibir a peça *Berço de Herói*, de Dias Gomes, o governador Carlos Lacerda enfatizou: “*Se querem fazer revolução, peguem em armas*”²³¹. A ditadura começava a esboçar um novo regime.

No mesmo momento, Castello obtinha do Congresso a prorrogação de seu mandato, estendendo-o até março de 1967. A esperada eleição

²²⁹ Trechos da crônica *O ato e o fato*, escrita no dia 11-04-1964> “O ato não foi um ato: foi um fato, fato lamentável mas que, justamente por ser um fato, já contém, em si, os germes do antifato que criará o novo fato (...) Lembro de passagem o óbvio. Depois de Mussolini, depois de Hitler, invocar o anticomunismo para impor uma ditadura, é tolice. A história é por demais recente, e nem vale repeti-la aqui. Enfim, temos o Ato e o Fato.”

²³⁰ Além de crônicas do autor, o livro contou com artigos de três colegas para completar a obra. São eles: Otto Maria Carpeaux, Edmundo Moniz e Márcio Moreira.

²³¹ (GASPARI, 2002, p.235).

presidencial, sugerida para 65, parecia uma concretização cada vez mais distante. Com a extensão do tempo de governo, aproveitou-se para baixar o Ato Institucional nº2, que transferia ao Congresso o poder de eleger o presidente, ou seja, garantindo para a própria patota de raposas qual seria o futuro do país: “a democracia com derrota ou a vitória sem ela”, como explica Gaspari.

Sem muitas formalidades, caprichos ou problemas de insônia, Castello cassou o direito de voto pelo povo para eleger seu presidente. O caminho estava escancarado para o então Ministro da Guerra, Costa e Silva, exercer o seu regime. Em 1967, ele assumia o lugar de Castello.

Durante os 21 anos de duração do ciclo militar, sucederam-se períodos de maior ou menor racionalidade no trato das questões políticas. Foram duas décadas de avanços e recuos, ou, como se dizia na época, ‘aberturas’ e ‘endurecimentos’. De 1964 a 1967 o presidente Castello Branco procurou exercer uma ditadura temporária. De 1967 a 1968 o marechal Costa e Silva tentou governar dentro de um sistema constitucional, e de 1968 a 1974, o país esteve sob um regime escancaradamente ditatorial. De 1974 a 1979, debaixo da mesma ditadura, dela começou-se a sair. Em todas essas fases o melhor termômetro da situação do país foi a medida da prática da tortura pelo Estado.²³²

O terrível Costa e Silva assumiu em 1967, no período considerado o pior de toda a ditadura, muito em causa da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 68, que definitivamente jogou o país a um estado de proibições e medo com a implantação da ditadura radical.

Para Zuenir Ventura, autor de *1968: o ano que não terminou*, a instauração do AI-5 foi uma verdadeira constatação de que o que estava mal poderia ficar bem pior. O assassinato do estudante Edson Luís de Souto por um PM, enquanto este e mais alguns amigos estudantes faziam um painelço

²³² (Idem, p. 129).

em frente ao restaurante Calabouço, foi a gota d'água para detonar abertamente a luta contra o regime²³³. A direita cinicamente brincou que o jovem “era o cadáver que faltava.”

Como relata Zuenir, testemunha ocular da história, pois ele, ao lado de Ziraldo e Washington Novaes, acompanharam ao vivo a cena descrita acima da janela da redação da revista *Visão*, onde trabalhavam, o episódio do Calabouço desencadeou uma série de manifestações de protestos que iriam resultar na lendária Passeata dos 100 Mil. “A *repercussão de certos acontecimentos políticos nem sempre é proporcional à importância dos atores neles envolvidos*”, comentou o autor.

Comícios, pancadaria, explosões, sabotagens e insatisfações marcaram os meses seguintes ao episódio, como a também revoltante história do grupo de estudantes encurralados (20 de junho) por soldados, que espancaram e urinaram sobre os presos.

Muitas pessoas andavam de mãos dadas. Todo o Rio de Janeiro parecia estar na avenida. A serena figura de Clarice Lispector e Norma Bengell, a desesperada de *Terra em transe*; Nara Leão, Vinicius de Moraes e Chico Buarque de Hollanda, que com a poesia de ‘Carolina’, e seus olhos verdes, encantava toda uma geração. Personagens saídos da crônica social misturavam-se com estudantes saídos do DOPS²³⁴. Do alto das janelas a cidade jogava papel picado. Catedral frentista, a Passeata dos Cem Mil saiu da Cinelândia, jovem, bela e poderosa. Parecia o funeral do consulado militar. (Gaspari, 20022, p.96). A marcha gritava “o povo organizado derruba a ditadura”, e outra parte optou por uma versão quase similar. “o povo armado derruba a ditadura”.

O teatro (espetáculos como *Opinião e Roda viva*) e os festivais da Canção da época, que consagraram Edu Lobo, Chico Buarque, Nara Leão e posteriormente os Tropicalistas, também foram consecutivamente os palcos para protestos dos jovens. Quando a sublimação artística alcançava seu auge e incitava a sociedade a parar para refletir e deixar de ser passivo frente ao governo, os militares, por sua vez, tratavam logo de proibir o espetáculo.

²³³ Os detalhes deste episódio podem ser acompanhados no livro de Zuenir Ventura (1988).

²³⁴ Dops – eram as delegacias de Ordem Política e Social, órgãos que faziam parte da estrutura das secretarias de Segurança.

Um dos derradeiros episódios desse porte foi na apresentação que reuniu Tom Jobim, Chico Buarque e Geraldo Vandré²³⁵.

Os dois primeiros apresentavam a canção *Sabiá*, uma das finalistas, que cantavam ao lado de duas moças do Quarteto em Cy. O concorrente era Vandré, que empolgava com *Pra não dizer que não falei das flores*²³⁶. Tom e Chico ficaram com o prêmio, e por isso receberam uma suntuosa vai de quase meia hora. A vaia, como dizem muitos cronistas da época, não era exatamente para os compositores, que fizeram outrora sua parte contra a ditadura e eram adorados pelo povo. Nem para *Sabiá*, que era simplesmente uma música bonita, mas fora de contexto. A vaia era para a ditadura que negava o refrão de Vandré, grosso modo, a voz daquela geração.

Sem mais paciência, por assim dizer, Costa e Silva promoveu uma reunião com seus subordinados, para informá-los das próximas medidas já tomadas. Foi Gama e Silva quem foi à televisão ler e informar a sociedade a respeito do Ato Institucional nº5. De acordo com Gaspari, as emissoras de televisão, as rádios e as redações de jornais foram ocupadas por censores recrutados na polícia e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Baixado o AI-5, partiu-se para a ignorância. Com o Congresso fechado, a imprensa controlada e a classe média de joelhos pelas travessuras de 1968, o regime bifurcou a sua ação política.

O rato que riu do rei do Rio

Neste cenário, uma turma de jornalistas e cartunistas cria o semanário *O Pasquim*. Entre seus ilustres fundadores, destacam-se Millôr Fernandes, os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral e Jaguar. Não demorou muito e Ziraldo e Ivan Lessa formaram a patota oficial do jornal, que contava ainda com colaborações de Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulo Francis, Glauber Rocha e outros intelectuais festeiros.

Leandro Konder é um dos primeiros afirmar que *O Pasquim* é neto²³⁷

²³⁵ O episódio ocorreu durante o III Festival Internacional da Canção.

²³⁶ Diz o refrão da composição de 1968: "Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer."

²³⁷ O "pai" seria Sérgio Porto, que com o personagem Stanislaw Ponte-Preta também exerceu um jornalismo crítico por meio do humor e expunha as bizarrices no 'Febeapá', ou 'Festival de besteira que assola o país'

do *Barão de Itararé*, devido à toda a tradição do humor na imprensa como órgão de ataque que foi-se criada a partir d'*A Manhã*. A espontaneidade das piadas e trocadilhos estavam ali, assim como caricaturas ácidas e fotomontagens divertidas.

Nos dicionários gerais²³⁸, *pasquim* tem o significado comum de “panfleto difamatório” e “texto satírico colado em local público”. Para a mídia em questão, o nome condiz com sua tarefa, adicionado ao dito popular de “jornal de resistência”.

Como reconta e relembra de forma peculiar, Jaguar, na apresentação da *Antologia do Pasquim* (1969-1971), o embrião d' *O Pasquim* nasceu do tabloide semanal *Carapuça*, no mesmo dia em que morreu Sérgio Porto, vulgo Stanislaw Ponte-Preta, seu responsável. Jaguar, entre outros colaboradores, tinham a intenção de seguir em frente com a publicação, ignorando o fato que seu principal nome não conseguiria mais fazer textos inéditos.

Para Sérgio Augusto, a criação do jornal foi, sem dúvida, um risco; quase uma bravata. Entre setembro de 1968, quando a ideia do jornal não era mais que um brilho nos olhos de Jaguar e Tarso de Castro, e 26 de junho de 1969, quando o primeiro número chegou às bancas, os generais haviam ‘legalizado’ a ditadura com o AI-5 e a censura apertara as cravelhas nas redações menos dóceis ao novo regime.

O Pasquim não pagou barato pela audácia de nascer já ‘do contra’ (sobretudo contra as babaquices da classe média) e ‘livre como um taxi’, ‘equilibrado como um pingente’, ‘incômodo como um folião num velório’. E ainda que nos primeiros tempos fosse mais folgazão, gozador, festivo (a expressão ‘esquerda festiva’ foi inventada por um de seus colaboradores, Carlos Leonam) e atento a questões de comportamento, aos poucos deixou-se contaminar pelo inevitável: a indignação política. Sem, contudo, abrir mão do velho preceito de Horácio (reciclado por Jean de Santeuil): o riso é a melhor arma contra todas as

²³⁸ Foram consultados os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete de bolso.

*imposturas.*²³⁹

Decididos que levariam a ideia em frente, Jaguar, então, reuniu-se com Tarso de Castro (que fazia enorme sucesso como colunista do *Última Hora*) e juntos, somada a opinião de do jornalista Sérgio Cabral, resolveram abrir um novo jornal em moldes parecidos:

*A coisa quase desandou porque o nome do jornal não saía. Durante longas semanas, nos reunimos na casa do Marigaldi, diretor da TV Globo, que tinha sido sócio do Prósperi na agência Prósperi, Magaldi & Maia, que marcou época em São Paulo. Listas e listas de nomes eram descartadas. Aí lembrei da Tribuna da Imprensa, que tinha tiragem bem menor que os jornalões. Por isso era pejorativamente chamada de lanterninha da imprensa. Deu a volta por cima adotando a lanterna como símbolo. 'Que tal Pasquim?', propus. 'Vão nos chamar de pasquim (jornal difamador, folheto injurioso), terão de inventar outros nomes para nos xingar.' A sugestão não suscitou muito entusiasmo, mas como ninguém aguentava mais tanta reunião, acabou sendo aprovada. Para alívio do Magaldi, que contabilizou grandes baixas na sua adega."*²⁴⁰

O jornalista Ruy Castro conta em *Ela é Carioca*, que quando surgiu o rumor de criar-se um tabloide de humor em plena época de ditadura, um jornal feito somente por jornalistas (sem chefe, esse era o sonho de todos jornalistas), as redações do Rio caíram na gargalhada tamanho a improbabilidade da ideia. *"E naquele ano, só podia ser visto como uma piada sinistra: pouco antes, no dia 13 de dezembro de 1968, fora decretado o AI-5. Parte da imprensa já estava sob censura e alguns dos que se diziam envolvidos no tal jornal tinham sido presos no AI-5, como Ziraldo e Paulo Francis."*²⁴¹

Para Sérgio Augusto, *O Pasquim* foi o maior fenômeno editorial da

²³⁹ (Augusto, Sérgio, in *Pasquim Antologia*, 2006).

²⁴⁰ (PASQUIM, *Antologia*, org. Jaguar e Sérgio Augusto, 2006).

²⁴¹ (CASTRO, Ruy, p. 280).

imprensa brasileira, pois por trás de *O Cruzeiro* e revista *Veja*, duas grandes empresas (Diários Associados e Abril) sustentavam e bancavam patrocínio para qualquer aventura no meio, enquanto que do tabloide, apenas “porras-loucas”, como definiu.

De qualquer forma, contrariando tudo e a todos (menos a eles próprios), *O Pasquim* foi para as ruas no dia 26 de junho de 1969. Millôr Fernandes, em sua autocrítica habitual, escreveu no número de estreia que se aquilo era um jornal independente, ele seria fechado, e que caso mantivesse-se aberto, não seria mais independente.

Sábio das palavras, ele realmente sabia do que estava falando. Anos antes, o humorista fizera uma breve experiência no gênero alternativo, com o jornal *Pif-Paf*, publicado inicialmente como um caderno dentro da revista *O Cruzeiro*, coordenada pela família Chateaubriand, e depois autonomamente, o que lhe rendeu oito edições e foi fechada por falta de dinheiro.

Mas O Paquim sobreviveu àquele período inicial porque era diferente do que todo mundo esperava. Os militares, que não tolerariam uma oposição política explícita, custaram a perceber que o deboche do jornal na área dos costumes e da cultura o tornava ainda mais ‘subversivo’. Nitidamente era um jornal ‘de esquerda’ – mas não da esquerda oficial, do Partidão, a que eles estavam habituados, ou mesmo da esquerda estudantil, maoísta, que já começara a assaltar bancos e a fazer caixa para a luta armada. Era uma esquerda de humoristas, mais para a Festiva, tipo Ipanema, que eles ainda não levavam a sério.²⁴²

O semanário em nenhum momento nasceu com a intenção de ser algo sério e mesmo ocupar futuramente uma posição na imprensa, por mais que sua história tenha se alongado mais do que o suficiente com seu sucesso. A ideia era usar o humor escachado para aliviar as tensões do momento. Indignados, os intelectuais usavam de todas as artimanhas para criticar e tirar

²⁴² (CASTRO, Ruy, p.280).

sarro dos militares e seus atos. O público, naturalmente, adorava em ver charges e trocadilhos infames com generais e juntas militares.

Eles eram, resumindo, um bando de *beatniks*²⁴³, apelido que nasceu da fusão de duas palavras: *beat*, que vinha dos Estados Unidos, representava uma pessoa que estava fora da rotação, algo como definiu o ladrão Hebert Huncke que tem “o mundo contra mim”. E o sufixo *tnik* vem de Sputnik, referência ao primeiro satélite artificial colocado em órbita ao redor da Terra pelos russos. Delas, um jornalista do *San Francisco Chronicle* fez a fusão *bea-t-nik*, para fazer referência a pessoas que se sentiam assim, de uma certa forma, deslocadas (ou em órbita) do mundo considerado real.

Como informa Kucinski (1991) o²⁴⁴ *Pasquim*, ao lado de suas raízes no nacional-popular, instituiu o culto da cultura underground norte-americana, e ainda detonou um movimento próprio de contra-cultura, transformando as linguagens do jornalismo e da publicidade, e até a linguagem coloquial. O *Pasquim* mudou hábitos e valores, empolgando jovens e adolescentes nos anos 70, em especial nas cidades interioranas que haviam florescido durante o milagre econômico, encapsuladas numa moral provinciana.

De acordo com Jaguar, a primeira redação do jornal foi numa sala do prédio da Distribuidora Imprensa, na rua do Resende, 100, no centro, e rodou em muitos bairros fugindo da polícia. Um memorável episódio, inclusive, consta-se que certos terroristas, vulgo, a polícia da ditadura, instalou uma bomba na redação, que só não explodiu porque ela não foi bem armada.

A equipe original e primeira (que foi logo inflada por muitos outros amigos) contava com Jaguar e Tarso, além de Sérgio Cabral, Claudius e Carlos Prósperi. Também estava lá a famosa secretária da turma, Nelma Quadros (conhecida como musa inspiradora do *Pasquim*) e um boy, Haroldo Zager, que mais tarde tornou-se diretor de arte.

Com tudo pronto, faltava lançar. Jaguar, ainda pessimista com a meteórica trajetória do *Pif-Paf*, de Millôr, foi econômico, chutando 5 mil um bom número para rodar. “Resolveram lançar 14 mil. A edição esgotou em

²⁴³ O termo *beatnik* foi criado em outubro de 1957, num artigo de Herb Caen, *The birth of beatnik generation*.

²⁴⁴ Como informa Ruy Castro (1999), o artigo “o” que antecede “pasquim”, foi extinto de repente, sem nenhuma explicação. Portanto, a partir de agora, independente do ano em que for citado, este trabalho apenas usará *Pasquim*, com raras exceções de menções a títulos de obras.

dois dias. Rodaram mais 14 mil exemplares. O ratinho Sig²⁴⁵ assumiu o papel de mascote da publicação. Ele mesmo possuía um espaço no semanário (na HQ *Chopnics*), e foi feito pela dupla Ivan Lessa e Jaguar, primeiramente para o lançamento da cerveja Skol. Lessa era o responsável por elaborar as piadas e trocadilhos, enquanto o segundo cuidava dos desenhos.

O que chamava a atenção no jornal desde sua primeira edição era sua liberdade de texto e “pautas”. Cada jornalista/humorista podia produzir o que bem entendesse em seu espaço. É claro que ninguém levantava assuntos desconexos, mas as produções originais e sem amarras com patrocinadores ou algo semelhante o tornou um imenso sucesso de público, e demorou um pouco para que a censura percebesse toda a indignação presente em suas 32 páginas. “Era engraçado, provocativo e desrespeitoso, mesmo quando tratava de assuntos ‘sérios’ – isso numa época em que os grandes jornais ainda escreviam cheios de dedos sobre um simples atropelamento de cachorro”, destaca Castro.

Como se constatou nas primeiras vendagens, o leitor padrão do jornal (70% do total, de acordo com Sérgio Augusto), tinha entre 18 e 30 anos, ou seja, era o público mais interessante do mercado, o que tinha maturidade intelectual e financeira para entender, comprar e, quem sabe, até aderir à “causa” de uma forma mais ativa.

“Em circunstâncias normais, vendendo (já no número 16) 80 mil exemplares e aumentando a tiragem, em dez semanas, para 200 mil, em sete meses teria se transformado numa mina de ouro”, explica Sergio Augusto. Apesar dos números positivos, os anunciantes fugiam do jornal por medo da represália da ditadura.

A primeira edição já contou com as colaborações de Ziraldo, Luiz Carlos Maciel, Chico Buarque, Odete Lara e Millôr, que escreveu a frase citada aqui anteriormente, sobre a sobrevivência do jornal de forma independente. E durou. Entre prisões, censuras, e problemas financeiros, o *Pasquim* manteve-se na ativa por 22 anos, até o número 1072, e fechou em 1991.

²⁴⁵ O “nome-apelido” Sig é uma referência confirmada por Jaguar, seu criador, a Sigmund Freud, em tempos que a psicanálise, principalmente no Rio de Janeiro, era muito popular, principalmente por seu caráter sexual, visto por quem se interessasse também como libertino.

Por contar com muitos colaboradores cartunistas, o *Pasquim* em todas suas edições concentrou muito material de charges e caricaturas. Sérgio Augusto afirma que nos primeiros números de jornal, a quantidade de assuntos abordados não fazia feio a qualquer outro veículo de grande circulação. Era só uma forma diferente de se narrar os acontecimentos.

*Em seus primeiros números, tratou muito de futebol, amenidades, musica (naquela base que o Sérgio Cabral apreciava: samba e chorinho), cinema, teatro, do sucesso de Glauber Rocha no Festival de Cannes, do direito de as mulheres tomarem cafezinho no balcão sem ser molestadas (uma das bandeiras de Marta Alencar, a primeira diva da redação) . O mercurial Tarso de Castro, dínamo do veículo, debochava de tudo, gozava amigos e desafetos, fazia o humor mais juvenil, petulante e agressivo do grupo – e também, que pena, o mais perecível.*²⁴⁶

Outro formato que se destacou foram as entrevistas. Os personagens entrevistados eram pessoas da mesma patota de esquerda de Ipanema, mas que por serem músicos, artistas de cinema ou meros festeiros, não colaboravam de forma incisiva na produção do jornal.

A primeira entrevista do *Pasquim* foi com o popular jornalista social Ibrahim Sued (responsável por termos como “caixa-alta” e “linda de morrer”), que soltou, logo de cara, um baita furo jornalístico. Revelou que o próximo general a mandar no Brasil, depois de Costa e Silva, seria um tal de Garrastazu Médici. Além de Sued, o músico João Bosco, a cantora dona das coxas mais bonitas da Bossa Nova, Nara Leão, sua irmã, a idolatrada Danuza Leão, Madame Satã e a bombástica conversa com a musa Leila Diniz foram algumas das mais comentadas.

O que as diferenciava das demais não eram somente seus entrevistados, mas a maneira como as conversas eram conduzidas. Ou seja,

²⁴⁶ (PASQUIM, *Antologia, org. Jaguar e Sérgio Augusto*, 2006).

sem o formalismo habitual do jornalismo. Todas as entrevistas ocorriam no tom mais informal possível, com muita pinga, cerveja e uísque para evitar que a garganta do pessoal ficasse seca.

A entrevista do Ibrahim, que não foi das melhores que publicamos, provocou, por acaso, uma transformação na imprensa. Já começamos inovando, levando uísque para nosso consumo e botando o entrevistado na roda, o que é imitado até hoje ad nauseam. Transcrevi a entrevista utilizando o gravador; Tarso e Cabral sumiram, só apareceram na hora de o jornal rodar. Deram uma lida e disseram: 'Tem que fazer o copidesque.' Eram jornalistas tarimbados, eu só sabia desenhar cartuns. 'Copidesque? Que diabos é isso?' Pacientemente, explicaram que era adequar o texto à linguagem jornalística. Mas felizmente não deu tempo, o jornal rodou com a entrevista do jeito que estava. E foi assim que, repito, por acaso, o Pasquim tirou o paletó e a gravata do jornalismo brasileiro.²⁴⁷

Dessa característica, a falta de tempo, e saco, de alguém transcrever de forma correta as conversas, criou-se uma marca registrada do jornal, de colocar tudo o que foi falado na íntegra, desde revelações fortes, perguntas um tanto desmioladas e de alguém berrando para pegar mais gelo para o uísque.

As inúmeras piadas e baixarias provocaram a censura de muitos trechos do tabloide e a prisão de boa parte da turma. O jeito de contornar os fiscais da imprensa com trocadilhos espertos já não estava sendo suficiente, então o jeito foi ficar amigo do censor.

Como se vê, a censura prévia não liberava o jornal de outros tipos de agressão. Algumas edições, não obstante 'aprovadas' e 'liberadas', foram inopinadamente recolhidas nas bancas por ordem de alguma 'autoridade' que não se dera por satisfeita

²⁴⁷ (PASQUIM, Antologia, org. Jaguar e Sérgio Augusto, 2006).

*com os cortes executados por D. Marina, nosso primeiro Catão de saias. Primeiro e último. Depois dela, só deu gorila, com e sem pijama. D. Marina trabalhava dentro da redação, modus operandi promíscuo e contraproducente para qualquer censor razoavelmente civilizado. Cordial, D. Marina acabou ficando amiga da patota do jornal e, como era chegada a uma birita, entre um gole e outro, aprovava muita coisa que não devia. Caiu em desgraça ao deixar passar um cartum, bolado por Ziraldo e feito em cima do famoso quadro de Pedro Américo sobre o Grito do Ipiranga, com D. Pedro I gritando 'Eu quero é mocotó!', em vez de 'Independência ou Morte!'. No lugar dela entrou o general da reserva Juarez Paes Pinto, até então mais famoso por ser o pai de Helô Pinheiro, a 'Garota de Ipanema'. Depois que o general foi derrubado por aprovar uma entrevista com uma antropóloga americana, que afirmava haver racismo no Brasil, sim senhor, o jornal passou a ser censurado em Brasília, no próprio covil da repressão, o Centro de Informações do Exército, por canetas Pilot anônimas, implacáveis e vingativas. E assim foi até 1975, quando a censura acabou.*²⁴⁸

Uma ação por parte dos militares que imaginou calar o semanário de vez foi, sem motivo aparente, foi mandar prender todo mundo do jornal. Ziraldo, Paulo Francis, Tarso, Maciel, o fotógrafo Paulo Garcez e até o boy Zager foram presos. Diante da notícia, Jaguar e Cabral foram até a polícia, na Vila Militar, para tentar resolver o mal entendido. De acordo com o que comunicaram, estavam previstas duas semanas de retenção, algo que tornou-se dois meses. Nesse meio tempo, o tabloide não podia parar de circular. O desafio era como rodar sem material suficiente.

Kucinski (1991) informa que o aparelho militar distinguia os jornais alternativos dos demais, perseguindo-os e submetendo os que julgavam mais importante a um regime especial, draconiano, de censura prévia.

Como Millôr havia escapado da rapa, o humorista que já era referência

²⁴⁸ (Idem, 2006, p.12).

nas maiores no meio, contou com uma turma extra de colegas para continuar circulando o *Pasquim*.

*Do número 74 a 80, O Pasquim se transfigurou. Para todos os efeitos, baixara um surto de gripe na redação, atingindo nove integrante da patota. A metafórica gripe foi a maneira cifrada que Marta, Millôr e Henfil encontraram para informar aos leitores o que acontecera.*²⁴⁹

O declínio do *Pasquim* começou a ocorrer por dois fatores centrais. Primeiro, porque apesar das boas vendas nos primeiros números, a falta de anunciantes e as travessuras que Tarso de Castro aprontava com o caixa (tal como fechar restaurantes para festas e alugar aviões) tornaram a vida econômica do tabloide um tanto quando difícil. E segundo, e mais importante, no ano de 1975 iniciou-se a abertura política, durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979). Quando, nesse ano, a censura resolveu encerrar seus trabalhos, e recomendou ao *Pasquim* que ele mesmo se autocensurasse, Millôr, que atuava quase como um editor/diretor, pediu demissão, pois não sabia trabalhar com autocensura.

O Pasquim ficou então nas mãos de Jaguar e Ziraldo, que tentaram mantê-lo vivo de todas as formas. Mas, desde a relativíssima abertura iniciada em meados do governo Geisel, já não era a mesma coisa: o jornal começou a ficar ‘sério’, com ênfase nos assuntos políticos. Nesse período, publicou importantes denúncias e investigou abusos do regime –mas, para isso, já existiam os ‘nanicos’ sisudos, como Opinião e Movimento, com gente bem mais equipada para essas escaramuças. O forte do Pasquim era o gume sarcástico e este ele começara a perder. Com a posse de Figueiredo na Presidência em 1979 e o fim da censura nos outros veículos, o jornal deixou de ser original, já que a grande imprensa também

²⁴⁹ (Idem, p.12).

*começou a publicar cartuns antigos e artigos atrevidos. Era como se os leitores tivessem passado de ano e o Pasquim continuasse dando o mesmo curso.*²⁵⁰

Para Kucinski (1991), o *Pasquim* sofreu um processo de envelhecimento de linguagem decorrente do anacronismo do humor maniqueísta no qual desembocou sua vertente nacional-popular, representada principalmente por Ziraldo, Claudius e Fortuna, e em menor escala por Jaguar. E dispersou-se sua vertente existencial, representada por Millôr, Luis Carlos Maciel e Ivan Lessa. Ao não se institucionalizar como entidade capaz de absorver novas gerações e com elas interagir, o *Pasquim* perdeu a capacidade de se renovar e criar.

Nos anos 80, Ziraldo e Jaguar rastejaram e fizeram acordos bizarros para tentar manter o jornal de pé. Mas depois de muita humilhação, como ser vendido como encarte de outros jornais, em 1991, ele finalmente saiu de circulação.

Para Ruy Castro, que chegou a colaborar no *Pasquim*, e hoje é um dos grandes representantes do jornalismo inteligente e de bom humor, afirma que de 1969 a 1975, o *Pasquim* foi excepcional.

Seus colaboradores eram atrevidos, criativos, informados e, cada qual a sua maneira, com enorme bossa para escrever. Sua influência no resto da imprensa foi sentida rapidamente no texto mais solto dos segundos cadernos e de algumas revistas mensais. Suas entrevistas ensinaram repórteres de outros veículos a fazer perguntas mais diretas (...) O Pasquim formou também várias gerações de humoristas e cartunistas – o humor agressivo de Ivan Lessa, por exemplo, foi o inspirador direto dos rapazes do Casseta & Planeta, vários dos quais passaram pelo jornal antes de se consagrar na TV Globo. E, entre muitas outras contribuições, o Pasquim criou expressões que se

²⁵⁰ (CASTRO, Ruy, p. 282).

incorporaram à língua como 'pô', 'duca', 'sifu', bleargh' (vômito) e, claro, 'dica'.²⁵¹

piauí: para quem tem um parafuso a mais

Quando a revista *piauí* surge, o cenário brasileiro é dos mais otimistas. Vivendo do vapor da reeleição de Luiz Inácio “Lula” da Silva, o operário de esquerda dá novas caras a um Brasil que vinha do traumático Collor e dos dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, além de seu primeiro mandato que surpreendeu céticos e colocou, de vez, o Brasil no cenário político-econômico mundial.

Como informou uma das manchetes do jornal *Folha de S.Paulo*, reeleito com 58 milhões de votos, Lula prometia priorizar coalizão e a reforma política. Apesar da vitória da reeleição, o governo do ex-torneiro mecânico passou por muitas turbulências que ainda não foram esquecidas, ou até esclarecidas e resolvidas, como o caso do “mensalão”²⁵², os sanguessugas e o suposto dossiê tucano. Destaca uma reportagem especial:

Nestas eleições, além dos adversários, Lula teve que enfrentar crises políticas e escândalos envolvendo o Congresso Nacional, membros de seu governo e dirigentes de seu partido, o PT. A mais recente crise estourou durante a campanha eleitoral e causou revolta na oposição: a tentativa de compra de um dossiê antitucano. O episódio continua sendo investigado pela Polícia Federal e pela Justiça. Existe no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), inclusive, um processo de impugnação da candidatura do petista, que pode acontecer mesmo após a votação, caso as investigações comprovem crime eleitoral. A aprovação e a popularidade de Lula, entretanto, não estavam ligadas ao

²⁵¹ (Idem, p.282).

²⁵² O caso do Mensalão teve início com denúncia do ex-deputado Roberto Jefferson, sobre um suposto esquema de pagamento mensais a deputados pelo então tesoureiro do PT, Delúbio Soares, para votarem em projetos de interesse do Executivo.

*sistema político, como mostrou a eleição. A atuação do governo petista na área social foi fundamental para a reeleição.*²⁵³

Analistas no geral viam com olhos tortos a reeleição em meio a tanta lama, e o que deste cenário poderia complicar as relações do Brasil. O lado bom de tudo, para pobres ou ricos, era a economia que se mostrava interessante para o país. O colunista político-econômico Kennedy Alencar chegou a escrever que *“Um dos fatores que ajudaram Lula a superar a crise política foi não ter havido uma crise econômica simultaneamente. Mesmo nos piores momentos dos escândalos do mensalão, a economia não foi afetada.”*²⁵⁴

Para Eliane Cantanhêde, a carisma e identidade com o povo brasileiro (a ala mais humilde, por assim dizer), livraram a cara de Lula das crises do governo. Para a colunista da *Folha*, Lula venceu porque tinha enorme *“identidade e interlocução com a grande maioria do eleitorado brasileiro, jogou a culpa dos escândalos nos outros, forçou a polaridade ‘pai dos pobres’ versus ‘elite privatizante’ e, enfim, usou sem pruridos a máquina do governo.”*²⁵⁵ Mesmo assim, destaca, não deixa de ser um ‘fenômeno’ consideradas tantas denúncias do Ministério Público, Polícia Federal e imprensa.

Além do “mensalão”, os dois outros grandes escândalos do primeiro mandato foram os “sanguessugas” e o “dossiê antitucano”. O “sanguessugas” foi um esquema de corrupção descoberto pela Polícia Federal que envolvia membros do Congresso Nacional e do Executivo. Foi a máfia das ambulâncias, nome aderido dado ao esquema, que fraudava venda de ambulâncias para prefeituras de diversos estados. A crise do dossiê, por sua vez, veio à tona a 15 dias das eleições, com uma tentativa de entregar materiais de denúncia para revistas semanais e complicar o candidato Serra.

Curioso notar como, mesmo a imprensa, suposta defensora da justiça denunciando escândalos, a partir da reeleição preocupou-se mais em

²⁵³ (FOLHA, de S.Paulo, 29.10.06).

²⁵⁴ (ALENCAR, Kennedy, Os riscos do 2 mandato, Folha de S.Paulo/Coluna, 30/10/2006.)

²⁵⁵ (CANTANHÊDE, Eliane, Em 2007, hora de maldades, Folha de S.Paulo/Coluna, 29/10/2006.)

analisar e desejar os passos corretos do econômico para o Brasil crescer e evoluir. É claro que isso é bom, mas, como de costume, parece que acostumamo-nos a encerrar os assuntos com pouco. A denúncia dos envolvidos com o mensalão fez timidamente suas vítimas, e é estranho que o presidente não soubesse de nada de nada. Se economicamente não estivesse tão bem, será que sofreria a degola?

De qualquer forma, Lula foi reeleito e entre as promessas para os seguintes anos era melhorar a saúde no país, oferecer uma melhor educação, reduzir os impostos, ampliar o Bolsa Família e incentivar a indústria. Dadas as circunstâncias, o Brasil pedia uma revista fora do convencional, do eixo, do mais do mesmo, que olhasse para a mesma foto e revelasse detalhes diferentes. Assim, a piauí chegou às bancas.

Diferentemente das duas mídias comentadas, *piauí* é uma revista mensal com proposta contrária ao encontrado então nas bancas de jornal. Como relata o editor João Moreira Salles:

Pelo fato de muitos leitores se divertirem com a revista, há-se uma impressão equivocada de que ela é uma revista que não informa. Ela é uma revista de reportagem, portanto de jornalismo, e ela vai atrás de coisas que não foram contadas antes, e a gente conta. Então não é que a gente tem um descompromisso com a notícia e não é que a gente tenha um compromisso com o entretenimento. A piauí é uma revista que tenta contar as coisas de uma outra maneira. De outra maneira significa não fazer o que todo mundo faz, porque não faria sentido criar uma revista para voltar a fazer o que todo mundo está fazendo. O que não é uma crítica ao jornalismo do lide e sub-lide, que é importante e tem o seu lugar e que desempenha o seu papel. (...) A piauí foi criada exatamente porque eu achava que faltava isso, faltava uma revista que pudesse se preocupar um pouco menos com a notícia quente --com a notícia sempre--, mas não necessariamente com a notícia quente, um escândalo do momento. (...) Se você quiser saber

*como caiu o ministro Palocci, isso acho que a gente pode contar, com mais tempo, com vagar. É para isso que existe a piauí, é uma revista que não tem pressa. E como o jornalismo, cuja pressa é essencial, faltava um jornalismo mais lento. É o que a gente faz.*²⁵⁶

Lançada em 2006, tem como fundadores Mario Sergio Conti (autor de *Notícias do Planalto*), Dorrit Harazim, Marcos Sá Corrêa e o documentarista João Moreira Salles.

*João Moreira Salles revelou que quando a revista foi criada havia pressão para editá-la em São Paulo, onde estaria a maior parte da grande imprensa, dos possíveis leitores e do mercado publicitário; mas que optou por publicá-la no Rio de Janeiro, onde sempre viveu. Salles acha que a piauí tem características parecidas com a cidade: "Ela não se leva a sério, ela é divertida, ela não é sisuda. Não usa terno e gravata, ela quase usa bermuda".*²⁵⁷

O nome *piauí* opta por ser assim, com sua primeira letra em minúscula mesmo. De acordo com Moreira Salles, o nome foi escolhido porque a palavra Piauí é muito bonita, é cheia de vogais, e cita a colocação de Gilberto Freire que as vogais amolecem as coisas. "*É um nome afetivo, cheio de vogais. Eu acho a sonoridade bonita, ele é bonito também quando é escrito. É um nome pelo qual você pode se afeiçoar*", explicou a Alberto Dines, durante entrevista no programa *Observatório da Imprensa*. O título não é nenhuma referência ao Estado brasileiro, apesar de ter em meta cobrir assuntos fora do eixo Rio-São Paulo.

Na mesma entrevista, sobre o primeiro ano da revista, Salles diz compreender que o sucesso da publicação é uma resposta a quem duvidou do projeto por acreditar que toda leitura deveria ser, necessariamente,

²⁵⁶ (Vídeo-reportagem Vitória Guimarães, Entrevista: João Moreira Salles sobre a revista piauí , 2009, YouTube).

²⁵⁷ (DINIZ, 2007).

utilitária.

*O editor contou que se sentia órfão de uma revista com esse perfil, e surpreendeu-se ao encontrar um número muito maior de pessoas que também gostariam de ler uma revista como a piauí. Antes do lançamento, Salles consultou informalmente alguns profissionais do mercado editorial. As previsões mais pessimistas avaliaram em 5 mil o número de possíveis leitores de uma revista com o perfil da piauí. Outros acreditaram que esse número poderia chegar a 12 mil. Hoje, a piauí circula entre 35 e 37 mil exemplares, dos quais 16 mil para assinantes.*²⁵⁸

"A graça da piauí é que ela é quase inventada do zero a cada número", disse. A revista não tem colunista nem é dividida por editorias. Os assuntos não precisam estar presentes em todas as edições, o que torna a revista maleável. Na resenha de Lima (2006), em termos de conteúdo, a piauí já chega dividindo. Nada de editorial, nem de colunismo social, nem de opinionismo. Nada. Vale o preto no branco, o texto caudaloso, para quem gosta de se enfurnar numa boa história. Ah, e o formato, tem o formato... É impossível ignorá-la na banca, pois a Piauí não é nem um pouco parcimoniosa. Já chega ganhando na altura e na largura, sem ser rechonchuda.

Voltando ao miolo. Se o leitor de imediato bater os olhos no nome de Ivan Lessa, será tomado por uma sensação de déjà vu. Caramba, de onde conhecemos esse cara? Claro, do Pasquim. E aí todo um novelo de reminiscências proustianas será desfiado. Sem as necessárias madeleines. Mas a pretensão da Piauí não é ressuscitar experiências pregressas. Nem copiar sucessos duradouros. Em suas declarações sobre a revista, João Moreira Salles foi contundente: não há intenção

²⁵⁸ (Diniz, Lília, piauí, uma revista sem gravata, Observatório da Imprensa, 2007).

*em copiar a afamada, prestigiada, chique e literária New Yorker, conforme ventilado por aí com muuuuita antecedência. O negócio da piauí é mais Brasil. Digamos que a bússola aponte mais na direção da extinta Realidade, uma brastemp da reportagem jornalística nos anos 1960/1970. O nosso mais bem-sucedido caso de imersão no tal do jornalismo literário, veleidade de nove entre 10 jornalistas dos tristes trópicos.*²⁵⁹

O expediente é composto por um grupo mínimo de profissionais, sendo grande parte da revista produzida por colaboradores nacionais e do exterior, tanto para texto quanto para charges e quadrinhos. “Apesar de não haver uma hierarquia rígida, a edição final da revista fica a cargo de Mario Sergio Conti²⁶⁰: ‘É ele quem decide o que entra na revista. Os textos são bastante editados, o que é uma das características da piauí’”²⁶¹

O slogan “Para quem tem um parafuso a mais”, e na internet “...um clique a mais”, invoca o clássico jogo de palavras com a antiga sentença “fulano está com um parafuso a menos”, referindo-se, em grande parte das vezes, a alguém que tenha cometido uma bobagem ou falado asneiras simplistas.

As cores usadas destacam a capa, sempre brincando com as nomeadas “quentes” e “frias”. Uma ou outra, buscam sempre impactar. São peças tão importantes quanto as próprias charges e caricaturas estampadas intercaladas com os títulos vibrantes para atrair a multidão. A multidão do parafuso a mais, note-se.

O mascote da *piauí* é um pinguim de geladeira que veste uma boina revolucionária. A brincadeira, *a priori*, faz um inverso com a realidade do Estado, localizado no nordeste brasileiro, área de extremo calor quase o ano todo.

Visualmente, a mídia adota um formato próximo ao de alguns tabloides estrangeiros (no tamanho 26,5 cm x 34,8) e com uso de papel não-glossy, o

²⁵⁹ (Lima, Paulo, Armazém Literário, Observatório da Imprensa, 2006).

²⁶⁰ (DINIZ, 2007).

²⁶¹ Em 2011, Fernando de Barros Rodrigues, antigo colunista da Folha, assumiu a direção da redação da revista.

que traz proximidade mnêmica (principalmente tácita) às páginas de livros e folhas de jornais (sem borrar os dedos, contudo, borram-se outros). De acordo com Salles, o formato da revista sofreu influência de publicações que o editor leu ao longo da vida, como a norte-americana *The New Yorker*, mas que não copia nenhum modelo.

Salles disse que formato é original e que não existe uma revista parecida com a piauí dentro ou fora do país. "Toda revista que conseguiu exalar o ar de seu tempo conseguiu porque foi original", comentou. Alguns exemplos que o editor citou são os periódicos Pasquim, Senhor, Realidade e Veja e os jornais Folha de S.Paulo e Jornal do Brasil. "Se você tentar reproduzir um modelo, você quebrou a cara", disse.²⁶²

A linha editorial da revista assemelha-se ao cultuado jornalismo-literário (tradição do novo jornalismo americano), gênero que une a observação e descrição de fatos reais por meio de uma narrativa mais elaborada e alongada, dando espaço para detalhes e profundidade do tema em questão. Entre seus principais autores estão Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolf e Lilian Ross.

A *piauí* teve influência, mesmo que indireta, da popular revista *Realidade*, com um jornalismo baseado no social, na crítica da moral e costumes, com influência do *new-journalism* comentado, com uma técnica jornalística baseada na vivência do repórter com a realidade.

Para Werneck (2010), na paisagem monótona da imprensa brasileira, a revista veio com várias novidades, a começar por seu formato improvável, com dimensões às dos tradicionais tabloides.

A contramão pela qual enveredou incluía também grandes massas de texto, ilustradas com uma parcimônia que a muitos pareceu beirar o suicídio editorial: quem se aventuraria a desbastar trolhas, para usar um tabuísmo que nas redações

²⁶² (DINIZ, Alberto, Observatório da imprensa, 2007).

*costuma designar matérias tidas como longas demais? Não tardou a correr, aliás, a historinha de alguém que, numa roda de gente letrada onde cada um falava de suas leituras – romances, ensaios, coletâneas de contos – declarou estar lendo... a piauí. Malícia à parte, a anedota vinha ilustrar algo nada usual na imprensa brasileira: ali estava uma publicação jornalística que, em meio a textos de menor porte, queria oferecer ao leitor, todos os meses, matérias alentadas, cuja leitura, à prova de turbulências, exige mais do que os quarenta minutos de um voo na ponte aérea Rio-São Paulo. Nos tempos que correm, não é pequena ousadia. A piauí, de fato, chegou desafiando uma tendência imperiosa, para não dizer tirânica, que nas últimas décadas tomou conta do jornalismo, e não só no Brasil, baseada na convicção de que o leitor não gosta de ler, razão pela qual é preciso servir-lhe rações de texto cada vez mais reduzidas.*²⁶³

Apesar de não se incomodar com as comparações e associações do gênero com a *piauí*, Salles afirma não saber ao certo se a definição estaria correta no contexto, muito mais por um sentido de achar o termo equivocado e prepotente, do que propriamente pelo tipo de texto produzido.

*Não sei até que ponto nós devemos chamar isso de literário, porque o problema de chamar literário (...) parece que você quer dar ao jornalismo um pouco a permanência da literatura. Tem uma certa pretensão de querer que o texto não literário tenha adoração e eternidade que você empresta não a toda literatura, mas pelo menos a grande literatura.*²⁶⁴

Consequentemente, algumas pautas fora do comum, recheando colunas e seções fixas que se permitem explorar o cotidiano esquecido e não

²⁶³ (Werneck, Humberto, *Vultos da república*, p.292, 2010).

²⁶⁴ (Salles, João Moreira, Palestra UFSC, 2007, YouTube).

observado, mas presente e implícito, com reportagens sobre a criação das palavras cruzadas, que enreda...

Alvaro Ancelmo Cardoso de Magalhães, 56 anos, é inspetor de polícia aposentado. No dia em que se aposentou, jogou fora a farda e vestiu o uniforme com o qual gostaria de ir para o paraíso: sandália havaiana, calça jeans, pochete e camisa de botão aberta até o umbigo. Há um tipo de leitor - vamos chamá-lo de Fulano, para facilitar - que não imagina a importância que Magalhães tem na sua vida (ou na vida de alguém que lhe é próximo). Magalhães está ali, embaixo do braço, quando Fulano vai à praia, no domingo. Está presente nas páginas do jornal que Fulano recebe em casa. Acompanhou-o naquela longa viagem de ônibus. Soube acalmá-lo na fila do banco, no aeroporto, na sala de espera do dentista. Magalhães foi duro: impôs a Fulano desafios imensos. Alguns ele soube superar. Outros o derrotaram. A salvação, felizmente, estava na última página. Alvaro de Magalhães cria palavras cruzadas para a Coquetel, a empresa que, na prática, detém o monopólio das palavras cruzadas no Brasil. A cada mês, ela imprime 56 títulos, que somam 1,5 milhão de exemplares, dez vezes mais do que a sua principal concorrente, A Recreativa. Além disso, em troca de espaço publicitário, a Coquetel cede diagramas para 610 publicações de todo o país.²⁶⁵

Apesar disso, outras seções “flutuantes” da revista não abandonam a realidade dos fatos diários e que estão nos outros diários. Em especial, os perfis produzidos buscam sempre destacar personalidades temáticas ao momento histórico.

Dos mais especialistas prosadores brasileiros, foram traçadas linhas a respeito da atual presidente Dilma Rousseff, o ex Fernando Collor, Fernando

²⁶⁵ (PIAUÍ, “Capital polinésia – cinco letras”, Ed. 9).

Gaberia, Marina Silva, José Serra, José Dirceu, entre muitos outros. Dessas entrevistas, algumas foram selecionadas e publicadas como livro em *Vultos da República* (Companhia das Letras, 2010), organizado pelo jornalista Humberto Werneck.

O perfil sobre Dirceu, inclusive, foi um dos mais comentados até hoje, sendo elogiado pelo resto da imprensa como um perfil exemplar e que, mais do que isso, conseguiu revelar episódios e desavenças de Dirceu com o próprio partido, por exemplo. Em tempos de liberdade de imprensa e de ágil comunicação, tão logo a revista saiu na banca, e em pouco tempo o entrevistado, por meio de seu blog pessoal, manifestava-se à imprensa e demais leitores, alegando haver erros de apuração no ensaio. O político escreveu:

Divulguei ´nota à imprensa` no dia 04 deste mês para esclarecer pontos pouco claros, imprecisos e até incorretos da reportagem a meu respeito publicada pela primeira edição deste ano da revista Piauí. As informações, como friso em outra nota deste blog, terminaram usadas ao sabor dos humores da mídia a meu respeito. Alguns veículos foram objetivos ao transmití-las para bem informar seus leitores. Outros o fizeram com a habitual má vontade que tem em relação a mim e às notícias sobre o PT. Para afastar quaisquer dúvidas dos meus companheiros e dos leitores deste blog, transcrevo a seguir a nota na íntegra: ´A propósito da entrevista concedida à revista Piauí, edição janeiro/2008, e diante da repercussão em vários veículos de comunicação, gostaria de prestar os seguintes esclarecimentos, já transmitidos também à revista.²⁶⁶

A *piauí* não chegou a se retratar sobre as declarações de Dirceu, pedindo ‘desculpas’ por algo que não era para ser dito. Pelo contrário, mostrou que apoiava a apuração de sua repórter e apenas colheu os logros e

²⁶⁶ (Blog Zé Dirceu, jan 2008).

elogios por conta da reportagem. A única retratação ocorreu quando o conteúdo da matéria foi para a versão on-line da revista e lá corrigiram três erros ocorridos quanto à informação, mas nada grave e que comprometesse o foco principal da história.

Chegada, seções e anais

Com média de 70 páginas por edição, as pautas surgem do inesperado, o que facilita a variabilidade e enquadramento dos temas distribuídos na seguinte forma:

Chegada: a ideia do espaço fica próximo de relatar “novidades”. Estas, porém, não são as que ditam tendências, as tecnológicas ou astrais. Os textos já noticiaram o “novo” implante de cabelo de Eike Batista (*“Rumo ao Topo”*, ed. 50), a abertura de uma “nova” loja de roupas no lugar de uma badalada loja da indústria musical (*“A última moda da vida eterna”*, ed. 31) e o caso do crescente uso de cães nas equipes militares norte-americanas (*“Heróis de Quatro Patas”*, ed. 57).

Anais: os anais são os prefixos para assuntos diversos e constituem temas livres, mas englobados em disciplinas fundamentais, com reportagens longas e literárias que se definem com sufixos, como anais da educação (*“O Brasil é aqui”*, ed. 53), onde narra a gestão diferenciada e o cotidiano da escola municipal Acre, localizada no Rio de Janeiro. Outros exemplos são os anais do jornalismo (*“O paparazzo nosso de cada dia”*, ed. 23), anais da psicanálise (*“A grana preta e suas relações com o inconsciente”*, ed. 50), escrito por Woody Allen e anais do futebol (*“O filho de Rosemeri”*, ed. 34).

Diário: a cada edição, uma pessoa é convidada a escrever textículos datados com informações do seu dia, desde que relevantes para o próprio convidado. Jornalistas, músicos e políticos são algumas das figuras que registraram suas impressões sobre determinado mês.

Esquinas: é um dos poucos espaços fixos. O termo espaço é correto, pois o tema é aberto, desde que de interesse dos editores, pode-se escrever sobre qualquer assunto cotidiano. Outros exemplos para ilustrar essa generalidade específica podem ser ilustrados pelas narrações sobre o jovem obituarista que adora escrever sobre seus mortos (*“A logística de fazer um*

morto”, ed. 17) e mesmo o relato de um policial da guarda costeira espanhola que venceu o XVI Campeonato de Lançamento de Carochos de Azeitona (“*pffft!!*”, ed. 51”).

Ficção: Como costume de décadas atrás, onde se publicavam capítulos do que viriam a ser livros nas páginas das revistas, este espaço tem o diferencial de publicar textos completos, não partes de um romance. Outro detalhe para com outros diários e revistas, é a oportunidade para ficcionistas sem apelo midiático também registrarem suas histórias.

Quadrinhos/Cartuns: Apesar de diferentes, este trabalho as uniu por trabalharem a linguagem do desenho e caricatura. O humor típico e quase obrigatório usa tanto o recurso da ironia quanto do nonsense. Os artistas convidados não usam do artifício de retratar políticos brasileiros, e optam por personagens comuns, sem nome ou característica marcante, a exceção de pontuais ditos e comportamentos.

Despedida: Em determinadas edições, faz a seção de óbito da revista. Óbito, porém, nem sempre humano. Por vezes, dedica o espaço a perfilar personagens significantes como o cineasta Mario Monicelli (“*A arte de rir de qualquer desgraça*”, ed. 52), mas outros representantes culturais também são lembrados, como a última edição e o fim do popular Jornal do Brasil (“*Tigre de Papel*”, ed. 48), ou “*A cavalgada final*” (ed. 43), a respeito da retirada de uma célebre estátua que representava o ditador espanhol Franco montado em seu cavalo.

Traçamos neste capítulo um histórico da mídia impressa brasileira, e após uma breve apresentação de como ela se desenvolveu desde os tempos da Coroa até a modernidade, focamos especificamente três mídias ‘alternativas’ que, em diferentes épocas, desempenharam papéis semelhantes nas lutas contra os governos e costumes da sociedade utilizando o risível como forma de combate, crítica e denúncia. Vale mencionar, mais uma vez, que este projeto optou por espelhar-se na teoria lacaniana de que tudo se repete, mesmo que não da mesma forma. Portanto, a escolha dos textos *d’A Manha*, *Pasquim* e *piauí*, justifica-se por as distintas mídias assemelharem-se em suas missões, sem, contudo, uma imitar a

outra. Prossigamos para os exemplos das produções textuais e análise baseada no prazer do riso freudiano.

Capítulo 5 - *Análise das mídias*

Marx disse que os filósofos já interpretaram o mundo; trata-se, agora, de transformá-lo, ao que Adorno comenta posto que a filosofia não conseguiu transformar o mundo, cabe continuar a interpretá-lo. Interpretar a teoria e o seu valor está fundamentalmente interligada à sua práxis, acreditam os frankfurtianos. Portanto de acordo, chegamos o momento em que, após as apresentações sobre o risível pela linguagem e suas manifestações na mídia impressa brasileira, convém demonstramos como isso ocorreu na história.

Portanto, neste capítulo final, o trabalho parte para a análise das mídias, não de forma comparativa, mas selecionando máximas, notas e reportagens que por meio de suas técnicas de linguagem, despertam o prazer no leitor, afinal, usam do politicamente incorreto para produzir humor e denunciar e desafiar as vozes do comando.

Ao longo do presente trabalho, o objetivo dos três primeiros capítulos foi apresentar as principais teorias a respeito do prazer do riso e da conquista das massas à luz da psicanálise, filosofia e comunicação.

E para melhor compreensão e efeito de sentido, foram selecionadas as produções risíveis de três mídias impressas que, cada uma a seu tempo, utilizaram deste artifício para informar, denunciar e opinar a respeito de acontecimentos nem sempre possíveis de serem relatados, buscando orientar ao leitor sobre certos erros e abusos de poder. Ou seja, quebrando o protocolo.

Dos objetos de estudo

Nas três mídias selecionadas, percebe-se que a iniciativa do humor destacou-as como “alternativas”, que longe da rédea de grandes corporações e padrões, conseguiram com razoável liberdade publicar e opinar sobre assuntos de interesse geral, como os movimentos da política, economia e cultura.

Para entender como a linguagem, especificamente as palavras que formam os textos, vista nos três periódicos conseguiram despertar o

interesse do público e fazer um jornalismo diferenciado e que alcançou resultados, visto as violências físicas ou intelectuais que receberam como resposta, utilizaremos como referência os jogos de palavras sugeridos por Freud.

Para a análise das reportagens, crônicas e perfis das mídias, o projeto baseia-se na teoria dos chistes, do cômico e do humor de Freud, publicada no livro *Os chistes e as suas relações com o inconsciente*, apresentadas no primeiro capítulo, para examinar, compreender e atestar como os diferentes jogos de palavras conseguem manifestar o riso nos leitores, satirizando o poder injusto e contribuindo na luta contra a liberdade de expressão.

A avaliação do material selecionado não se prenderá, como é de costume, a ciclos mensais, tendo em vista que a produção intelectual do *Barão de Itararé* e do *Pasquim* sofreu muitas vezes interrupções, além de próprio reaproveitamento de material em momentos de luta contra suas supostas ditaduras.

Portanto, o *Almanhaque para 1949*, que reúne o melhor do material produzido pelo Barão de Itararé ao longo dos anos em que atuou como jornalista, será a base para o estudo de seus principais “causos” de jogos de linguagens.

Do mesmo modo, o material do folhetim *Pasquim* foi reunido em uma série de três edições, *Antologia I (1969-1971)*, *II (72-73)* e *III (73-74)*, organizados por dois antigos colaboradores, o cartunista Jaguar e o jornalista Sérgio Augusto, e os citados livros servirão como referência para o estudo.

A revista *piauí*, por sua vez, será abordada desde seu primeiro número (out/2006) até a edição de janeiro de 2012, fornecendo generoso material para a pesquisa. O amplo espaço de tempo para a abordagem da mídia se justifica pelos momentos políticos em que ela circulou.

Quando foi publicada, o então presidente Lula iniciava seu segundo mandato, repetindo a façanha de seu antecessor Fernando Henrique Cardoso, do partido rival PSDB. Além dos casos já comentados anteriormente sobre os escândalos do governo, vale ainda ressaltar a transição do governo de Lula para o de Dilma Rousseff (ambos do mesmo

partido, o PT), primeira mulher a assumir o cargo no Brasil, tendo vencido o grande oponente José Serra (PSDB).

Com base nos apontamentos teóricos apresentados, a pesquisa pretende investigar e analisar especificamente as seguintes questões:

- quais as técnicas de chiste, cômico e humor utilizadas nas três diferentes mídias?;
- todo o risível aparente nas publicações é politicamente incorreto?;
- o riso de denúncia alcançou resultados?;
- é possível, afinal, alcançar prazer com a leitura das anedotas?

A gargalhada pelas máximas, metáforas e aforismos

Freud divide, em seu livre *Os chistes...*, a análise das anedotas em três grandes grupos²⁶⁷, sendo que cada um possui mais de uma variante:

I Condensação:

- (l) com formação de palavra composta;
- (m) com modificação.

II Múltiplo uso do mesmo material:

- (n) como um todo e suas partes;
- (o) em ordem diferente;
- (p) com leve modificação
- (q) com sentido pleno e sentido esvaziado.

III Duplo sentido:

- (r) significado como um nome e como uma coisa;
- (s) significados metafóricos e literal;
- (t) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras);
- (u) Double *entendre*;
- (v) Duplo sentido com uma alusão.

Enquanto que para o cômico²⁶⁸ usa das percepções:

- d) por uma comparação entre uma pessoa e eu,
- e) por uma comparação inteiramente no interior da outra pessoa,
- f) por uma comparação inteiramente no interior do eu.

²⁶⁷ (FREUD, O chiste..., 1905, p.48).

²⁶⁸ Tabela completa presente no primeiro capítulo deste trabalho.

E o humor (no qual se encaixam, em grande parte, a ironia e o sarcasmo) trabalha na sentença de que *o humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração desses afetos*²⁶⁹.

A variedade e o número de técnicas de chiste, cômico e humor são encontradas nos textos das três mídias selecionas, e os exemplos recortadas em cada uma delas será seguido por uma explicação da técnica e o efeito de prazer no inconsciente, pré-consciente e consciente que ela desperta.

Barão de Itararé

A condensação, primeiro caso estudado por Freud, aparece poucas vezes na obra do Barão, provavelmente pela técnica ter muito de sua força na verbalização, algo com mais efeito no chiste oral do que o escrito.

Mesmo assim, nas máximas do Barão de Itararé publicadas no jornal *A Manhã*, e organizadas no *Almanhaque para 1949*, encontramos o seguinte caso:

“Dicionário moderno:

marujo – indivíduo que anda no mar.

arujo – indivíduo que anda no ar.

*terrujo – indivíduo que anda em terra.”*²⁷⁰

A partir da palavra marujo, que integra qualquer dicionário de língua portuguesa e se refere àquele que trabalha como serviçal em navegações, o Barão quis fazer uma brincadeira com os outros elementos --terra e ar--, e deu-lhes também “tarefas”, como o ‘arujo’ e o ‘terrujo’. Mais do que um chiste ingênuo, porém, na *condensação com leve modificação* descobre-se pelo contexto da época e com a referência de outros textos, que o chiste é, na verdade, uma provocação do autor, dada a falta de evolução da língua portuguesa, que não era seriamente estudada e pensada linguisticamente. O

²⁶⁹ (FREUD, 1905, p.210).

²⁷⁰ (TORELLY, Almanhaque para 1949, 2003, p.146).

fato o incomodava, além do importante fato de a sociedade, à época, já enfrentar os primeiros conflitos do americanês em seu cotidiano. O prazer alcançado, no caso, deriva do jogo de palavra, onde, como afirma Freud, quanto mais leve for a modificação, melhor será o chiste.

*“O erro do governo não é a falta de persistência, mas a persistência na falta”.*²⁷¹

Neste outro exemplo, encontramos a técnica chistosa do *múltiplo uso da mesma palavra –em ordem diferente*. A anedota divide uma única sentença em duas partes, sendo as palavras *persistência* e *falta* os pontos comuns nos trechos. Ataca a frase que o governo tem um erro, mas este não é a *falta de persistência*, mas sim a *persistência na falta*. Em uma simples troca de posições, frente uma a outra, a crítica torna-se muito pior e agressiva. Se não continuar um esforço para o bem do povo já é algo ruim, *persistir*, continuar com o erro de não dar a atenção necessária mostra um descaso ainda maior.

*“Um padecimento pesa mais que uma pá de cimento.”*²⁷²

Neste exemplo de *múltiplo uso da mesma palavra*, a técnica é de *leve modificação*. *Padecimento* e *pá de cimento*, sonoramente são idênticas, apesar dos significados não se assimilarem. A *leve modificação com ordem diferente* está no sucesso do jogo de palavras de conseguir aproximar ambas e fazer parecer que está-se repetindo a frase, enquanto, na verdade, não está. Podemos entender em dois tempos o prazer do chiste: como ingênuo e simplesmente vitorioso por fazer um trocadilho. E mais interessantemente como uma curiosa metáfora. A *pá de cimento*, ferramenta utilizada em construções, naturalmente é um objeto *pesado*. *Pesado*, também é o *padecimento*, ou seja, a morte de uma pessoa querida.

*“Os bancos das praças são sempre ocupados por desocupados.”*²⁷³

²⁷¹ (Idem, p.24).

²⁷² (Idem, p.123).

O seguinte caso também se encaixa no *múltiplo uso da mesma palavra --com leve modificação*. O chiste é extremamente engenhoso por conseguir, em um primeiro tempo, simplesmente com as palavras instigar a imaginação do leitor. Possivelmente, a lembrança pessoal sua procurando lugares em uma praça qualquer veio à tona, e nos bancos *ocupados* em que queria repousar, estavam mendigos, aposentados, bêbados e outra série de *desocupados*. O mais interessante é a autocrítica que também faz rir, afinal, se está com tempo de ir sentar no banco de um parque, só pode estar *desocupado*. O ‘crime’ desvendado faz qualquer um se entregar ao riso. E mais. O ganho na linguagem não é apenas a verdade dita, mas a forma com que foi, simplesmente adicionando o prefixo ‘des’ para *desqualificar* o *desocupado*, posição esta, que todos sentem um pouco de inveja, principalmente hoje.

“O Brasil é uma república ‘generalizada’.”²⁷⁴

Neste exemplo, podemos entender que a técnica utilizada é a de *duplo sentido—double entendre*. Isso quer dizer que um sentido da palavra não é tão ingênuo quanto o outro tem a oferecer. No sentido primeiro e longe do dicionário, o vocábulo está relacionado ao entendimento de ‘tornar geral’, algo que ‘propaga-se por inteiro’, ‘unifica’ ou ‘toma pedaços como um todo para apresentar uma ideia’. Pensar que *O Brasil é uma república ‘generalizada’* poderia ser entendida, ingenuamente, que o país se entende como um todo, apesar de todas suas divisões regionais e culturais. Contudo, o *duplo sentido* reside no contexto social-histórico da época, quando o Brasil estava repleto de generais militares comandando as leis do país. Portanto, *generalizada*, quer expressar verdadeiramente a crítica politicamente incorreta de que o Brasil vivia em uma república mandada pelos generais.

“O feio da eleição é se perder”²⁷⁵

²⁷³ (BENEDITO, Mouzar, 2007, p.96).

²⁷⁴ (TORELLY, Almanhaque para 1949, 2003, p.225).

²⁷⁵ (TORELLY, Almanhaque para 1949, 2003, p.171).

Outro caso de *duplo sentido*—*double entendre*. A máxima política faz uma piada psicológica com o bom comportamento de ‘o importante é competir.’ Da sátira, o Barão cria uma frase alfinetando o espírito são, e solta que (na eleição) *o feio é se perder*, como que para massagear os egos vitoriosos e humilhar os perdedores. Contudo, nas entrelinhas, percebe-se que o que é realmente *feio*, principalmente na eleição, é *perder* a ética, valores, senso de justiça e qualquer outro bom senso que um político, visando ajudar o povo e o país, acaba deixando de lado.

*“Aviso aos navegantes, não há bóia no Brasil.”*²⁷⁶

Outro exemplo de *duplo sentido*—*double entendre*, sendo a palavra *bóia* o termo de ligação para entendimentos diferentes. No sentido primeiro da frase, pode parecer apenas uma piada que avisa os *navegantes*, conhecidos também como estrangeiros, que está muito fácil afundar no Brasil, afinal, não há *bóia*. Contudo, ao mesmo tempo, a palavra *bóia* possui um outro significado e extremamente popular entre as classes de baixa renda. *Bóia* também quer dizer comida, refeição. O Barão, portanto, aproveitava para denunciar a crise que essas classes enfrentaram para conseguir colocar comida em casa.

*“Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.”*²⁷⁷

Neste caso, o Barão recorre à uma prática que pode se encaixar tanto no *múltiplo uso do mesmo material* quanto em *duplo sentido*, algo que Freud alertou ser possivelmente normal, dada a proximidade das técnicas. A palavra *negócio* é a chave do riso em questão. *Negociata* é um modo errôneo e criminoso de se ganhar dinheiro. E como é de conhecimento geral, muitos fazem dessas atividades ilícitas uma forma de renda, ou seja, vira o próprio negócio delas. Por isso o risível do *negócio*, pois o trocadilho faz graça com

²⁷⁶ (Idem, p. 255).

²⁷⁷ (Idem, p.50).

uma atividade lucrativa na qual se evitam muitos sócios para não atrapalhar a distribuição da renda.

No *Almanaque para 1949*, encontramos referências políticas e sociais quase sempre juntas. Por mais que as máximas do Barão tenham destacado enormemente seu trabalho, em seus textos de humor escandaloso e exagerado, vez ou outra é perceptível em passagens aparentemente ingênuas e inofensivas encontrar críticas, opiniões e ironias, como se constata em *Negócios da China*.²⁷⁸

*Agora mesmo, estive entre nós, em missão reservada, o misterioso poeta nacionalista Shek-Sen-Fundos, que veio propor ao Barão de Itararé, em nome de Chian-Kai-Shek, o chefe do governo de Chim-Frim, o elevado cargo de encarregado dos Negócios da China para toda a America do Sul e Caraíbas. Itararé, que é um diplomata de 'carriere', recusou, delicadamente, o oferecimento e parece que acabou vendendo ao poeta, dinheiro à vista, um jacá de marrecos de Pekin, criados a leite de pato, em seu bucólico sítio de Bang-hú.*²⁷⁹

Na passagem selecionada, podemos constatar tanto o uso das técnicas dos chistes freudianos, quanto a ironia e sarcasmo, que são obtidos a partir da narrativa de um contexto quase sempre absurdo, ou seja, encontram por vezes no cômico e no humor os meios para se manifestar. Neste exemplo, o sarcasmo atua muito mais no sentido humorístico da coisa, pois consegue fazer piada consigo mesmo (com a situação do país). No caso, o misterioso poeta nacionalista Shek-Sen-Fundos é um fantástico chiste que brinca com o suposto empréstimo internacional, fazendo um trocadilho que mistura 'cheque sem fundo' e até o conhecimento do estereótipo das riquezas dos sheiks árabes. Além disso, faz a mesma alusão com Chian-Kai-Shek e ataca o governo com a expressão popular Chim-Frim

²⁷⁸ (Idem, p.14)

²⁷⁹ (Idem, p.14).

que diminuiu o outro. O uso do francês *carriere*, de significado sobre o tipo de carreira, faz referência ao 'sofisticado', 'burguês', que a carreira de diplomata traz.

Em um texto feito especificamente para o *Almanhaque*, o Barão segue à risca o exemplos dos almanques da época e traz um perfil de cada mês do ano, comentando o horóscopo, a previsão do tempo e as atividades agrícolas indicadas. De fevereiro, sobram algumas piadas a respeito do trabalho e a folia do carnaval.

*O carnaval é uma festa tão móvel que não sabemos, afinal, se neste ano cairá em fevereiro ou março. Por causa das dúvidas será conveniente festejá-lo durante estes dois meses e, então, já não podemos pensar em trabalhos pesados de lavrar a terra, a não ser que algum gaiato tenha a lembrança de se mascarar de camponês antigo e comece a plantar marmelos para fabricar goiabada cascão (...) Os camponeses de responsabilidade, neste mês, poderão se fantasiar de comissários de café, que vivem muito bem vendendo na bolsa milhares de sacas que não existem, mas que aparecem misteriosamente sob a forma de infusão de Chicória nos bares elegantes dos Estados Unidos e nos cafés da Europa Ocidental.*²⁸⁰

Das ironias percebidas, um caso de humorismo, o Barão instaura a preguiça e malandragem do povo brasileiro de começar a trabalhar em janeiro seriamente já visando as festanças de carnaval. Do ataque ao povo e essa cultura, ele parte para o ataque aos barões (distintos dele, oras) e toda a economia do café que fazia enriquecer os senhores, políticos e, de bom grado, saciava os estrangeiros, enquanto no Brasil a situação não era das mais amistosas.

²⁸⁰ (Idem, p.23).

Na coluna *A origem do símbolo Cr\$*²⁸¹, o Barão comenta a instituição do cruzeiro como moeda nacional em substituição ao mil réis. Como explica o fantasioso texto, a mudança ocorre por consequência da Segunda Guerra Mundial e a governata de Getúlio Vargas:

*Depois de duas horas de extenuantes e exaltadas discussões, ficou decidido que, como estávamos empenhados numa guerra que passaria para a História, nada mais justo que escolhêssemos para a nossa nova moeda, um símbolo que perpetuasse uma homenagem aos nossos aliados, Inglaterra, Estados Unidos e Rússia. E assim, por unanimidade que a abreviação oficial do cruzeiro fosse integrada pelas iniciais dos três bigs do momento, que eram Churchill, Roosevelt e Stalin, isto é CRS. A grande comissão de técnicos foi, então, incorporada à presença do Sr. Getúlio Vargas, para cientificá-lo do resultado a que tinham chegado. O presidente concordou com tudo, muito satisfeito, mas, no momento em que foi assinar o decreto da regulamentação da nova moeda, riscou, a última hora, a inicial de Stalin. Por isso, a abreviação do cruzeiro apareceu e continua a aparecer assim: Cr\$...*²⁸²

Humorismo politicamente incorreto? Pois sim. Falar de Getúlio, nesse tom de deboche, era algo arriscado, consequente e alternativo. As graças do Barão se estendem em associá-lo a figuras políticas internacionais e mostrar como a política exterior influenciava a economia daqui, o que podemos entender –talvez – como uma pontada ao capitalismo (lembrando que o Barão era comunista de carterinha). Vale a recordação de Freud que em um dito humorístico, seu autor deve conseguir se afastar do problema e ser superior a ele para conseguir zombá-lo. Apesar de atacar com os chistes, ri com o humorismo de sua moral.

²⁸¹ (Idem, p.60).

²⁸² (Idem, p.60).

Mais um exemplo em que cutuca Vargas pode ser conferido no texto *As canções mexicanas*:

*Estão em grande voga as canções mexicanas, vulgarizadas por cantores como Tito Guizar, Pedro Vargas, Elvira Rios e Ortiz Tirado. Por todos os recantos do Brasil, rádios e as vitrolas divulgam as lindas musicas que nos vêm da terra asteca. Neste momento, Vargas está cantando para os brasileiros, traduzida para a língua do Rio Grande, que todos nós apreciamos, a bela canção 'Volverás', que, na versão, intitula-se 'Voltará'. São violentas, por vezes, as manifestações que provoca. Por mais de uma vez, voaram garrafas, pratos com bifes a cavalo, copos e talheres, em bôites elegantes, quando foi entoada a canção sentimental. Vargas, que canta como tenor, está engrossando cada vez mais a voz. Está falando cada vez mais grosso. Será algum distúrbio glandular?*²⁸³

A provocação neste caso se evidencia no título da canção, *Voltará*, promovendo uma alusão ao fato de Getúlio, mais de uma vez, ter ocupado cargos governamentais. Fosse que o mandato tivesse terminado ou revoluções o tenham tirado à força, o político gaúcho sempre se manteve influente e com muita moral entre seu público. Portanto, a anedota provoca a possibilidade dele, mais uma vez, retornar para o jogo político, desespero para alguns, como o caso do Barão. Outra passagem do texto que evidencia essa impressão é a frase *Vargas, que canta como tenor, está engrossando cada vez mais a voz. Está falando cada vez mais grosso*. Engrossando a voz, para bom entendedor, quer dizer que o autoritarismo, o nervosismo e o descontrole estão crescendo, sugerindo que o político estava *forçando* a barra para voltar ao comando. O Barão consegue provocar ataques (de riso) diretos com simples entrelinhas, criando a história de uma música e se utilizando do seu título e personagens para criticar Vargas.

²⁸³ (Idem, p.188).

A respeito do estrangeirismo, o Barão também teceu uma série de anedotas linguísticas. O prof. Jacinto Dores Nobasso, mais uma invenção do humorista, assina a coluna *Pela renovação do nosso idioma*.²⁸⁴

A crítica satírica comenta que a língua não tem evoluído desde o século passado (no caso, final do séc. 19), a não ser por alguns estrangeirismos que lhes foram impostos por conta de necessidades comerciais ou delírios esportivos. Esse fato, continua o professor, tem um triste significado, pois demonstra que a língua portuguesa, em vez de evoluir, seguindo os surtos do progresso, se corrompe e deteriora no seu vocabulário.

Em *Lição prática*, há outra anedota sobre o estrangeirismo:

O rapaz era tão burro, mas tão burro que não conseguia passar da primeira lição na aula de inglês. O professor e os colegas já estavam impacientes. E ele não acertava nem a dizer 'I'. Então, o mestre resolveu adotar um método novo: - deu um bruto ponta-pé na canela do rapaz e ele gritou logo:

- Ai!

*- Pois se pronuncia assim mesmo – disse o professor.*²⁸⁵

Neste último exemplo, sobre a crítica aberta ao estrangeirismo, o Barão dá a entender que é necessária a força para conseguir instaurar no Brasil uma nova cultura. Que os cidadãos, obrigados a digerir novas raízes, precisam enfrentar situações de opressão (na figura do professor) e de colegas que já aderiram à causa.

Portanto, a partir dos exemplos selecionados, pudemos acompanhar o aparecimento e uso recorrente das diferentes técnicas de chistes e do humor elucidadas por Freud e constatadas nas produções escritas do Barão. A *condensação* do chiste é a técnica menos utilizada, provavelmente, como apontamos anteriormente, por sua enorme força oral e temporária, deixando espaço para o *múltiplo uso do mesmo material* e *duplo sentido* provocar o politicamente incorreto. Vimos também que em poucas oportunidades os ditos humorísticos eram ingênuos e sem destino certo. Ao contrário, eles

²⁸⁴(Idem, p.201).

²⁸⁵(Idem p.198).

criticavam o governo, os militares, a cultura e a própria sociedade. O Barão, por meio da subversão linguística e intelectual, gerou repetidos ataques de riso em seus leitores e admiradores.

(O) Pasquim

O *Pasquim* também usou das técnicas dos chistes, cômico e do humor para ilustrar suas páginas e enrolar a censura com ditos politicamente incorretos. Em uma coluna assinada e ilustrada por Ziraldo, há a “convocação” para o “abaixo o palavrão”, questão sempre discutida pela necessidade e validade de usar palavras tidas como impróprias para o público geral.

*O palavrão é tão vital que é o único substantivo (ou interjeição) que já contém ponto-de-exclamação. Nós reconhecemos que uma boa empolgação ou uma emoção maior não pode viver sem um palavrão adequado. Entretanto há que se respeitar aqueles a quem o palavrão choca ou contunde. Somos a favor da convivência pacífica e aqui estamos para propor uma solução para o impasse: acaba-se o palavrão mas que a língua adote palavras novas tão precisas quanto necessitem a exteriorização de nossas emoções mais vigorosa. Aqui está uma pequena coleção de algumas. Guarde-as para os seus bons (ou maus) momentos e esteja certo de que você pode responder sempre sim à pergunta:*²⁸⁶

“*Duca*”²⁸⁷

A expressão *Duca* é um eufemismo esperto para referir-se a “do caralho”, tão cotidianamente usada e hipocritamente mal vista pelos adultos. No caso, a *condensação* é a técnica utilizada para fazer o chiste a partir da abreviação e a formação de um substituto, mencionada por Freud. A

²⁸⁶ (O PASQUIM, Antologia. 2006, p. 74).

²⁸⁷ (Idem, p.74).

sensação de prazer é alcançada a partir do efeito elástico da palavra, que consegue transmitir sua ideia original dado a similaridade sonora e psíquica. Sem esforços, ela alcança o resultado de dizer o proibido sem, contudo, poder ser censurada. A mesma lógica é utilizada nas condensações *quimera* e *sifo*.

“É Ford!”²⁸⁸

Neste exemplo, a anedota pode ser incluída no grupo de *duplo sentido*—com significados metafóricos e literal estruturado por Freud. O chiste faz um trocadilho com o palavrão proibido e aproveita para satirizar a famosa marca de carros, que metaforicamente brinca com a potência e alcance dos veículos e da expressão original.

“Pasquim: ame-o ou deixe-o”²⁸⁹

Durante a ditadura, o patriotismo virou pauta na casa de todos os brasileiros. Em meio ao caos e medo instaurados, o governo tentava vender a ideia de que aquela situação era ideal para consertar o país, e por isso, em certo momento usaram da publicidade “*Brasil: ame-o ou deixe-o*”. A modificação do *Pasquim* é simples e efetiva e entre no caso de *condensação com modificação*. O nome do jornal assume a posição de Brasil, utilizando da mesma força publicitária e marqueteira para incentivar todos que estavam em dúvida se apoiavam a ditadura ou, ao lado do *Pasquim*, lutariam contra a censura militar.

“Abaixo ao regime - Viva o gordo!”²⁹⁰

A frase do chiste, em sua publicação original, aparece dentro de um cartum de Ziraldo, com a caricatura do humorista Jô Soares (que também fez parte informal do *Pasquim*) pichando o dizer em uma parede. A estratégia é de usar a figura de um obeso conhecido para justificar o *abaixo o regime*. Contudo, é mais do que óbvio que a brilhante ideia era uma crítica direta ao regime militar. Abaixo o regime militar e a censura do pensamento,

²⁸⁸ (Idem, p.74).

²⁸⁹ (Idem, p.144).

²⁹⁰ (Idem, p. 34).

naturalmente. No caso, o trocadilho insere-se tanto na técnica do *múltiplo uso do mesmo material com sentido pleno e sentido esvaziado*, quando em *duplo sentido com uma alusão*.

No próximo exemplo, em um cartum de três blocos de Fortuna, um homem e uma mulher estão sentados na praça:

“Mulher: Aqui não!

Homem: Mas eu não disse nada...

*Mulher: Pois é. Estou fazendo a censura prévia.”*²⁹¹

O cartum brinca com a ideia de que o personagem chegou na mulher a fim de paquerá-la, tendo ela, ao contrário, desde o primeiro momento já interceptado sua suposta intenção. O recado nas entrelinhas era para os censores do jornal, que muitas vezes sem entender o significado das sessões já a censuravam.

A turma do *Pasquim* também aproveitou as facilidades de se enrolar a censura (por vezes eles não entendiam, e por outras os censores eram contra o governo e fãs do jornal) para fazer o humor com a própria tarefa de escrever nas entrelinhas, o que resultou na seguinte coluna.

Aprenda a ler nas entrelinhas, de Ziraldo.

“SOMOS CONTRA

todos aqueles que dizem que somos contra

O GOVERNO”

“SOMENTE A TELEVISÃO

desligada

SALVARÁ O BRASIL ”

“TODO PAULISTA

que não gosta de mulher

²⁹¹ (Idem, p.211).

Nos três casos selecionados, a brincadeira apresenta diversas frentes. A introdução da coluna de Ziraldo, *Aprenda a ler nas entrelinhas*, já é uma cutucada à censura, esta, a responsável por decifrar as entrelinhas (estas, no sentido metafórico do termo, com significados ocultos) que os humoristas publicavam no jornal. O que se vê no texto são estruturas que se valem desse título. Portanto, Ziraldo usa tamanhos diferentes de letras e constrói frases impactantes e que poderiam gerar muitos problemas. Contudo, em certo momento, frases em tamanhos menores mudam completamente o rumo do pensamento. Na técnica dos chistes freudianos, as frases se encaixam no grupo de *múltiplo uso do mesmo material em ordem diferente*, por preservar a originalidade das palavras, mas utilizar uma saída semioticamente inteligente para provocar o leitor em uma primeira leitura.

O texto “*Independência, é? Vocês me matam de rir*”²⁹³, de Millôr, é um dos mais simbólicos de toda a história do *Pasquim*. O humorista, na época, já era referência para os demais colaboradores da patota, e por isso suas palavras e opiniões valiam muito. A coluna abre a primeira edição do semanal, e nela está a famosa máxima “*se esta revista for mesmo independente não dura três meses. Se durar três meses não é independente. Longa vida a esta revista!*” Este trecho é um exemplo de humor, pois torna a moral ridícula e mantém a dignidade do autor frente à situação da censura.

Desde a primeira linha, em tom extremamente jocoso, Millôr apresenta razões que conspiram contra o sucesso do jornal, já que, por experiência própria, ele se viu vítima de alguns insucessos forçados.

E também prevê alguns prejuízos que poderiam forçá-los a radicalmente silenciar, como deixa claro, com um trocadilho, na última frase. “*Podem começar a contagem regressiva. Independente, com larga experiência no setor, falo de cadeia (perdão, cadeia).*”²⁹⁴

²⁹² (Idem, p.108).

²⁹³ (Idem, p.17).

²⁹⁴ (Idem, p.17).

Em seguida, Millôr comenta do fracasso da revista *Pif-Paf*, por ele dirigida, que ajudou a inspirar o nascimento do *Pasquim* e enumera alguns problemas que ninguém gostaria de enfrentar, como o A) establishment (naturalmente, o Estado), “*que nunca tendo olhado com bons olhos a nossa atividade, agora, positivamente, não vê nela a menor graça*”; B) as agências de publicidade, que só se interessam pelo humor estrangeiro; C) a Igreja, “*que depois de uma guinada de 360 graus, é extremamente liberal em tudo que seja dito por ela mesma* e D) a família e classes sociais, pessoas uniformizadas, entre outros²⁹⁵. Ao fim do texto, um post-scriptum resume, praticamente, toda a mensagem: “*Não se esqueça daquilo que eu te disse: nós, os humoristas, temos bastante importância pra sermos presos e nenhuma pra ser soltos*”²⁹⁶, no que visivelmente podemos associar à técnica do múltiplo uso do mesmo material em ordem diferente.

Em 1970, no mês de março, o *Pasquim* publicou um texto ousado onde menciona o atentado a bomba que a redação quase sofreu. O tom inicial do texto é mais sério do que de costume, citando o que o perito do DOPS, o detetive Penteado, examinou dos vestígios, concluindo que se a bomba tivesse explodido --o erro foi terem apertado demais a ligação do estopim com a espoleta--, o resultado teria ultrapassado apenas suas vítimas iniciais e poderia ter se alastrado para prédios vizinhos promovendo uma verdadeira catástrofe.

O texto ainda cita, já com sua ironia característica, que outros veículos de comunicação fizeram pouco caso do episódio, além de comentar que, se tal fato tivesse se concretizado, o dano para o *Pasquim* talvez tivesse sido bem pouco, pois afinal, toda a patota estava no bar. Os companheiros finalizam a nota com “*para evitar qualquer futuro atentado, damos, acima, aquilo que tão ardentemente desejam os terroristas: ver nossas caveiras*”²⁹⁷, com uma fotografia para lá de ilustrativa, onde os integrantes do *Pasquim* pintaram seus rostos simulando a face de caveiras, logo, o significado da morte. O texto todo caracteriza-se pelo uso de uma linguagem cômica, pois

²⁹⁵ (Idem, p.17).

²⁹⁶ (Idem, p.17).

²⁹⁷ (Idem, p.90).

há uma constatação do fato de que tentaram explodir a redação, e não o fizeram por incompetência. É risível, extremamente risível, pois altera a ordem das coisas.

O *Pasquim* também usava muito de ditos espirituosos *nonsense* que geram prazer pelo absurdo de seu conteúdo. São, em sua totalidade, frases inventadas, que fogem do senso da realidade (ou do ridículo). Neste caso, Millôr reuniu, então, declarações de personalidades políticas e intelectuais como que eles tivessem dado depoimento ao jornal comentando a situação política do país:

Sempre achei que as massas populares são atraídas mais facilmente por uma grande do que por uma pequena mentira (Adolf Hitler)

Não tenham medo da censura. Para os puros todas as coisas são puras (Tito)

O lucro é fundamental. Guardem a consciência na carteira (Molière)

Cuidado: num país subdesenvolvido um grande salafrário é altamente respeitado; as grandes ideias é que são terrivelmente suspeitas (Bernard Shaw)

O PASQUIM é 1 (hum) feito admirável (Magalhães Pinto)

O negócio é evitar a sinceridade mesmo quando a gente afirma que não está sendo sincero (Machado)

O fim justifica os meios. Mas nada justifica a mediocridade (Camões)

Não tenham medo de dizer besteira. Mesmo a pior música de banda é admirável se ajuda a gente a marchar contra o inimigo (Nietzsche)

É terrível ser pioneiro. Ao primeiro cristão que entrou na arena coube, naturalmente, o leão mais faminto (Saki)

Persistam. São os fabricantes de fósforos os que têm mais lucros nas épocas de grande escuridão (Júlio Bernardes)

Lembrem-se de que não há nada de novo debaixo do sol mesmo em dias de chuva (Ionesco)

A união faz a fossa (Tânia Caldas)

Acho que o jornal de vocês nasceu péssimo e continua aprimorando o seu caminho natural (Shakespeare) ²⁹⁸

Outra brincadeira que gerou revolta por conta dos militares foi com a famosa pintura de Pedro Américo, sobre o grito da Independência²⁹⁹. O responsável pela sátira ao quadro é Ziraldo, que adicionou um balão de diálogo, com o dizer “*Eu quero mocotó!!*”³⁰⁰ no meio da pintura. Isto foi a causa do surto de gripe --comentado no capítulo anterior--, onde 11 integrantes da patota ficaram meses atrás das grades. Tal fato fez com que Millôr escrevesse o famoso texto (*O rush da solidariedade*, Pasquim 74, 1970) informando seus leitores o acontecido, isso quer dizer, sobre o suposto caso de gripe. “*O surto de gripe, de há muito anunciado pelos jornais, tinha atingido o Oriente Médio, assolado a Grécia, depois de passar por parte da Itália e pela Tchecoslováquia.*”³⁰¹

²⁹⁸ (Idem, p.107).

²⁹⁹ (Independência ou morte, Pedro Américo, 1888).

³⁰⁰ (Idem, p.172).

³⁰¹ (Idem p.172).

O texto, com a alusão à gripe, num caso de *duplo sentido com significado metafórico*, comenta que, de repente, começaram as baixas na turma, sendo um a um, os redatores e desenhistas sendo apanhados, ao que acrescenta, *“uma verdadeira reação em cadeia”*³⁰², usando aqui a técnica do *múltiplo uso do mesmo material com sentido pleno e sentido esvaziado*. A mensagem sobre a prisão da censura continua cutucando os militares, ao escrever que depois que os médicos *“tomaram o pulso”* e nada de *“muito grave”* havia ali registrado, e não era sequer contagioso, depois de um ou dois dias de *“recolhimento”* (um caso de *duplo sentido double entendre*), os pacientes internados estariam soltos, livres para exercer suas atividades normais. Como isso não aconteceu, o artigo informa que uma série de amigos da patota tão logo se disponibilizaram a colaborar para dar continuidade à publicação.

*Uma verdadeira multidão de escritores, jornalistas, desenhistas, cantores, desportistas, publicistas, banqueiros e bancários que vinham se oferecer para trabalhar comigo, para votar em mim para senador da Arena (quem sou eu, amigos?), enfim, para manter acesa a chama d'O PASQUIM.*³⁰³

Portanto, podemos concluir que o *Pasquim* foi, sem dúvidas, um jornal politicamente incorreto, alternativo, que utilizou a linguagem dos chistes, cômico e humor para provocar o riso e atacar, denunciar e humilhar o governo imposto da ditadura e censura militar. Dos três grupos de chiste freudiano, a *condensação* é, mais uma vez, a menos é utilizada. Contudo, o *múltiplo uso do mesmo material* e o *duplo sentido* construíram boa parte das anedotas publicadas pelo jornal, quase sempre complementadas por textos de pura ironia e sarcasmo, algo que condiz com os contextos do cômico e do humor. Todo o prazer conquistado pelas palavras publicadas foram geradas e transgredidas a partir das economias recalcadas.

³⁰² (Idem, p.172).

³⁰³ (Idem, p.172).

Revista *piauí*

A revista *piauí*, contemporânea ao tempo deste trabalho, entre todas as publicações no cenário nacional é a que mais se aproxima do tema do *ataques de riso* proposto. Diferente de outros jornais e semanais, seu conceito geral, como apresentado no capítulo anterior, é a de pautar assuntos que outros não pautam, e isso pode ser entendido em relatar notícias que não são divulgadas pelas outras mídias impressas, como também em contar versões ‘novas’ e ‘diferentes’ de fatos que envolvem figuras políticas. Não é exagero, portanto, nomeá-la como *politicamente incorreta*. Vale reforçar que a publicação, como um todo, compartilha dessa veia humorística, irônica e de denúncia, enquanto outras mídias ‘sustentam’ essa escolha por meio de alguns colunistas que, não necessariamente, correspondem à opinião dos jornais e revistas.

O título ‘alternativa’ também tem seu valor dentro de um contexto, que mesmo ela não vivendo em clandestinidades ou passando por dificuldades financeiras por falta de publicidade, pelo contrário, se usando dela para reforçar sua imagem frente à massa, nos tempos modernos e atuais de uma democracia aberta e com o capitalismo mais do que estabelecido, consegue desempenhar um papel diferente entre as mídias beneficiando-se da inteligência e arrojo que não prendem seus ‘rabos’ com medo de opinar sobre todos os tipos de assuntos.

Tendo isso em vista, foram selecionadas algumas passagens para dar continuidade e concluir a análise das mídias.

Ao mesmo tempo que a mídia consegue desempenhar o politicamente incorreto com base no humor, os textos da *piauí* são os que menos se utilizam das técnicas dos chistes para conquistar o público. O risível na publicação aparece, muito mais, por conta do uso da ironia e sarcasmo, por meio de situações cômicas e humorísticas, em relatos de absurdos e cenas improváveis. Na fuga do cotidiano, do já sabido, de situações que aparentemente fogem de nosso controle.

Nos exemplos a seguir, foi encontrado o uso *múltiplo do mesmo material*, contudo, apenas nos títulos das reportagens, com pouca aparição

ou sem, ao longo dos textos. Apesar de parecer pouco, isto não o é de fato, tendo como ponto de vista que é o título quem primeiro chama a atenção do leitor e desperta seu interesse em ler a notícia. Ao provocar a gargalhada, o prazer da anedota instiga o observador a saciar a curiosidade lendo o desdobramento do título. Exemplos:

*Chute em cachorro morto*³⁰⁴

A matéria usa da expressão popular *chute em cachorro morto*, utilizada para criticar a covardia, ou seja, atacar quem já está caído ou derrotado, para denunciar a falta de espaço para sepultamento de animais domésticos. O trocadilho inteligente, a técnica do *duplo sentido freudiano*, permite que a frase em seu sentido original linguístico, uma metáfora, seja pensada como uma situação real, para se referir ao absurdo número de cachorros e gatos, principalmente, que estão literalmente aos pés dos cidadãos de Brasília, local onde o problema ocorre.

*Baixa fidelidade*³⁰⁵

Neste caso, a escolha do título usa do *múltiplo uso do mesmo material com leve modificação* para fazer alusão ao filme *Alta fidelidade*³⁰⁶. A película conta a história de um apaixonado por música, dono de loja de discos, que vive o drama da meia-idade e quer descobrir a razão de seus relacionamentos não terem dado certo. O texto, por sua vez, discute a modernidade dos novos tocadores de música, MP3 e Ipods, que comprometem a qualidade do som e a discussão a respeito de troca de arquivos online que enfurece muitos artistas. A tecnologia e os artistas é também uma relação em crise.

*Nós que nem roubávamos tanto*³⁰⁷

O título de Cadão Volpato faz referência ao filme de Ettore Scola, *Nós que nos amávamos tanto* (1974), que relembra a história de três amigos

³⁰⁴ (Piauí, Chute em cachorro morto, Ed.2, 2006).

³⁰⁵ (Idem, Cassiano Elek Machado, Ed.6, 2007).

³⁰⁶ (*Alta fidelidade*, dir. Stephen Frears, 2000).

³⁰⁷ (Piauí, Cadão Volpato, Ed.6, 2007).

italianos durante a ocupação nazista e posteriormente no engajamento político dos anos 60. No texto, o autor escreve sobre um grupo de jovens que protestou durante a ditadura brasileira (eis uma referência ao título— jovens revolucionários contra ditadura) e que, como forma de protesto, roubou uma escultura dedicada ao poeta Garcia Lorca que já estava aos pedaços depois de uma ação dos paramilitares.

*Vestida para arrasar*³⁰⁸

Outro exemplo que faz referência a um filme de sucesso, no caso *Vestida para matar*³⁰⁹, de Brian de Palma, um suspense policial erótico, que foca no crime de uma mulher que acabara de trair o marido pela primeira vez. O texto de Thurman foca no episódio final de Maria Antonieta, jovem rainha francesa que enfrentou a revolta do seu povo. A brincadeira, como destaca o texto, é *que nenhuma outra rainha, com a exceção talvez de Cleópatra, teve maior empenho em se apresentar à história com a devida elegância* em seu caminho para a morte. Como é possível perceber, o texto usa do cômico, algo constatado, e não produzido, para manter a leveza risível do texto.

*O senhor dos nerds*³¹⁰

Mais uma referência *pop*, o título faz um trocadilho com a famosa obra de Tolkien, *O senhor dos anéis*, e a leve modificação, a troca de anéis por *nerds* é sintomática e diz respeito ao principal público leitor da obra. O texto comenta a quase extinção do primeiro grande jogo de RPG, o *Dungeons & Dragons*, que culminaria em tantos outros a partir dele. Este *Senhor* jogo era o reduto para jovens *nerds* fugirem do mundo real -- e dos pais e valentões, coisa que atualmente não é mais comum, já que ser *nerd* hoje é coisa de gente esperta.

³⁰⁸ (Idem, Judith Thurman, Ed.6, 2007).

³⁰⁹ (*Vestida para matar*, dir. Brian de Palma, 1980).

³¹⁰ (Piauí, André Conti, Ed. 19, 2008).

*O filho de Rosemeri*³¹¹

O título faz trocadilho com o horripilante filme de Roman Polanski, *O bebê de Rosemary* (1968), de Roman Polanski, para contar a trajetória de Edinho, ex-jogador de futebol, filho do ídolo Pelé, acusado de tráfico de drogas e muitas brigas com mulheres e família. Este rapaz que, filho do Rei, era cercado de expectativas. No entanto, o trocadilho não gera graça apenas pela alusão filho diabólico, mas sim pelo cômico fato, que permite ainda mais o trocadilho, de a mãe do personagem Edinho realmente se chamar Rosemeri, nome que se aproxima muito da pronúncia de Rosemary do filme.

*Polícia, câmera, ação*³¹²

Em mais um caso de chiste, naturalmente a expressão corriqueira (ou nem mais) usada por diretores de cinema, '*Luz, câmera, ação*', tem a primeira palavra trocada por 'polícia', personagem principal da matéria que discute e busca entender como as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) ocuparam favelas no Rio de Janeiro e viraram destaque nos noticiários nacionais. O sentido do texto faz referência também ao sucesso do filme *Tropa de Elite*, de José Padilha, que acompanha a luta dos policiais contra o tráfico nos morros cariocas. Passagens do texto identificam situações cômicas, como a nova onda de políticos quererem aparecer em fotos com os polícias e como estes devem aprender a se comportar para conversar com a imprensa e passar uma boa impressão.

Desde a primeira edição impressa da *piauí*, os assuntos estranhos e diferentes, principalmente, são os que incorporam certo humor à revista, pois, lembrando de Bergson e Freud, o diverso que chama a atenção da multidão causa riso.

Curiosidades cotidianas que escapam da vida de trabalhadores brasileiros e estrangeiros são descritas em textos detalhistas e literários, que estão mais preocupados em transmitir ao leitor a descrição e características dos cenários e personagens com quem está se falando do que a rapidez do

³¹¹ (Idem, Fábio Fujita, Ed.34, 2009).

³¹² (Idem, Cristina Tardáguila, Ed. 47, 2009).

fato. Afinal, essa não é uma publicação da “fatos quentes”, e sim uma que gosta de contar histórias que merecem ser conhecidas.

O texto *Búfalo Soldiers*³¹³, por exemplo, descreve o dia a dia do inusitado 8º batalhão da polícia militar do Pará, “a única polícia montada em búfalos de que se tem notícia no planeta.” Animal pouco comum em terras brasileiras, descobre-se pela reportagem que o búfalo é quase um coringa na vida dos moradores de Ilha do Marajó (ou seja, uma constatação cômica pela importância de um animal que estamos apenas acostumados a ver em filmes de John Ford/Wayne e companhia), exercendo algumas outras tarefas, como puxadores de carroças, doadores de leite para a produção do queijo marajoara, além de servirem, vez ou outra, de alimentação na forma de filés e fritada de vaqueiro.

O texto ainda comenta a discórdia política entre o então prefeito e o líder do Batalhão, que se desentendiam em tudo. A única coisa em comum é que se orgulhavam dos búfalos da cidade. Desta última anedota, particularmente, podemos compreender que o jornalista foi um humorista, provocando prazer em si mesmo ao relatar o fato, sendo que a partir do momento em que o leitor lê, o humor pode ser visto como um fato cômico. Como se isso já não fosse suficiente, a matéria dá destaque principal à beleza dos chifres dos animais e seu grande vigor físico, algo que causa impacto aos outros criadores de búfalo da região e até para a população orgulhosa. O segredo? Óleo de peroba.

O líder do batalhão marajoara entende de brilho. Dourado, nome do tenente-coronel, diz que o primeiro passo é lavar muito bem. As mangueiras são atarraxadas diretamente na caixa d'água, e os jatos saem fortes como os de um lava-rápido. Depois é a vez dos escovões, com impiedosas cerdas de aço. Potes de graxa preta – ‘tem de ser da marca Nugget’ - são

³¹³ (Idem, Cassiano Elek Machado, Ed. 1, 2006).

*usados em seguida. O trabalho dos recrutas só termina depois que os chifres estão tinindo.*³¹⁴

Percebemos na passagem o uso do cômico e do humor para ilustrar as qualidades do pelotão e seu distinto conhecimento sobre como lidar com búfalos em terras brasileiras. A frase *O líder do batalhão marajoara entende de brilho* não faz nenhum trocadilho, condensação ou mesmo duplo sentido aparente. Ela é uma afirmação. Ele entende de brilho. Pronto. Contudo, a constatação torna cômica o fato pela ideia robusta e rústica que se espera de um comandante, um líder, que apresenta qualidades de uma dona de casa, praticamente, como se lê na descrição do texto, que finaliza com *O trabalho dos recrutas só termina depois que os chifres estão tinindo*, o que traz à memória a ideia de que soldados de exército, por exemplo, sofrem com as ordens de chefes e generais para limpar tanques, armas e dormitório, enquanto eles ilustram chifres.

Na mesma edição, o ensaio de Roberto Pompeu de Toledo³¹⁵, que provoca a dúvida de ser uma ficção ou fato (o que já faz dele um próprio humorístico, pois o leitor põe em questão se acredita ou não na história, reconhecendo a superioridade do leitor em fazer você, pelo menos, pensar), promove uma sátira crítica à nacionalidade brasileira, ao comentar a identificação da personalidade do papagaio com a dos cidadãos, de uma forma geral.

Na ‘tradução ornitológica’ do texto, o autor apresenta os diversos momentos em que a jocosa ave é elevada, por acaso ou não, a símbolo brasileiro (o malandro falastrão), além de traçar um interessante histórico sobre a chegada do papagaio brasileiro em terras europeias.

Se os Estados Unidos ostentam a águia como símbolo, a França o galo e o Chile o condor, o Brasil tem o papagaio como tradução ornitológica da nacionalidade. À diferença desses outros países, o papagaio não figura nos escudos, nos selos,

³¹⁴ Idem, Cassiano Elek Machado, Ed. 1, 2006).

³¹⁵ (Idem, Roberto Pompeu de Toledo, Ed.1, 2006).

*nas medalhas, ou em outros sinais pelos quais o Estado anuncia sua presença. Talvez não o tenham julgado digno de tais honrarias. Ele não é forte como a águia, não tem a autoridade do galo nem voa alto como o condor. Exibe um ar matreiro e carrega uma reputação galhofeira que não o recomendam para o papel de representar oficialmente a pátria. Apesar disso, está presente na história no Brasil em manifestações que vão da carta de Pero Vaz de Caminha ao Zé Carioca. "Terra Papagalli" foi um nome que concorreu com o de "Brasil", e até com certa vantagem, nos anos que se seguiram à Descoberta. Se tivesse vingado, nosso país seria conhecido hoje por um nome de bicho, como a República dos Camarões, e nós seríamos os "papagaienses", ou "papagaianos", o que talvez soasse de mau gosto, mas de modo algum seria despropositado. O papagaio brasileiro se fez presente, ao longo dos séculos, em autores que vão do filósofo inglês John Locke ao romancista francês Gustave Flaubert. Pousou no ombro dos piratas e virou protagonista de piadas. Em todos esses casos, de uma forma ou de outra, apresentou-se a serviço das cores nacionais, que por acaso (ou não seria por acaso?) são as mesmas de suas penas.*³¹⁶

A febre dos papagaios, que além de muito belos e coloridos (ao contrário dos exemplares africanos, que exibiam plumagem puramente parda), incitou verdadeiras malandragens entre os conquistadores portugueses e franceses. Além de debandarem o pau-brasil, os navegadores exerciam o capitalismo com os indígenas na troca de mercadorias pelos animaizinhos então domesticados. E mais importante, como observa Pompeu, era ensiná-lo a língua francesa. *"Um papagaio que já chegasse papagaiando algo na língua de Montaigne valeria mais nos mercados de Honfleur ou Paris."*³¹⁷

³¹⁶ (Idem, Roberto Pompeu de Toledo, Ed.1, 2006).

³¹⁷ (Idem, Roberto Pompeu de Toledo, Ed.1, 2006).

Esta característica, aliás, é uma das que mais prestigiam o bichinho. O traço da voz, da fala os torna quase humanos, como escreve o autor. Por isso mesmo, são engraçados. “*Se temos em conta que induzem ao riso e à zombaria, fica mais fácil entender que podem induzir a ‘ligeirezas’, como diz o autor seiscentista*”³¹⁸, comenta. E fato: pelas palavras, eles são chegados a obscenidades, tal como nós somos. Ou seja, como finaliza o texto, o papagaio encarna, por fim, a identidade múltipla do brasileiro. Bonito, imitador, malandra e, em síntese, alegre.

Como fica evidente, o cômico dá o tom do texto caprichosamente elegante. É fácil vê-lo como uma sátira, uma caricatura, uma ironia nem tão irônica assim, pois, como explica o texto, o papagaio tem razão de ser o ícone nacional, principalmente à vista de outras culturas. Sem a beleza, ação e porte de outras aves, essa diferenciação e jeitinho especial de ser o tornam atraentes aos olhos de fora. Ao mesmo tempo cômico, o dito espirituoso, o chiste, aparece pelas metáforas. Se não brinca com condensações ou múltiplos usos, aciona o prazer do inconsciente por meio do neologismo.

Na edição de número 4, o texto de Francisco de Oliveira (o conhecido sociólogo Chico de Oliveira, um dos fundadores do PT), *Hegemonia às avessas*³¹⁹, trata do embate político que elegeu Lula para seu segundo mandato como Presidente da República. A reportagem, ao contrário das comumente lidas na *piauí*, segue um padrão jornalístico que poderia ser visto em qualquer outro veículo da mídia. O texto não é uma reportagem, apesar de apresentar dados sobre a quantidade de votos para cada candidato (Lula e Alckmin, do PSDB), mas sim uma ensaio crítico do ponto de vista de alguém que conhece bem de perto o assunto e busca explicar as razões do vitorioso candidato ter enfrentado certo sufoco no primeiro turno, enquanto que no segundo venceu facilmente a disputa.

O risível nesse exemplo é praticamente nulo, apesar das inúmeras possibilidades que poderiam ser exploradas, como a campanha, os equívocos e promessas a serem cumpridas. Contudo, o autor prefere

³¹⁸ (Idem, Roberto Pompeu de Toledo, Ed.1, 2006).

³¹⁹ (Idem, Francisco de Oliveira, Ed.4, 2007).

simplesmente constatar os números e levantar uma ou outra hipótese do que poderia ser o mandato do presidente reeleito. A maior ironia do conjunto poderia ser a escolha do sociólogo, largamente envolvido com o PT desde o começo de sua trajetória, mas nada além disso.

Na edição 6, o elemento da denúncia da reportagem *A Vale é verde?*³²⁰, assinada por Luiz Makloun Carvalho, gera um sentimento de satisfação (e ódio) ao leitor que lê parágrafo a parágrafo as ambiguidades ambientais da segunda mineradora do mundo.

A Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada (1997) durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, e o ato causou grandes desavenças entre intelectuais e políticos de esquerda e direita, além de levantar muitos confrontos entre articulistas na imprensa. Em maio de 2007, a Vale completou dez anos de privatização (a Companhia foi criada em 1942, durante a gestão de Getúlio Vargas), o que motivou a apuração da reportagem.

A dualidade de sentimentos por parte do leitor que é informado a respeito das operações da Vale pode ser percebida logo na abertura do texto, logo depois do trocadilho do título, em referência ao livro *Como era verde meu vale* (1939), do galês Richard Llewellyn, que explora o tema do trabalho em uma mina de carvão, e que posteriormente foi adaptado com sucesso para os cinemas com direção de John Ford, em 1941, que levou, entre outros, o Oscar de melhor diretor e filme. De volta ao texto:

Segunda maior mineradora do mundo (a maior é a anglo-australiana BHP Billiton), a empresa (Vale) anunciou que gastará até o fim do ano mais de 400 milhões de reais na preservação do meio ambiente. É quatro vezes mais do que desembolsou em 2004 em projetos ecológicos. O investimento reforça sua imagem de companhia 'verde', estratégia importante para ganhar pontos num mercado internacional cada vez mais sensível às questões ambientais. Paradoxalmente, a Vale é

³²⁰ (Idem, Luiz Makloun Carvalho, Ed.7, 2007).

*também a mineradora campeã em multas do Ibama, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. Desde a privatização, levou 56 autos de infração, no valor de 37 milhões de reais. A mineradora não reconhece a maioria deles. Defende-se com recursos ao órgão e a outras instâncias do Ministério do Meio Ambiente. No ano passado, as multas chegaram a 2,9 milhões de reais. Apenas 217 mil foram pagos.*³²¹

Ao fim do texto, Carvalho encerra a denúncia ironizando a estratégia adotada pela Vale para contornar as graves multas que recebe tentando vender a imagem para o público leigo de ser uma empresa sustentável e que ajuda o país a progredir:

*A estratégia ambígua da Vale de investir no meio ambiente e paralelamente recorrer das multas não é uma invenção da administração privada. A maior das estatais, a Petrobras, também é uma das maiores infratoras das leis ambientais do país. Além do mais, desde a privatização o investimento da empresa na área se multiplicou, assim como a cobrança dos órgãos ambientais. Entre 1979 e 1989, por exemplo, no período anterior à privatização, a Mineração Rio do Norte, ligada à Vale, provocou um dos maiores desastres ambientais da Amazônia: despejou 24 milhões de toneladas de rejeitos da lavagem de bauxita no lago Batata, no Pará. Não houve multa, nem ação do Ministério Público.*³²²

Na mesma edição, ainda vale citar o perfil do então pretendente à presidência, Ciro Gomes, feito pela jornalista Daniela Pinheiro. Com o provocante título *Oligarquia irritada*, a jornalista abusa do sarcasmo para constatar como o 'clã dos Gomes' utiliza seu poder a favor do nepotismo sem, talvez, aceitar ou saber o que isso significa.

³²¹ (Idem, Luiz Maklouf Carvalho, Ed.7, 2007).

³²² (Idem, Daniela Pinheiro, Ed.7, 2007).

*Pergunte aos Gomes se eles se consideram uma oligarquia e a reação, bem no estilo deles, será de irritação. "Isso é reducionismo, é uma burrice", diz o chefe do clã, Ciro Gomes, o deputado federal mais votado do Brasil, proporcionalmente. "Não estamos no poder porque um impõe o outro, e sim porque temos vocação política e consciência pública", afirma o seu irmão Cid Gomes, governador do Ceará. "É como um karma", fala o irmão caçula Ivo, deputado estadual e chefe de gabinete de Cid. "É bobagem nos definir assim", garante a senadora Patrícia Saboya, ex-mulher de Ciro, que abandonou há pouco o sobrenome Gomes. "Nossa família tem cem anos de vida pública, colhemos o espaço natural de quem trabalhou direito a vida toda", finaliza o primo Tim Gomes, presidente da Câmara de Vereadores de Fortaleza. Como oligarquia é o regime político em que o poder é exercido por um pequeno grupo de pessoas, pertencentes à mesma classe ou família, os Gomes não têm por que se irritar. Poderiam até se alegrar, já que, ao contrário de outras oligarquias nordestinas, como os Sarney, os Magalhães, os Alves e os Maia, que foram humilhados nas urnas na última eleição, eles estão por cima da carne-seca. Desbancaram o grupo capitaneado pelo senador tucano Tasso Jereissati, têm cinco da família em cargos eletivos e são os chefes políticos incontestes do Ceará.*³²³

Ataques de riso talvez seja exagero, mas o texto consegue, separadamente, promover ataques, pois então ao clã, e risos, ao humilhá-los com as denúncias e constatações de absurdos da família frente ao poder no Ceará. Politicamente incorreto? Sim, obrigado.

No texto de ficção *Dez anos de piauí*, na edição de número 13, João Moreira Salles provoca com muito humor um suposto futuro dos acontecimentos que a revista enfrentaria. “Dez anos. Cento e vinte edições,

³²³ (Idem, Daniela Pinheiro, Ed.7, 2007).

incluindo as duas que foram apreendidas – injustamente – pela Delegacia de Costumes. Foi uma esplêndida caminhada, com alguns percalços, muitas alegrias e permanente labuta”³²⁴, inicia a matéria, e ainda confirma que o saldo geral foi bom, apesar dos cinco dias de carceragem, de onde contrataram o diretor financeiro.

Em tom jocoso e o mais próxima do real, do que a publicação realmente pode ter enfrentado em seus primeiros meses, o texto critica o ceticismo geral por parte da indústria, do mau-olhado dos colegas, das desculpas esfarrapadas dos anunciantes em potencial e dos leitores eternamente insatisfeitos.

Ao citar Eugênio Salles, antigo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, que teria proibido a publicação de “suas salientes memórias de meninice.” A revista ficticiamente orgulha-se, também, de ter sido a primeira a noticiar que o suposto filme *Xuxa e o Duende Radioativo* havia sido selecionado para concorrer à Palma de Ouro, em Cannes.

O sarcasmo também atinge o empresário João Dória Jr., que teria recebido o cargo de ministro, à frente da “secretaria de Assuntos para Daqui-a-pouco”, e desviava verbas para a “secretaria de Assuntos para Mais-Tarde”. “*A crise deflagrada pela nossa reportagem provocou, como se sabe, a renúncia do presidente Lula e seu posterior exílio na Namíbia*”, ainda informa o texto.

A ficção continua ironizando que José Sarney tornou obrigatória a leitura de seus livros em todas as salas de aulas do Brasil, que o politicamente incorreto apresentador norte-americano, David Letterman, havia subido à presidência e, por fim, que o magnata da mídia Rupert Murdoch, tentou comprar a *piauí*, e tendo fracassado, resolveu ouvir sua suave noiva, Heloísa Helena, e comprar o simpático e sempre esquecido estado que dá nome à revista.

Uau! O texto está recheado de chistes, comicidades e humorismo. As passagens citadas justificam o título deste trabalho, pois é um dos melhores exemplos de *ataques de riso politicamente incorretos na mídia impressa brasileira*. São muitas associações possíveis em cada parágrafo, ao que

³²⁴ (Idem, João Moreira Salles, Ed.13, 2007).

podemos resumir que a política, a cultura e a ignorância são alvos das críticas do autor, que usa de uma ficção que esbarra na linha do possível. Só não é porque já foi, ao tempo do que será não se sabe. Como vimos ao longo de todos os outros exemplos, há jogos de palavras, metáforas, constatações (imaginárias) e humor (auto)destrutivo, o que torna o texto extremamente risível e prazeroso de ser lido.

Portanto, após algumas palhas de demonstrações do risível nas três mídias selecionadas, as máximas, notas e reportagens demonstraram o uso de técnicas de linguagem a fim de despertar o prazer no leitor, baseando-se na transgressão e denuncia, logo, o politicamente incorreto.

Ao longo do presente projeto, o objetivo dos capítulos foi apresentar as principais teorias a respeito do prazer do riso, da conquista das massas à luz da psicanálise e comunicação e a audiência para o discurso politicamente incorreto.

Enfim, após as teorias serem apresentadas, as perguntas para o estudo feitas e os exemplos analisados, a seguir, as conclusões apontam o que foi compreendido e atestado ao longo de todas as páginas.

Considerações finais - *R.I.P. - Risos Incorretos Possíveis*

Pensando darwinianamente, sobrevivem aqueles que melhor se adaptarem em meio às adversidades, certo? Pois o riso, se pensarmos bem, também se estrutura na teoria. Como a evolução apresenta, os macacos (seja King Kong, a Chita ou o Simão) sempre souberam rir (e deles até roubamos o cômico de escorregar na casca de banana), e no andar da espécie, entre nós, os talvez demasiados humanos, melhor desfrutaram dos gozos da vida quem não a levou tanto a sério.

Não que a essência de gaia deva ser uma piada eterna, no entanto, a cada novo alvorecer, com tanta falta de sentido na vida, onde o foco de prazer e suposta felicidade passa pelo gozo desenfreado e não o desfrutado, levar a vida sorrindo, talvez seja a melhor pedida.

Há um consenso que o brasileiro é um povo alegre por natureza, que sabe rir de si mesmo e consegue enfrentar situações das mais adversas sem perder toda sua graça. A historiografia brasileira aponta que as premissas são mais verdadeiras do que míticas, e, as relações da sociedade com o risível se desenvolvem desde os primórdios, manifestando-se de geração em geração e provocando ecos perceptíveis ainda hoje.

Com constante presença midiática, nos impressos, rádio, televisão, publicidade e, mais recentemente, na internet, o riso pauta os atos e desejos da nação, isto é, denuncia os costumes de um sujeito, da massa e do sistema.

Considerando isso, essa pesquisa se propôs a pesquisar o riso causado pelo politicamente incorreto na imprensa brasileira a partir da análise de três veículos de comunicação impressos.

Nas três mídias selecionadas, percebe-se que a iniciativa do humor destacou-as como “alternativas”, caracterizando-as exatamente por meio desse constante traço do causar riso.

Como mostram os exemplos recortados das três mídias impressas brasileiras no capítulo anterior, a partir da concepção das teorias dos chistes

de Freud, constata-se, portanto, que o risível é, de fato, uma arma linguística utilizada para denunciar, enfrentar e humilhar as morais hipócritas, injustas e consequentes que constituem a sociedade em suas diferentes ramificações políticas, religiosas e culturais.

O prazer inconsciente e consciente encontra meios de se expressar e satisfazer pelos inúmeros jogos de palavras.

Respondendo aos questionamentos deste trabalho, chegamos às seguintes conclusões:

a. quais as técnicas de chiste, cômico e humor utilizadas nas três diferentes mídias:

Nos três periódicos analisados, foram constatados o uso das técnicas freudianas do riso e do prazer. O chiste, com suas subdivisões, aparece em maior proporção com expressões de múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido. A condensação é o caso que menos aparece, aparentemente por sua força oral e temporal.

Pela apuração, o chiste é a técnica que ao longo dos anos veio perdendo espaço na mídia. As empresas jornalísticas no geral não toleram de suas equipes estas manifestações (dos colunistas, nos abstermos), e poucas são as vezes em que elas podem ser utilizadas.

O cômico e o humor, no entanto, estão presentes desde o começo e persistem até atualmente, talvez por sua mais fácil forma de se “esconder” o que está realmente falando.

O cômico está conectado com a ironia e o humor com o sarcasmo. Sendo um texto escrito, dependendo do contexto e da habilidade de seu autor, é possível camuflar o real e mesmo assim atingi-lo. Enfim, nas três mídias selecionadas comprova-se a teoria freudiana.

b. se todo o risível aparente nas publicações é politicamente incorreto:

Tendo em vista o politicamente incorreto adotado desde o começo do trabalho, aquele que denuncia e critica algo com base em fatos anteriores,

sim, pode-se confirmar que o risível, se não em sua totalidade, tem interesse em atacar a realidade.

Nos textos do Barão, o politicamente incorreto atinge todas as camadas, criticando a política, os militares, a sociedade e a cultura.

O *Pasquim* atacou diretamente a censura e a ignorância instaurada, com algumas outras piadas sobre publicidade, os próprios amigos e as possibilidades da compreensão da língua.

A *piauí*, a 'mais séria', usa do humorismo para rir temas de curiosidade geral, de costumes não corriqueiros e que o leitor acaba por descobrir, e usa do cômico para denunciar fatos estranhos e que não vão de encontro com o correto, ético e justo.

c. se o riso de denúncia alcançou resultados:

Sim, as três mídias obtiveram retorno do público leitor, alcançando resultados notáveis.

O Barão teve suas publicações muitas vezes censurada por tamanhos incômodos. O personagem tornou-se herói e modelo de inspiração para gerações posteriores, até hoje.

O resultado do *Pasquim* foi o acordar de uma geração de intelectuais que se uniram para combater um período negro da história. Resistente contra bombas que não explodiram e celas, eles não desapareceram nem sumiram, tornando-se referência no 'jornalismo alternativo' e no humor brasileiro.

O caso da *piauí* ainda merece mais análise. Contudo, até onde é possível, entende-se que a revista mexeu o mercado editorial e conquistou um público da classe-média que estava cansado das rotinas das semanais.

As denúncias irônicas que a revista promove são aplaudidas como aulas de jornalismo, e as pautas não convencionais despertam o prazer de ler em leitores menos desacostumados.

Considerada inteligente e ousada, ganha cada vez mais espaço no mercado, apesar de enfrentar críticas por outros como supervalorizada. De qualquer forma, ela incomoda, ela faz pensar. E somente por isso, que não é pouco, cumpre uma importante tarefa.

d. se é possível, afinal, alcançar prazer com a leitura das anedotas:

Sim, pelas três mídias é possível se divertir e ter prazer lendo as diferentes publicações de tais.

Ler atualmente os textos do Barão requer o mínimo conhecimento da época para conseguir contextualizar suas piadas e implicâncias. Contudo, o que se sobressai em seu trabalho são suas máximas, estas, tão bem elaboradas que, infelizmente, continuam atuais. Não fosse apenas a distância no tempo, é prazeroso rir de trocadilhos do autor em crítica a políticos e a sociedade.

A época do *Pasquim* é repetidamente lembrada na sociedade, e por isso fica mais fácil entender contra o que eles estavam lutando. E mesmo sem o contexto, o risível do *Pasquim* é pautado pelo humor, o rir de si mesmo, e boa parte dos textos, máximas e desenhos provocam o riso sem necessitar entender a entrelinha. Óbvio que saber torna a piada mais gostosa, mas ao mesmo tempo comprova a excelência da produção. O risível do *Pasquim* gera a gargalhada, o engasgo e o prazer de uma boa ideia.

Com a *piauí*, o sorriso é mais irônico, não é para um grupo, mas para o leitor divertir-se consigo mesmo. O prazer das irônicas e sarcasmos fica no limite da raiva com as denúncias feitas. O prazer vem da humilhação e crítica a quem supostamente sabemos que faz coisas erradas ou cometeu vacilos em seu percurso. Com passagens literárias, o texto prepara o leitor para muitos desses momentos de surpresa e exclamação para o riso se manifestar e prestar seu serviço.

A partir disso, as três épocas distintas reforçam a ideia de que o homem e a sociedade vivem em uma complexa (ou nem tanto) roda viva, sempre se repetindo *ad infinitum*. Além da comprovação de que o politicamente incorreto faz parte da história da imprensa brasileira.

Entre muitos exemplos, fiquemos ao que trata este trabalho, a que sempre haverá neuróticos dispostos a governar sem razão e em benefício próprio, e entre silêncios, repressão e medo, haverá aqueles também (os

enviados? os prometidos? os humoristas?) que usarão da palavra para se manifestar contra. Ela será sempre bem-vinda, ainda mais em seu estado mais espirituoso.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor. **As estrelas descem à Terra**. São Paulo: UNESP, 2007.
- __ e HOCKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ALMEIDA, Jane. **Achados Chistosos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- ALMEIDA, Leonardo Pinto e ATALLAH, Raul M. Figueiredo. **O conceito da repetição e sua importância para a teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro: Ágora (UFRJ), 2008.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: Uma história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKTHIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALL-ROKEACK & DeFLEUR, Sandra & Melvin. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENEDITO, Mouzar. **Barão de Itararé**. São Paulo: Expressão popular, 2007.
- BERGSON, Henri. **O Riso**. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terras, 2007.
- __, Bruno. **A Viena de Freud**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- BREMER, Jam; ROODEMBURG, Herman. **Uma História Cultural do Humor**. São Paulo: Editora Record. 2003.
- CALLIGARIS, Contardo; **Crônicas do Individualismo Cotidiano**. Editora Ática. 1996.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/EdUSP, 1998.
- CASTRO, Ruy, **Ela é carioca**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CESAROTTO, Oscar. **O que é psicanálise**. 2ª visão. São Paulo: Brasiliense, 1992.

- _ **Ideias de Lacan**, São Paulo: Iluminuras, 1995
- _ e LEITE, Marcio Peter de Souza. **Jacques Lacan – Uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- CHALHUB, Samira. **Animação da Escrita**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- CHAUÍ, Marilena, **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- CHNAIDERMAN, Mirian. **Ensaio de psicanálise e semiótica**. São Paulo: Escuta, 1989.
- CONY, Carlos Heitor. **O ato e o fato**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.
- ECO, Umberto; SEBOK, Thomas. **O Signo de Três**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2008.
- DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.
- FREUD, Sigmund; **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _, e WILSON, Thomas Woodrow, **Um estudo psicológico**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**, vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _ Elio. **A ditadura envergonhada**, vol. 1. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- GOLDENBERG, Ricardo. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GRESPLAN, Jorge. **Folha explica MARX**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HAYDT, R.C. **Curso de didática geral**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- ITARARÉ, Barão de . **Almanaque para 1949**. São Paulo: Edusp, 2003.
- JAGUAR, e AUGUSTO, Sérgio. **O Pasquim antologia 1969-1971**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. Boitempo, São Paulo, 2010.

KONDER, Leandro. **Barão de Itararé**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta Oficina, 1991.

KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_ e SLAVUTSKY, Abrão; (Org.). **Seria Trágico... se não fosse cômico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LACAN, **O seminário, livro 11**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEADER, Darian. **Lacan: a graphic guide**. London: Icon books, 2010.

LEITE, Marcio Peter de Souza. **Psicanálise lacaniana**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LIMA, Luiz Tenório Oliveira. **Folha explica FREUD**. São Paulo: Publifolha, 2001.

LODÉA, A. L. . **Entendimento e Linguagem: uma compreensão da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas**. Guairaca (UNICENTRO), v. 26, p. 38-59, 2011.

MACEDO, Heitor O'Dwyer de. **Cartas a uma jovem psicanalista**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MANNONI, Octave. **Freud, uma biografia ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

MATOS, Olgária. **A história**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

_ **A escola de Frankfurt**. São Paulo: Moderna, 2006.

_ **Benjaminianas**. São Paulo: Edusp, 2010.

_ **Discretas esperanças**, São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

Manual da redação: Folha de S. Paulo, São Paulo, Publifolha, 2002.

MARCONDES Filho, C. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MARQUES de Melo, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_ **História social da imprensa**. Rio Grande do Sul: EdipucRS, 2003.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**. São Paulo: Penguin, 2010.

MORAIS, Fernando, **Chatô, o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Leda Tenório da. **Proust: A violência sutil do riso**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_ **Catedral em obras – Ensaaios de literatura**. São Paulo: Iluminuras, 1995.

NASIO, Juan David. **Os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Trad. De Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_ **5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. **Doze lições sobre Freud & Lacan**. Campinas: Ponte, 2010.

NIETZSCHE, Friederich. **Ecce Homo**. São Paulo: L&PM Editores, 2004.

OLIVER, Martyn. **História ilustrada da filosofia**. São Paulo: Manone, 1998.

OSBORNE, Richard. **Freud para principiantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

NUNES, Silvia Alexim. **A psicopatologia da vida cotidiana, como Freud explica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PENA, Breno Ferreira. **As vicissitudes da repetição**. Belo Horizonte: Círculo psicanalítico de Minas Gerais, 2007.

PINTO, Manuel da Costa (org.). **O livro de ouro da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

POSSENTI, Sírio e BARONAS, Roberto L., **A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira**. Cuiabá: Revista Polifonia, ed. 12, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Freud – Por que tanto ódio?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_ Elisabeth. **Lacan, a despeito de tudo e de todos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_ Elisabeth. **Por que a psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RUSSEL, Bertrand. **No que acredito**. São Paulo: L&PM, 2007.

SAFATLE, Vladimir. **Folha explica Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_, Lucia. **A Teoria dos Signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

_, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

SANTOS, Clóvis Pereira. **Clio e Psique**. São Paulo: 2009.

_ **Thânatos e civilização**. São Paulo: 2007.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_, Nelson. **História militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

THOMPSON, Alex, **Compreender Adorno**. São Paulo: Vozes, 2010.

VENTURA, Zuenir. **1968 – O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VOLLI, Ugo. **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

VOLTAIRE. **Cândido**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WENECK, Humberto, **Vultos da república**. São Paulo, Companhia das letras, 2010.

WITTER, Geraldina Porto e RAMOS, Oswaldo Alcanfor. **Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil**. *Psicol. esc. educ.*, jun. 2008, vol.12.

WOLF, Fausto. **Teorias da comunicação**, Lisboa, Editorial Presença, 2002.

Internet

ANJ – Associação Nacional de Jornais.

<http://www.anj.org.br/>

BARCINSKI, Andre, **Folha de S.Paulo**, 2011.

BENTO, Conceição Aparecida. **A escrita e o sujeito**. USP, 2004.

<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a20v1512.pdf>

http://andrebarcinski.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-15_2011-05-21.html

COELHO, Marcelo, **Folha de S.Paulo**, 2011.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/917484-politicamente-fascista.shtml>

DINES, Alberto e colaboradores. **Observatório da Imprensa.**

http://tvbrasil.org.br/observatoriodaimprensa/arquivo/principal_071002.asp

[_ http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=453IMQ006](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=453IMQ006)

—

MILLÔR online

<http://www2.uol.com.br/millor/>

PAIVA, Marcelo Rubens, **Estadão**, 2011.

<http://blogs.estadao.com.br/marcelo-rubens-paiva/a-moda-do-reaca/>

PIAUÍ

<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-67>

SILVA, Josué Cândido da. **Habermas, Apel e a ética na linguagem.**

<http://educacao.uol.com.br/filosofia/filosofia-da-linguagem-7.jhtm>

VENTURA, Zuenir, **O Globo**, 2011.

<http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2011/05/25/riso-preconceito-382454.asp>

Documentários

Olgária Matos - Café Filosófico

<http://www.cpfcultura.com.br/2010/07/21/cafe-filosofico-cpfl-eu-que-aprenda-a-levantar-olgaria-matos/>

Barão de Itararé – Programa De Lá pra Cá.

<http://www.youtube.com/watch?v=zG4GNLwO6gM>

O Pasquim – A subversão do humor.

<http://www.youtube.com/watch?v=8mhkBQN0B1A>

João Moreira Salles – Piauí

<http://www.youtube.com/watch?v=TrYM8TiR6yw>